



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

CONSELHO NACIONAL DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS

Levantamento do rio Jaucuara e de outros trechos do
Estado, destinados à conclusão da Carta de Mato-Grosso

PUBLICAÇÃO N.º 108

RELATÓRIO

DOS TRABALHOS REALIZADOS EM 1941 E 1942

APRESENTADO AO

Exmo. Sr. General Cândido Mariano da Silva Rondon

Diretor do Serviço de Conclusão da Carta de Mato-Grosso

PELO

2.º Tenente Luiz Moreira de Paula

do Quadro Auxiliar da arma de Engenharia

Departamento de Imprensa Nacional
Rio de Janeiro - Brasil - 1952



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

CONSELHO NACIONAL DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS

Levantamento do rio Jaucuara e de outros trechos do
Estado, destinados à conclusão da Carta de Mato-Grosso

PUBLICAÇÃO N.º 108

RELATÓRIO

DOS TRABALHOS REALIZADOS EM 1941 E 1942

APRESENTADO AO

Exmo. Sr. General Cândido Mariano da Silva Rondon

Diretor do Serviço de Conclusão da Carta de Mato-Grosso

PELO

2.º Tenente Luiz Moreira de Paula

do Quadro Auxiliar da arma de Engenharia

Departamento de Imprensa Nacional
Rio de Janeiro - Brasil - 1952

918.1
P324

488 185954

INDICE

Indice do texto e das gravuras	I/II
Carta do autor ao Diretor do Serviço de Conclusão da Carta de Mato-Grosso — General Cândido M. S. Rondon	3/4
Notas em tôrno do Relatório dos trabalhos realizados pelo autor — 2.º Tenente Luís Moreira de Paula — no Estado de Mato-Grosso e destinados à Carta do mesmo Estado	5

PRIMEIRA PARTE

Capítulo I — Discriminação dos trabalhos, conforme as instruções ..	9
Ordem cronológica — Meios empregados	10
Destina da documentação — Instrumentos	11
Material de acampamento — Pessoal	12
Fotografias	13
Capítulo II — 1) Documentação referente aos limites dos municípios confiantes com o de Cuiabá	15
Trabalho exposto	17
2) Rodovia Cuiabá-Rondonópolis	18
3) Rodovia Cuiabá-Rio da Casca	20
4) Rodovia Cuiabá-Santo Antônio	21
5) Rodovia Cuiabá-Poxorêu	21
6) e 7) Zona do rio Pari-Morro Cortado — Sangradouro Grande — Corrégo do Almôço, etc	22
Capítulo III — 8) Alinhamento taqueométrico Barracão-Monjolo-Córrego do Almôço	25
9) Alinhamento taqueométrico Monjolo-Fazenda Coqueiro-Cabeceira do rio Jaucoara	26
10) Levantamento taqueométrico do rio Jaucoara	27
11 e 12) Lev. taq. até o salto do ribeirão Água Limpa e trecho do rio Paraguai, de 3 km acima da foz do Jaucoara até a vila Barra dos Bugres	31
13) Idem dum trecho do rio dos Bugres	32
14) Idem do Vão Grande-Alegrete e dali à linha telegráfica Cuiabá-Rosário Oeste	33
15) Idem Barra dos Bugres-Cabeceira do Jaucoara	35
16) Amostras de quina	36

SEGUNDA PARTE

Capítulo único: Aspecto geral da região onde está situado o rio Jaucoara e arredores	41
O primeiro boqueirão	45
Vale do Camarinha	46

A Caverna — O segundo boqueirão	47
Vale do Vão Grande — O terceiro boqueirão	49
O Vãozinho	50
O quarto e último boqueirão	51
Boqueirão Presidente Vargas — Estrada para Cáceres	52
Represas	54
Bases aéreas	55
Sub-solo	56
Quadro dos percursos realizados e distâncias medidas — Despesas ..	58
Instruções detalhadas formuladas pelo então Coronel F. Jaguaribe Gomes de Matos, Diretor do Serviço de Concussão da Carta de Mato-Grosso ..	59
Anotações rápidas sobre as condições de vida da povoação radicada entre Cuiabá, Poconé, Rosário-Oeste e Barra dos Bugres — Ad- vertência	65
Usos e costumes — Aspectos físicos da Zona Baixa	66
População — Alfabetização	67
Vícios de linguagem	68
O tipo humano	69
Alimentação	70
Habitação	71
Vestuário	72
Uso da rede	73
O lambari — Comércio	74
Indústria pastoril	75
Relíquias — Superstições, etc.	77
Medicamentos e curandeiros	79
Festas	80
Tratamento da terra	84
As roças	85
Garimpos diamantíferos	87
Poeiros	88
Conclusão	91

TERCEIRA PARTE

Rumo ao Oeste	95
O sertão — Chegar, ver e vencer	96
Pan-americanismo	97
Cuiabá	98
Rodovias — Pioneiro	99
A serra	100
O rio Jaucoara	102
O salto do Água Limpa — O primeiro boqueirão do Jaucoara	104
A caverna do Camarinha — O 2.º boqueirão	105
O terceiro boqueirão	107
Produção	108
O boi de cangalha	109
O quarto boqueirão	110
Portão de Nice — Crepúsculo	111
Trecho do rio Paraguai — Navegação	112
O jaucoarense	113
Menino-Soldado — Visão	114
Roteiro — Homenagem — Boqueirão Getúlio Vargas — Concluindo ..	115
Fotogravuras	117

Ao Exmo. Sr. General Rondon:

Ao arquivo particular de V. Ex.^a hei destinado estas notas.

Como verdadeiro mestre, conhecedor do sertão, seus encantos e traições, por tê-lo visto, nêle vivido e perlustrado tantas vêzes, pessoalmente experimentando dificuldades e dominando-as bem longe do confortável gabinete, V. Ex.^a relevará as falhas aqui contidas, compensando-as com o que eventualmente haja de aproveitável nestas singelas anotações, singeleza que vai até à apresentação material.

Não figuram aqui os desenhos dos levantamentos, os quais deixam de integrar, como deviam, o presente volume: consequência da própria determinação de V. Ex.^a, a fim de evitar caíam em mãos estranhas, elementos técnicos destinados a carta de Mato-Grosso.

Talvez seja possível a V. Ex.^a examinar êsses desenhos na sede da referida Carta.

Do subordinado e admirador de V. Ex.^a

LUIZ MOREIRA DE PAULA,
2.^o Ten.

SERVIÇO DE CONCLUSÃO DA CARTA DE MATO-GROSSO

N O T A S

EM TORNO DOS TRABALHOS REALIZADOS PELO 2.º TENENTE
LUIZ MOREIRA DE PAULA

NO ESTADO DE MATO-GROSSO, PARA A CARTA DO MESMO
ESTADO

*Relatório apresentado ao Exmo. Sr. General
Cândido Mariano da Silva Rondon, m. d. Presidente
do C.N.P.I. e Diretor do Serviço de
Conclusão da Carta de Mato-Grosso.*

Exmo. Sr. General Diretor:

Senhor Diretor:

De acôrdo com o plano estabelecido nas instruções a respeito dos trabalhos complementares a serem feitos no Estado de MATO-GROSSO, para a Carta Geográfica daquele Estado, parti desta Capital a 28 de novembro de 1941 por via terrestre, prosseguindo viagem de PÔRTO-ESPERANÇA até CUIABÁ, por via fluvial.

Consumido tempo normal na primeira etapa do itinerário (RIO-CORUMBÁ), depois de esperar durante 5 dias naquela cidade a partida de uma lancha, continuei viagem para CUIABÁ, onde cheguei após 9 dias de marcha.

Da missão de que me incumbistes, contida em notas escritas e telegramas posteriores, que muito a ampliaram, apresento abaixo uma discriminação na qual se destacam as partes componentes do todo, para facilitar a pormenorização de cada uma dessas partes, como o faço nos diversos itens desta exposição.

E' a seguinte a discriminação a que me refiro:

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I

DISCRIMINAÇÃO DOS TRABALHOS

1. Coleta de informações e documentos cartográficos e topográficos de Mato Grosso, que pudessem interessar à Carta do Estado especialmente no que se referisse aos limites dos Municípios adjacentes à capital do Estado e, quanto possível, examinar diretamente no terreno as linhas desses limites.

2. Levantamento expedito da rodovia CUIABÁ-RONDONÓPOLIS.

3. Levantamento expedito da rodovia CUIABÁ-RIO DA CASCA.

4. Levantamento expedito da rodovia CUIABÁ-POXORÊU.

5. Levantamento expedito da rodovia CUIABÁ-SANRO ANTÔNIO.

6. Reconhecimento expedito da margem esquerda do RIO PARÍ.

7. Reconhecimento expedito da zona RIO PARÍ-MORRO CORTADO-RIO SANGRA DOURO GRANDE — etc. (pontos de referência dos limites mencionados no número 1).

8. Levantamento taqueométrico de um alinhamento (apoiado na linha telegráfica POCONÉ-CÁCERES) partindo do antigo BARRAÇÃO, até o sítio MONJOLO e dali ao Córrego do ALMÔÇO.

9. Prolongamento desse alinhamento taqueométrico até a Fazenda COQUEIRO e dali até a cabeceira do RIO JAUCOARA.

10. Levantamento taqueométrico do RIO JAUCOARA.

11. Levantamento taqueométrico, partindo de um ponto do RIO JAUCOARA até o salto do seu afluente ÁGUA LIMPA.

12. Levantamento taqueométrico apoiado no Rio Jaucoara, partindo do VÃO GRANDE até a vila ALEGRETE e da Estação Telefônica dessa vila, pela respectiva linha, até a linha telegráfica CUIABÁ-BROTAS-ROSÁRIO.

13. Levantamento taqueométrico do trecho do RIO PARAGUAI, a partir de 3 kms. acima da foz do Rio Jaucoara, passando por essa foz e continuando até a vila de BARRA DOS BUGRES.

14. Levantamento taqueométrico de um trecho do Rio dos Bugres, até a sua foz no Rio Paraguai.

15. Levantamento taqueométrico, partindo de BARRA DOS BUGRES à Fazenda TRÊS RIBEIRÕES e dêsse ponto até atingir novamente a cabeceira principal do Rio Jaucoara.

16. Obter amostras da planta silvestre denominada "QUINA", destinadas à análise para fins científicos.

ORDEM CRONOLÓGICA

A discriminação dos trabalhos, não só não constava das instruções na ordem, método e variedade aqui enumerados, como também não quer dizer que aqueles trabalhos fôsem executados na referida sucessão cronológica. E' apenas um critério adotado.

Note-se que a parte da incumbência que exigiu organização de caráter expedicionário (trabalho taqueométrico) não estava prevista e só resolvestes sôbre a sua execução quando me achava no término dos demais trabalhos.

MEIOS EMPREGADOS

Foram utilizados os meios de locomoção facultados pela administração do Estado de Mato-Grosso e outros, postos à minha disposição por essa Diretoria. São conhecidas as dificuldades em que se tropeça, tratando-se da realização de trabalhos em grandes extensões, em zonas desprovidas de recursos primários, dificuldades essas agravadas em Mato-Grosso pela escassez de transportes e de estradas. Dentro das possibilidades, houve da minha parte o maior interesse em aproveitar o tempo, elaborando no próprio local do traba-

lho grande parte de esboços, organizados à noite e aos domingos, quando êstes não eram aproveitados em fazer progredir o trabalho no campo, caso mais freqüente.

DESTINO DA DOCUMENTAÇÃO

Aos trabalhos acima enumerados foi dado o seguinte encaminhamento à medida que iam sendo obtidos os dados relativos a cada um:

N.º 1 — Cópias da documentação existente na Diretoria de Terras e Colonização de Mato-Grosso e de outras fontes, julgadas de interêsse para a Carta do Estado: *Remetidas a essa Diretoria.*

N.º 3 a 9 — *Desenhadas as linhas fundamentais no local do trabalho e remetidos os desenhos a essa Diretoria.*

N.º 10 (1.ª parte) — *Desenhada no local do trabalho e remetida a essa Diretoria.*

N.º 10 (2.ª parte) — *Remetidas as cadernetas para ser feito o desenho no Escritório Técnico dessa Diretoria.*

N.º 12 — *Desenhado no local do trabalho e remetido a essa Diretoria.*

N.º 11 e 13 a 14 e 15 — *Trazidas as cadernetas para confecção dos desenhos no Escritório Técnico dessa Diretoria.*

N.º 16 — *Remetida a essa Diretoria por via postal.*

INSTRUMENTOS

O instrumental utilizado nos trabalhos foi levado desta Capital. Não obstante a distância, múltiplos meios de transporte, em ordem crescente de precariedade e os inevitáveis acidentes decorrentes dessa precariedade, todo êle correspondeu às necessidades.

Constou do seguinte:

- a) Um taqueômetro auto-redutor SANGUET.
- b) Uma bússola prismática CASELLA.
- c) Dois barômetros compensados CASELLA.
- d) Uma trena de tela de 50 m. CHESTERMANN.
- e) Acessórios.

MATERIAL DE ACAMPAMENTO

Se o instrumental foi levado desta Capital, tanto não aconteceu com o material de acampamento, do qual se dispunha apenas de uma barraca de oficial. E' que não foi prevista uma campanha que exigisse equipagem dessa natureza. E quando foi deliberado fazer-se trabalho pesado longe dos lugares dotados de possíveis recursos, a estação já não permitia muita delonga: havia premência de tempo.

Verificada a impossibilidade de obter êsse material por empréstimo (medida sempre desaconselhável por causa da usura, perdas e prejuízos decorrentes) tive que improvisar um ligeiríssimo trem, dentro das necessidades mínimas do serviço e de acôrdo com a ausência de verba para tal fim. Um tôlido de 3 x 4 metros, por exemplo, foi feito de algodão comum impermeabilizado com uma mistura, de breu e sêbo. Teve a duração necessária ao tempo consumido nos trabalhos.

PESSOAL

Do início ao fim dos trabalhos foi empregado sempre o pessoal estritamente necessário. Nos levantamentos expedidos, feitos em automóvel, trabalhei só ou com o auxílio eventual do encarregado dos serviços de estradas de rodagem do Estado, interessado nos métodos de levantamento.

Na viagem circular da zona do Rio Parí, Morro Cortado, etc., usei apenas um prático dos caminhos. Só quando o trabalho tomou o aspecto de expedição a longa distância, ou seja na execução da parte taqueométrica, foi organizada uma turma, que variou de 3 a 9 homens, quando a natureza do terreno o exigia, constando de *picadeiros*, cozinheiro, porta-mira, porta-instrumento, etc., sistematicamente dispensados aqueles cuja colaboração ia-se tornando desnecessária.

Por ser época de colheita das roças e pesca de lambaris, a cuja finalidade adiante me refiro, não foi muito fácil angariar trabalhadores, nos arredores de Barracão e Monjolo, onde foi começado o levantamento, zona de população pouco densa. Os que entravam na turma, pouco se demoravam, em geral 3 a 6 dias, embora logo se acostumassem e gostassem do trabalho, porque tinham pescaria a fazer

e roça a atender. Dai, o grande revezamento que se verificava no pessoal, acarretando dificuldades para o serviço, pois que semanalmente era preciso instruir novos portamiras, porta-instrumentos e *picadeiros-chefes*.

Essa enorme desvantagem era contrabalançada, em parte, pela conveniência que se tinha em possuir na turma pessoal sempre conhecedor do terreno, dos moradores e recursos locais.

À primeira vista parece seria conveniente a organização de um pessoal mínimo na base de partida e irem-se engajando os elementos que se fôsem tornando necessários ao correr da zona de operações.

No caso do meu trabalho, porém, essa medida ficou prejudicada pela necessidade de fazer o máximo de economia.

O pessoal que fôsse levado da retaguarda, teria que ser pago continuamente, enquanto durasse a expedição, com todos os imprevistos em trabalhos dessa natureza, ao passo que, da forma como se procedeu, nunca houve necessidade de pagar diária a ninguém que não estivesse de fato em atividade imediata. E as dispensas e admissões de trabalhadores eram feitas, pode dizer-se, de um dia para o outro, porque todos moravam mais ou menos perto, levando em conta a noção de *perto* existente na região.

FOTOGRAFIAS

Consta ainda da documentação dos trabalhos aqui referidos copiosa coleção de vistas fotográficas que ilustram estas notas, sendo que uma seleção, ampliada em 0 m, 18 x 0,24 teve a honra de figurar na *Exposição do 1.º quinquênio do Estado Nacional*, realizada nesta Capital. Encerrada aqui a Exposição, as fotografias seguiram para a *Exposição do Parque da Água Branca*, em São Paulo, por iniciativa do Departamento de Imprensa e Propaganda (D.I.P.). Essa entidade, recorrendo aos bons ofícios do Sr. Coronel José de Lima Figueiredo, Adjunto do Gabinete do Exmo. Sr. Ministro da Guerra, obteve idêntica coleção para remeter aos Estados Unidos da América do Norte.

CAPÍTULO II

DOCUMENTAÇÃO REFERENTE AOS LIMITES DOS MUNICÍPIOS CONFINANTES COM A CAPITAL DO ESTADO

1. Com referência a esta epígrafe, a documentação existente na Diretoria de Terras e Colonização do Estado de Mato-Grosso é a mesma cujas cópias existem nos arquivos dêste Serviço.

São cartas organizadas em cumprimento ao Decreto-lei n.º 311 de 2-III-1938, compiladas com os elementos de que dispunham os municípios. Êsses elementos geralmente constavam de plantas elaboradas por agrimensores e práticos, das terras medidas, cada um empregando o método e a escala que melhor lhe aprouvessem.

E' sabido que nesses trabalhos o nivelamento é coisa inexistente e quanto aos acidentes do terreno, são assinalados apenas aqueles ou os trechos daqueles que interessam à delimitação da porção de terra que se busca medir. Por fugir ao assunto principal e em atenção ao elevado custo do papel, não convém ir adiante nesse assunto de medições.

Para que os municípios pudessem organizar as suas cartas em condições de representar sofrivelmente a fisionomia do terreno, precisariam pelo menos dos seguintes recursos:

- a) tempo necessário para obter dados no campo;
- b) plano de trabalho;
- c) *verba*.

Deixa-se de cogitar de uma Comissão Especial encarregada dos trabalhos, justamente para não criar a necessidade de custosíssima engrenagem orientadora, com pesado e erudito séquito formado pelo corpo de técnicos especia-

lizados. Bastaria que alguém congregasse a multidão de agrimensores existentes em Mato-Grosso e lhes dissesse *como* deviam fazer o serviço e *quando* o deviam dar por pronto. Homens afeitos à vida prática, cada qual saberia desincumbir-se sem aparatos e eficientemente de sua missão. Mas isso é assunto que já pertence ao passado. Se faltou o tempo indispensável à elaboração do trabalho, a verba também andou em greve e primou pela ausência. E o resultado foi os municípios apresentarem (os que apresentaram) as cartas aludidas, que não representam pequeno esforço, dadas as dificuldades de compilar plantas desenhadas nas mais variadas escalas e quase sempre insuficientemente informadas.

Nessas condições, não foram muitos os documentos novos obtidos naquela fonte, porém, os julgados de interesse foram copiados.

Constava das Instruções elaboradas por essa Diretoria (cuja cópia está anexa a estas notas) percorrer as linhas de limites de diversos municípios, fazendo o levantamento respectivo. Essas linhas, descritas no *Diário Oficial* do Estado de Mato-Grosso de 31-XII-1938, Anexo n.º 2 do Decreto-lei n.º 208 de 26-X-1938, obedecem aos limites consignados nas cartas municipais a que já me referi, ou vice-versa. São geralmente caracterizadas por acidentes naturais: rios, córregos, baías, cumiadas de serras e interligadas nesse ou naquele ponto por linhas sêcas.

De qualquer forma, percorrer tais limites, medindo-os, seria tarefa que absorveria longo tempo, acarretando grandes despesas, conforme comuniquei oportunamente a essa Diretoria, a menos que houvesse a resolução de fazer-se o levantamento pelos modernos processos aerofotográficos, os quais por sua vez não dispensam a colaboração dos esquadrihadores do terreno, além da difícil aplicação em regiões semi-desertas.

De modo geral as fronteiras municipais foram relegadas para terrenos inacessíveis, como píncaros de serras, vales tortuosos e cobertos de matas, pantanais destituídos de pontos de referência, etc.

Além do mais, fazer em tais condições dispêndias a medida de pedaços de limites, resultaria trabalho pouco

mais que inútil. Parece que a verdadeira solução do problema seria contornar todos os municípios interessados. Mas, obra de tal envergadura estava por completo fora do plano esboçado nas instruções. Será todavia a única maneira de obter-se a configuração razoável dos municípios, até que por lá cheguem os modernos e definitivos processos cartográficos. Compilando cartas de fazendas, plantas feitas a olho, cujo grau de justeza das respectivas medições ninguém conhece, só podem ser obtidos arremedos de cartas municipais. Entretanto, suponho que a planta de uma fazenda devia cair como uma peça de mosaico na carta geral. Justapostas duas dessas cartas municipais, ainda que traçadas na mesma escala, e sendo de municípios confinantes, é impossível fazer coincidir a linha comum. Nem é para menos.

TRABALHO EXPEDITO

Inicialmente não foi realizado senão trabalho expedito de levantamento de estradas, etc., usando-se a bússola em tripé, barômetros e o quilometrador de automóvel, submetido previamente à necessária aferição. É um método de levantamento que dá sempre resultados satisfatórios, desde que se empreguem os meios com o cuidado conveniente. Esse cuidado, em resumo, não vai além da aferição das distâncias acusadas pelo registador do automóvel e do uso do tripé na bússola, que deve estacionar a uma distância conveniente do automóvel. Bússola na mão, só para orientação individual; para trabalho de campo, o resultado nunca passará do *mais ou menos*.

Quanto à medida, o terreno geralmente plano dos caminhos percorriáveis por automóvel em Mato-Grosso, permitem uma boa aproximação, carecendo quase de importância a redução ao horizonte.

Muito diferente foi o resultado obtido com a medida tomada a passo de cavalo, aferido nas diversas andaduras. Cabe aqui a mesma observação que se faz quanto ao uso da bússola na mão.

Uma pequena extensão de terreno plano onde os caminhos sejam mais ou menos retos, vá lá que se aceite essa medida, com larga margem de tolerância. Mas, em

um terreno em que as curvas se sucedem de metro a metro nos sentidos vertical e horizontal, onde os caminhos são trilhos quase invisíveis e a crôsta se erica de montículos e retalha-se de fendas e sulcos, é perder tempo, é obter idéia muito vaga, senão nula, da topografia, fazer levantamento medido a passo. O itinerário relacionado com a zona do Rio Parí, Morro Cortado, etc. de acôrdo com as instruções foi feito pelo processo expedito e medido a passo de cavalo, aferido repetidamente nas diversas andaduras, tendo-se controlado o tempo com toda a exatidão. O resultado dá uma idéia geral da linha percorrida, mas não satisfaz ao explorador que, conhecendo a aspereza do terreno, sabe que as distâncias não estão expressas com grande exatidão. Mesmo com todas as dificuldades decorrentes, lamentei não ter usado o taqueômetro nesse trabalho. Feito por êste processo talvez não se ajustasse a outros levantamentos adjacentes, por excesso de exatidão; seria, contudo um trabalho mais perfeito.

2.

RODOVIA CUIABÁ-RONDONÓPOLIS

O título *rodovia* é pomposo de mais para a maioria dos caminhos trafegáveis em tempo sêco por automóvel em Mato-Grosso.

Mas, como tais caminhos são utilizados para êsse fim, deixe-se-lhes a denominação pretenciosa. Não há aqui nenhum espírito de crítica no sentido vulgar do têrmo; trata-se sômente de registrar o que existe e foi visto. Só um visionário poderá imaginar estradas de primeira classe a ligar cidades e vilas distanciadas entre si de centenas de quilômetros, através de regiões cuja densidade de população e produção é representada por uma fração muito próxima de zero.

Assim, é louvável o esforço que a administração do Estado despende na construção e conservação de sua extensíssima rêde de estradas.

E, levando em consideração o diminuto volume do tráfego, parece impossível existir auto-estradas naquelas regiões. Daí, a ligeireza do preparo das chapas de rodagem e a leveza das obras darte, geralmente de madeira,

bem como a procura constante dos espigões pelos velhos motivos conhecidos de todos.

Por lá é costume mudar-se o leito da estrada, para o que tudo serve de motivo: avaria ou queda de uma ponte, formação de atoleiro, queda de uma árvore na estrada, ou ainda porque o dono da terra houve por bem entender de cortá-la com uma cêrca. Assim, a mesma estrada, levantada em duas ou três ocasiões diferentes, apresenta dois ou três traçados estranhos entre si.

O que aqui fica dito aplica-se a todas as estradas que percorri, fazendo levantamento ou não, excetuando a que se acha em construção pela 4.^a *Companhia do 4.^o Batalhão Rodoviário*, que, pelos característicos de largura, raios e desenvolvimento das curvas, percentagem de rampas e estrutura das obras darte, parece destinada não só a ter vida longa e oferecer segurança ao trânsito em qualquer época do ano, como também a suportar tráfego pesadíssimo e de grande densidade.

A estrada que vem de Cuiabá a Rondonópolis é a mesma que se prolonga até Campo Grande, passando pela antiga Coxim, hoje Herculânea. A certo trecho, depois do Coxipó, a estrada percorre terrenos baixos, de difícil conservação e alagadiços.

Nas margens dos rios ARICÁ (mirim e açu) é elevada entre dois muros de arrimo, em alvenaria de pedra, uma boa obra, embora de altura insuficiente, só com três metros de largura e cheia de curvas.

A chamada Serra de São Vicente exigiu trabalho de terraplenagem de certo vulto, havendo grandes extensões de corte na rocha.

Parece, entretanto, que uma excessiva preocupação de economia prejudicou o bom andamento da obra, comprometendo-lhe seriamente a segurança: a estrada é estreita e as rampas têm trechos até com 21% de inclinação, além de curvas de raio muito menor que o mínimo tecnicamente recomendado.

Subordinada a todas as vantagens e desvantagens do terreno, a estrada alcança o Rio São Lourenço no ponto onde o Estado edificou uma ponte de madeira com cêrca

de 65 metros de comprimento; bem acabada e que seria ótima se o material empregado tivesse dimensões mais avantajadas.

Estava em andamento a extração de madeiras para a construção da ponte no Rio Poguba, em Rondonópolis. Essa ponte terá, segundo me informaram, cêrca de 80 metros de comprimento; levando em conta a violência da correnteza durante as enchentes, será necessário empregar madeiramento em condições de resistir. Enquanto se espera pela ponte, a travessia vai sendo feita por meio de uma balsa.

Findou o levantamento na localidade de Rondonópolis, tendo-se medido a extensão de 253 km, 350 metros. O perfil do caminhamento foi obtido por meio de observações barométricas. Quilometragem pelo medidor do automóvel. Bússola em tripé.

O caráter “geográfico” do trabalho dispensa minúcias como constituição física do leito da estrada, etc., etc. A diferença entre o rumo geral Cuiabá-Rondonópolis marcado no desenho desse levantamento é o mesmo rumo, traçado na Carta das Rodovias Pan-americanas feita sob todo o rigor da técnica cartográfica, foi apenas de 0,5 de grau.

3.

RODOVIA CUIABÁ-RIO DA CASCA

Esta estrada entronca-se na precedente no ponto onde foi erigido pelo Govêrno Federal o magnífico conjunto de edificações denominada PATRONATO AGRÍCOLA SÃO VICENTE, na serra dêsse nome, em altitude acima de 700 metros, no alto da serra, cercado de belissimos campos. O ramal inicia-se a 88 quilômetros de Cuiabá e termina junto à usina hidro-elétrica do Rio da Casca, que fornece a energia elétrica consumida em Cuiabá e Coxipó. Serve a alguns moradores ao longo do percurso e liga-se com a antiga estrada da Chapada e com a que vai para alguns postos do S.P.I. Percorre um belo chapadão descampado, um planalto, de cujos rebordos aproxima-se em alguns pontos.

Foram usados nesse levantamento os métodos já descritos.

4.

RODOVIA CUIABÁ-SANTO ANTÔNIO

Começa no Coxipó da Ponte. Têcnicamente é semelhante às demais, sem embargo da conservação algo dispendiosa que recebe. Embora não tenha senão uns 33 quilômetros, dispõe de uma quantidade considerável de pontilhões e aterros, por ser o terreno muito alagadiço, mas como é muito estreita (3^m) os aterros não podem ter altura conveniente e não precisa muita água para cobri-los, principalmente nos banhados e passagens de córregos. Tem trechos de rampas muito fortes, ainda que pequenos. É uma estrada que presta muitos serviços a Cuiabá porque é por ela que transita o carregamento das lanchas quando o Rio Cuiabá, na estação sêca, não tem água bastante para permitir navegabilidade àquelas embarcações até à capital do Estado.

5.

RODOVIA CUIABÁ-PIXORÊU

Da estrada Cuiabá-Rondonópolis, a 15 quilômetros depois do Patronato Agrícola de São Vicente, parte o ramal que se dirige à cidade garimpeira de Poxorêu. Segue por um lindo campo de planalto e atravessa o Rio São Lourenço, junto a um povoado do mesmo nome, por uma ponte de madeira. Mais adiante parece que o planalto se interrompe e a estrada desce encostas escarpadas, em rampas fortíssimas e torna a subir do lado oposto nas mesmas condições. Em alguns pontos abeira-se de abismos formados por encostas escarpadas do planalto irregular. Depois de atravessar extensa região arenosa, alcança Poxorêu.

Partindo dessa cidade estava sendo começada a construção de um prolongamento para a de LAJEADO, com a extensão de 120 quilômetros, destinado a reduzir à metade a distância que se percorre pela estrada existente entre as duas localidades. É pena que o estudo dessa estrada, como das demais feitas pelo Estado, não passe de um simples golpe de vista sôbre o terreno, o que impossibilita o conhecimento de quaisquer dados técnicos referentes às mesmas.

Os processos empregados neste levantamento foram idênticos aos precedentes.

6 e 7 ZONA DO RIO PARÍ-MORRO CORTADO-SANGRA DOURO
GRANDE-CÓRREGO DO ALMÔÇO, ETC.

Alguma cousa já foi dita sôbre êste trabalho. Partindo da vila Passagem da Conceição, reconheci toda a margem esquerda do Rio Parí até as cabeceiras, que se apoiam no Morro Cortado e no flanco do massiço de que faz parte êsse morro; desci pela bacia do Rio Sangradouro Grande, seguindo-o de perto até o Córrego do Almôço. Dêsse ponto voltei à cabeceira do Rio Jangada, donde segui até a foz do Ribeirão do Coxo, no dito Espinheiro, regressando à vila Passagem da Conceição. As únicas duas montadas obtidas no início da viagem nunca puderam ser revezadas. A peste havia devastado os campos e, sem animais para locomoção, fiquei impedido de continuar o levantamento além do Córrego do Almôço, até apoiá-lo no ponto mais próximo na linha telegráfica.

Existindo dois rios não muito distantes entre si e batizados com o mesmo nome, convém esclarecer que o Rio PARÍ de que se trata é o da margem direita do Rio Cuiabá, cerca de três quilômetros abaixo da vila Passagem da Conceição e cujas cabeceiras ficam, como já disse, na região do Morro Cortado.

Ao pé dêste morro têm origem os seguintes rios: Parí, Frei Manuel, Sangradouro Grande e Bento Gomes.

A região compreendida entre o Rio Parí, Rio Sangradouro Grande e a serra é composta de terrenos altos, sêcos e pedregosos no massiço do Morro Cortado e pantanosos, planos, nas vizinhanças do Rio Cuiabá e seus tributários. A zona alta foi a que percorri em maior extensão. São terras sêcas, pedregosas, quase estéreis, donde as águas pluviais se escoam torrencialmente, resultando daí um trabalho de destruição, por erosão, que impossibilita a existência de boas pastagens e lavouras fora dos estreitos vales.

As enchentes do Parí costumam subir mais de 6 metros repentinamente e horas depois estão completamente escoadas. Êste rio passa grande parte do ano com o curso interrompido por falta de água.

Encontram-se grandes massas de rochas calcáreas e quartzos. Os vestígios de pesquisas de ouro aparecem com

freqüência, devido à fama de aurífera atribuída à região. Mas, ainda que seja verdadeira essa versão, a falta de água em fontes naturais impedirá a exploração. Alguns dos poucos moradores locais estavam abandonando as suas casas por falta d'água, resultante da sêca dos filetes em que se abasteciam.

Sem a autoridade que abona o parecer do técnico no assunto, arvore-me a supor que dentro de alguns poucos anos aquêla região estará convertida em autêntico deserto, porque a erosão tem a seu favor o auxilio voluntário do homem, que no preparo da terra para plantio ou limpeza de pastagens, prefere usar sistemática e repetidamente o fogo, em lugar de outros meios de desmatamento.

Tendo sido feito êsse percurso a cavallo, a bússola foi usada sem o tripé, com todos os inconvenientes que o processo encerra, mas não havia outro recurso a empregar, dado o meio de transporte. A medida foi o passo do cavallo, tudo como ficou dito a páginas 9 e 10. Não foram usados os barômetros nessa excursão, por terem sido deixados em aferição no pôsto meteorológico de Cuiabá. Durante a viagem pela estrada de ferro, descarrilou o vagão onde estavam as minhas bagagens, o qual foi arrastado em tremendos solavancos por mais de duzentos metros. Por sorte nenhum aparelho ficou danificado, mas os barômetros só depois de longa série de observações poderiam revelar o seu estado. Conservaram-se perfeitos, como demonstrou a comparação com o barômetro de mercúrio do pôsto, mas não foi possível usá-los nesse trabalho, o primeiro levado a efeito.

CAPÍTULO III

8. ALINHAMENTO TAQUEOMÉTRICO BARRACÃO- -MONJOLO-CÓRREGO DO ALMÔÇO

Tendo ficado resolvido que se organizasse modesta expedição a fim de proceder-se ao levantamento do RIO JAUÇOARA (ordens transmitidas por telegramas), rio êste situado fora de pontos topográficamente conhecidos, foi necessário conduzir um alinhamento que, tendo origem em um ponto definitivamente locado, servisse de base para a localização segura do referido rio.

A maneira mais rápida e barata de improvisar êsse alinhamento, seria pegar na bússola, montar num cavalo, galgar as serras dando mil e uma voltas e ao fim de dois dias comunicar: "Distância, tantos quilômetros". Seria também a melhor maneira de apresentar um trabalho errado. E por não me parecer que houvesse aproveitamento de tempo, nem de despesas em fazer uma viagem de milhares de quilômetros, desta Capital aos sertões do Estado de Mato-Grosso, para voltar com um trabalho abaixo da crítica, optei pelo levantamento taqueométrico.

Não foi possível obter em Cuiabá informações seguras sobre o ponto de partida mais prático, a fim de alcançar o Rio Jaucoara. Cheguei mesmo a fazer uma viagem a Rosário-Oeste, em estudo do ponto de partida. Tive sugestões para partir de Cáceres ou de Barra dos Bugres. Resolvi seguir por Poconé e acertei.

Parti de Cuiabá num auto-caminhão particular, lotado de mercadorias. Em Poconé, esgotados improficuamente os esforços do elemento oficial do Estado para me fornecer transporte até Barracão, aluguei um automóvel que me transportou até o sítio denominado Japão, cêrca de 30 qui-

lômetros. Para a frente não era possível ir de auto, porque a estrada se apresentava como um atoleiro contínuo.

No Japão aluguei uma carroça, tirada por muares e contivei a viagem. Na manhã seguinte, 11 de maio, alcancei o Barracão.

BARRACÃO, nome antigo de um estacionamento da Comissão Rondon à margem direita do ribeirão Sangradorzinho, onde hoje existe uma fazenda que usa o nome do referido ribeirão. Naquele ponto a linha telegráfica que vai de POCONÉ a CÁCERES, apresenta uma grande curva para a esquerda, entre duas tangentes. O ponto de interseção dessas tangentes foi o ponto de partida do meu alinhamento. Estacionado o instrumento no referido ponto, fêz-se irradiação para todos os postes da curva, inclusive o PC e o PT, prosseguindo o levantamento até o sítio denominado Monjolo, onde o caminho galga a serra em direção à Fazenda Coqueiro, em cujas terras situa-se o Rio Jaucoara.

Para servir de apoio ao levantamento anterior da zona do Rio Pari, continuei o alinhamento até o ponto do Córrego do Almôço, alcançado por aquele levantamento.

A estaca número 70 do alinhamento BARRACÃO-MONJOLO-ALMÔÇO assinalou o entroncamento do caminho da serra em direção à Fazenda Coqueiro. Os terrenos pantanosos aparecem de mistura com pequenas elevações e contrafortes vizinhos do paredão da serra das Araras que domina toda a planície a *Leste* e ao *Sul*.

9. ALINHAMENTO TAQUEOMÉTRICO MONJOLO-FAZENDA COQUEIRO-CABECEIRA DO RIO JAUCOARA

Como já foi dito, êsse alinhamento teve origem na estaca n.º 70 do precedente e prosseguiu, subindo os contrafortes da serra, com um trecho de mata densa. Passou pelo sítio denominado Campina, onde fica a elevada extremidade de um cordão da serra, à direita do caminhamento, uma grande massa arenítica de cêrca de 500 metros acima do nível do mar, chamada PÃO D'ÁÇÚCAR.

Para desfazer a impressão de caos que me deixou, à primeira vista, o aspecto aparentemente desordenado da-

queles contrafortes empinadíssimos e escarpas vertiginosas, vi-me forçado a escalar com incríveis dificuldades o paredão do Pão d' Açúcar, alcançando um ponto ainda mais alto que o citado planalto. Dali consegui verificar a disposição retilínea dos cordões principais, compreender a distribuição das vertentes, a tendência dos contrafortes para êsse ou aquele cordão, a orientação geral N. E. da Serra, etc.

Vencida essa série de contrafortes, o alinhamento corta o ribeirão Flechinha, deixando a sua cabeceira à direita e alcança a sede da Fazenda Coqueiro, donde lança um ramal para caracterizar a cabeceira do citado ribeirão Flechinha. Da fazenda o alinhamento prossegue em direção ao vale do Jaucoara. Próximo à cabeceira do córrego Potreiro, na estaca 155, pende para a esquerda e vai determinar as mais altas cabeceiras do Rio Jaucoara, apoiado por irradiações aos acidentés circunvizinhos. Terminada esta amarração, estacionei de novo na estaca 155 e dali continuei o levantamento para a direita, acompanhando o curso do rio.

Em anotação à parte farei mais adiante referências ao aspecto do terreno banhado pelo rio Jaucoara, bem como à sua orientação em relação às serranias que corta.

10. LEVANTAMENTO TAQUEOMÉTRICO DO RIO JAUCOARA

Atingida a cabeceira do rio Jaucoara com o alinhamento acima descrito, foi iniciado o levantamento do rio, pela margem direita. Poucos quilômetros abaixo, ao receber o Jaucoara o seu afluente Piçarra, o trabalho passou a ser feito dentro do próprio leito do rio, prossequindo nestas condições até a sua embocadura no rio Paraguai.

Assim, o rio Jaucoara foi levantado, curva por curva, trabalho que poderá parecer luxuoso, tratando-se de um rio relativamente pequeno. Dir-se-á talvez: "Um alinhamento que o enquadrasse, cortando-o nos pontos mais convenientes satisfaria o fim que se tinha em vista".

Como generalização isto é verdade, mesmo porque há outros rios mais importantes cujo levantamento se fêz dêsse modo. Mas, o terreno percorrido pelo rio Jaucoara é de tal aspereza, retalhado de socavões, bocainas e cabe-

ceiras fundas, cobertos de vegetação alta e densa, que o único meio de economizar dinheiro e tempo, fugindo à abertura de infundáveis picadas, foi o que se empregou: marchar pelo leito do rio, caminho quase desimpedido. Aquela parte do Alto-Jaucoara é desabitada e não dispõe de caminhos. É um reduto perdido na encosta da serra, ou melhor, na crista, freqüentado de raro em raro pelo gado e permanentemente pelas onças, cujos rastros, alguns de dimensões incomuns, sempre frescos, no leito do rio e nas imediações dos nossos acampamentos, mantinham a pequena, cansada e mal armada turma em constante sobressalto.

Em toda a região serrana o rio apresenta-se em um encaixe profundo, no terreno duro, de piçarra e lajes areníticas, em cuja coloração predomina o vermelho em todos os matizes. Em muitos lugares relativamente planos a diferença de nível entre as extremidades de uma normal de 200 metros tirada dos terrenos adjacentes até o leito, vai de 60 a 80 metros. O rio forma uma seqüência de rápidos e trechos planos ou semi-planos; a caixa, de largura muito variável, achava-se com pouca água, circunstância esta que facilitou a marcha à vau, pelo leito, em grande extensão, embora trabalhássemos sempre encharcados.

Na planície, trecho final, ostenta barrancas bastante altas. Aspectos interessantes notam-se em diversos lugares onde as lajes formam uma espécie de muros artificiais, filões que aparecem em todas as posições, desde a horizontal até a vertical, mas invariavelmente orientadas na direção N.E. A água correndo entre êsses filões paralelos não raro formava pequenos saltos em sentido normal à direção da corrente.

A água do rio Jaucoara é doce, de excelente paladar, fria e cristalina, até a altura da Fazenda Jaucoara, onde o afluente da direita denominado Ribeirão adiciona-lhe cerca de 1 m.c. de água salôbra.

Era o mês de junho e as águas não haviam ainda sofrido o efeito total da sêca; foram-me dadas informações de que o Jaucoara costuma ficar reduzido a poças, interrompendo por completo o fluxo, que só persiste depois da confluência do seu tributário Água Limpa, de águas ver-

dadeiramente límpidas, permanentes e abundantes (cerca de 2 m.c.) mas possuindo o desagradável sabor calcáreo.

Durante a estação chuvosa a corrente do Jaucoara adquire extrema violência e grande volume, o que se constata sem dificuldade pelos vestígios deixados a alturas que chegam a 8 metros.

Pela inclinação geral do terreno, o regime de descarga é forçosamente torrencial, o que justifica o pavor experimentado por alguns moradores tribeirinhos do curso médio, quando o Jaucoara está de enchente, pavor que os compele a mudarem as residências para lugares mais afastados do rio.

Da Fazenda Jaucoara em diante foi preciso operar em canoas, devido à profundidade das poças formadas pelos trechos planos do rio. Poças e rápidos compõem o Jaucoara daí em diante até a foz. Não há um salto notável; o mais alto mal atinge a 2 metros.

Entretanto, o aspecto geral sugere a idéia de que em eras remotas o Jaucoara foi uma escadaria de cachoeiras. Cada rápido resultou do desgaste de um respeitável travessão, cujos restos afloram nas barrancas. Trabalho penoso, êsse de arrastar canoas nos rápidos. Pelas margens não era possível seguir: as barrancas apresentam longos trechos verticais e a vegetação é densa.

Pode considerar-se o Jaucoara formado por três seções: Alto, Médio e Baixo-Jaucoara, atendendo ao aspecto que diferencia essas zonas entre si. O Alto-Jaucoara é a grande bocaina que o encerra desde as cabeceiras até a foz do afluente Jaucoarina. O Médio-Jaucoara é a região dos boqueirões, onde o rio corta sucessivamente quatro paredões da serra, separados por estreitos vales; o Baixo-Jaucoara é constituído pelo trecho final.

Todas as estações do instrumento foram feitas em terra firme, bem como as da mira, de vez que a última estação desta era obrigatoriamente a primeira daquele e assim sucessivamente.

Atingido o Médio-Jaucoara, ao terminar-se o levantamento do segundo boqueirão, o trabalho sofreu uma paralisação, em vista da necessidade que tive de ir a Cuiabá, a

fim de receber numerário para a continuação do levantamento, como estava previsto e fôra comunicado com antecedência, por telegrama a essa Diretoria. Durante tal interrupção foi feito o caminhamento até a vila de ALEGRETE, descrito em outro lugar destas notas.

Ao retomar o levantamento do rio, no ponto onde ficou, no VÃO GRANDE, cêrca de 60 quilômetros acima de sua foz, apareceu-me uma erupção de pequenas empôlas nos pés, que se transformavam em feridas dolorosíssimas, motivada pela contínua permanência dentro d'água e da qual só me restabeleci depois de concluir o levantamento em Barra dos Bugres, com o uso do "especifico" empregado pelos moradores em casos semelhantes: fricções de querosene.

O trabalho no referido trecho. fi-lo descalço, doente, mal me podendo manter em pé para nivelar o instrumento e fazer as leituras.

Mas a única solução a adotar era prosseguir trabalhando, enquanto fôsse possível mover-me. Se paralisasse o serviço, seria pior, pois ali não havia recursos médicos, a turma debandaria e as chuvas, que já ameaçavam, poderiam começar. Não fôra a circunstância de nos acharmos trabalhando com canoas, não me seria possível, entretanto, continuar.

Abolira-se o acampamento. Pousava-se onde terminava o dia, em rêdes, ao pé do fogo. De manhã recomeçava-se o trabalho, ficando no pouso o cozinheiro-canoeiro a preparar o almoço, embarcando com êle e o resto das bagagens e seguindo atrás da turma. Onde a alcançava, almoçava-se; e o cozinheiro-canoeiro passava à frente, em busca de ponto onde estacionar, para preparar o jantar e improvisar novo pouso. E assim por diante, dia após dia, até o fim.

Êste método de viajar trabalhando, sem acampar, empreguei-o na execução dos caminhamentos TORDILHO-ALEGRETE e BARRA DOS BUGRES-TRÊS RIBEIRÕES-CAB. DO JAUCOARA, mas com cargueiros de boi, por serem itinerários terrestres. O antiquado, vagoroso, inseguro, exíguo cargueiro bovino, o utilíssimo, imprescindível, o *único* sistema de transporte usado e usável nas escabrosas trilhas que servem de caminho naquelas serranias.

Alcançando o rio Paraguai, o alinhamento foi amarrado à margem direita dêsse rio, em frente à barra do Jaucoara, em terreno firme e não sujeito à inundaçào, como acontece às margens do Jaucoara na foz, tendo sido levantado um marco de aroeira. O terreno pertence à Colônia 18 *de outubro*, do S.P.I. que é habitada por índios *Barbados* (*), os quais, sob a direção do operoso administrador Sr. Gastão Pompeu de Campos, colaboraram na construção e ereção do marco. A última estação do rio Jaucoara teve o número 981 e ficou bem na margem do rio Paraguai, não no marco, e foi ponto comum com o levantamento do trecho do rio Paraguai, começado a três quilômetros acima da foz do Jaucoara (Est. 7 = Est. 981) e terminado a um quilômetro abaixo de Barra dos Bugres.

11. LEVANTAMENTO TAQUEOMÉTRICO ATÉ O SALTO
DO RIBEIRÃO ÁGUA LIMPA

Um dos principais afluentes do rio Jaucoara é o ribeirão Água Limpa, da margem direita, que nasce nos contrafortes do paredão da serra cujo planalto principal tem o nome de Pão d' Açúcar. Êsse ribeirão caracteriza-se por formar um belo salto de 10 metros de altura, muito próximo de sua foz no Jaucoara, tendo-se feito um alinhamento terrestre que partiu de um ponto conveniente no rio Jaucoara até o referido salto, como amarração. O salto principal, que recebeu o nome de SALTO D. MARIA MÜLLER, está encaixado entre duas séries de saltos menores, que continuam até próximo da foz. O ribeirão tem um volume de água permanente de cêrca de 2 m.c., muito limpa e fria, mas de sabor calcáreo.

12. LEVANTAMENTO TAQUEOMÉTRICO DO TRECHO DO RIO
PARAGUAI, DE 3 QUILÔMETROS ACIMA DA FOZ DO RIO
JAUCOARA ATÉ A VILA DE BARRA DOS BUGRES

Estava terminado o levantamento do Rio Jaucoara. Faltava o do trecho do Rio Paraguai localizado entre a foz daquele e a vila de Barra dos Bugres. Feita, como já disse,

(*) Índios Umutina, mais pròpriamente.

a amarração do alinhamento do Jaucoara na margem direita do rio Paraguai, subi por este até a distância de três quilômetros, donde comecei a levantá-lo em direção à referida vila. Fiz coincidir a Estação n.º 7 com a mesma estação final do levantamento do Jaucoara (Est. 7 = Est. 981).

Prosseguindo, alcancei Barra dos Bugres, tendo prolongado o levantamento até um quilômetro abaixo. Na Estação do Telégrafo Nacional, na citada vila, foi feita a amarração final.

Embora relativamente volumoso e com uma largura média de 60 metros, o rio Paraguai, naquele trecho, só pode ser navegado por canoas e batelões — que não passam de canoas um pouco maiores — por apresentar muitos rápidos, imprópriamente chamados de cachoeiras, bem como por ter geralmente pouca profundidade. Durante as águas as condições de navegabilidade melhoram e de Cáceres podem subir algumas lanchas, embora sem uma regularidade que dê idéia de um serviço organizado.

De Barra dos Bugres para cima não existe nenhum sistema de navegação além do de canoas.

Um pouco acima de Barra dos Bugres o rio Paraguai ostenta um belo estirão de cerca de dois quilômetros de extensão reta, flanqueado à direita por uma colina que, por efeito de desmoronamentos, está se transformando em baranca. O rio tem ali a largura de 66 metros e a profundidade maior era então de 0m,80, formando quase um rápido. O estirão, que era chamado *do jaú*, foi batizado com o nome de “Estirão GENERAL RAIMUNDO SAMPAIO”. O rio tem aspectos muito bonitos e as suas praias cobriam-se de milhares de borboletas.

13. LEVANTAMENTO TAQUEOMÉTRICO DE UM TRECHO DO RIO DOS BUGRES

Apoiado no levantamento precedente, fiz também o de um pequeno trecho do rio dos Bugres, afluente da margem direita do rio Paraguai. É um riacho de modesto volume de água e a sua foz, dentro da vila, justifica o nome desta.

Estava assim terminado todo o trabalho, no dia 7 de setembro de 1942. Fiz a essa Diretoria comunicação a res-

peito, não omitindo a circunstância de achar-me adoentado, precisando aguardar em Barra dos Bugres o meu restabelecimento, a fim de iniciar a viagem de regresso, condicionada aos escassos meios de transporte que servem àquela vila:

Esses meios de transporte constavam de um auto-caminhão de comércio, sem data fixa de chegada e partida, ali aparecendo no máximo uma vez por mês quando havia gasolina e mabundância; e nada mais. Restava o transporte a cavalo, difficilimo de arranjar por lá. O auto-caminhão a que me refiro tem como base a cidade de Cuiabá. O serviço de malas postais é feito de ROSÁRIO-OESTE e de CÁCERES, para BARRA DOS BUGRES, por estafetas a cavalo, os quais, conforme o volume a transportar e o estado do tempo, demoram de 3 a 6 dias numa viagem.

14. LEVANTAMENTO TAQUEOMÉTRICO APOIADO NO RIO
JAUCOARA, PARTINDO DO VÃO GRANDE ATÉ
A VILA DE ALEGRETE E DALI ATÉ A LINHA
TELEGRÁFICA CUIABÁ-BROTAS-ROSÁRIO OESTE

Conforme comunicação antecipada que fiz por telegrama a essa Diretoria, havia necessidade de interromper o trabalho, quando o levantamento atingisse o Médio-Jaucoara, a fim de que eu fôsse a Cuiabá, em busca de recursos pecuniários para a continuação dos serviços.

Atingido o ponto escolhido, suspendi o trabalho e parti a cavalo, do sítio Tordilho, descendo a bocaina da serra e alcancei a vila de Brotas, na margem do Rio Cuiabá, donde viajei num auto-caminhão de cargas até Cuiabá. Dali fiz remessa a essa Diretoria de uma grande parte da documentação dos trabalhos, inclusive fotografias.

Em Cuiabá recebi ordem dessa Diretoria para regressar de Brotas ao ponto de partida, fazendo um levantamento expedito, o que me não foi possível, pela razão de ter ficado o instrumental guardado no Tordilho, dada a natureza apressada de minha viagem a Cuiabá. Regressei ao Tordilho, partindo de Cuiabá a cavalo, passando pela vila Passagem da Conceição e Rio Jangada.

Pelos mesmos motivos citados a fls. 9, verifiquei que o levantamento expedito seria trabalho perdido. O terreno, servido em grande parte por trilhos insignificantes que fazem as vêzes de estrada, com milhares de volteios para esgueirarem-se entre as pedras, subindo e descendo contrafortes, não se presta para levantamentos expeditos que procurem conexão com trabalhos regulares ou semi-regulares.

E o levantamento foi feito a taqueômetro. Escolhido no Tordilho um ponto conveniente, estação 0, o levantamento avançou pela bocaina, apoiado em irradiações a diversos pontos dos paredões, para indicar a distância destes ao eixo e a largura da bocaina. Foi assinalado o divisor interno da bocaina, entre as águas do Jaucoara e do Chiqueirão, bem como as cabeceiras deste ribeirão. Passou pela Fazenda da ÁGUA DOCE, do Sr. Valdemar Corrêa da Costa, no vale do Chiqueirão e alcançou a baixada que vai ter ao rio Cuiabá, depois de atravessar o desfiladeiro a cujo centro situa-se o imponente Morro das Araras, que lembra enorme pirâmide com altitude superior a 500 metros, de difícilíssima escalada. Attingiu a estrada Cuiabá-Barra dos Bugres, que foi seguida em direção à vila de ALEGRETE, antiga Aldeia, depois de cortar a grande pista da rodovia Cuiabá-Rosário Oeste, em construção pela IV-4.º Batalhão Rodoviário, junto à sua estaca n.º 4.127 mais seis metros.

Transposto o rio Cuiabá, foi amarrado na estação telefônica permanente do Télégrafo Nacional, na vila de ALEGRETE, margem esquerda do rio Cuiabá. Havendo dúvida sobre a existência de levantamento ou locação do ramal telefônico, foi este também levantado até o seu ponto de origem na linha telegráfica-tronco: Cuiabá-Brotas-Rosário Oeste.

Retornando ao Tordilho, a pé, estacionei de novo na estaca zero e o alinhamento, depois de atravessar o ribeirão Jaucoarinha, o paredão da serra deste nome e o vale da Camarinha, finalizou no VÃO GRANDE, no leito do rio Jaucoara, numa estação que ficou comum: E 35 = E. 759 do rio.

A travessia da Serra do Jaucoarinha, do Tordilho para o vale da CAMARINHA, faz-se por um trilho *acrobático*, que investe em bruto na serra e transpõe os seus 200 e tantos

metros de altitude sem a menor noção de desenvolvimento, com rampas acima de 100×100 . Por êsse trilho centenário, único caminho existente, transitam cargueiros de boi, pedestres e cavaleiros puxando os seus cavalos.

Não raro despenham-se cargueiros e cavalos, perdendo-se animais e cargas. Não foi fácil conduzir o alinhamento naquele trecho da serra. Do alto descortina-se um panorama soberbo da serrania, distinguindo-se os cortes do Jaucoara nos quatro paredões que rompeu, como se fôsse um rio de nitroglicerina...

15. LEVANTAMENTO TAQUEOMÉTRICO DE UM EIXO QUE,
PARTINDO DE BARRA DOS BUGRES, PASSOU NA FAZENDA
DOS TRÊS RIBEIRÕES E ATINGIU DE NOVO AS CABECEIRAS
DO RIO JAUCOARA

Ao atingir a vila de Barra dos Bugres, ponto terminal do levantamento, fiz a essa Diretoria comunicação telegráfica a respeito, bem como do meu estado de saúde que, melhorado, não era ainda perfeito. Recebi então ordem dessa Diretoria para efetuar o levantamento de uma linha, que partindo de Barra dos Bugres, passasse em Três Ribeirões, para assinalar os cursos de água que emprestam o nome de conjunto ao local e atingisse novamente as cabeceiras do rio Jaucoara.

Reorganizada a turma, dei início a êsse levantamento, que partindo da amarração do alinhamento do rio, seguiu por caminhos existentes, fraldeando a Serra do Limbo por Oeste, último paredão da serra, que termina no ponto denominado Ponta do Morro. Alcançada a Fazenda dos Três Ribeirões, avançou sempre fraldeando outro paredão da serra, espécie de prolongamento do anterior e que começa na bocaina dos Três Ribeirões; um ramal foi tirado até a bocaina do ribeirão SALÔBRA GRANDE, cujo corte no paredão foi batizado com o nome do Major *Luis Tomás Reis*, em homenagem póstuma àquele grande colaborador da carta de Mato-Grosso.

Defrontando o sitio das Palmeiras no caminho de Cáceres, o alinhamento galgou a serra por um íngreme desfiladeiro, trilho abandonado, e acompanhou o espigão até

atravessar a cabeceira do ribeirão Salôbra Grande, situada numa enorme depressão de terreno pedregoso e duro, onde entre cinco árvores, três são mangabeiras. E' a chamada Serra do Mangabal. Escalando de novo a escarpa, alcançou um belo planalto que confina a S.W. com a Serra das Sete Quedas e para o lado de Leste morre nas escarpas a cujo pé estão situadas as cabeceiras do Jaucoara e Flechas ponto terminal.

No último dia o trabalho triplicou de aspereza. A encosta do planalto, que foi preciso descer para alcançar os pontos já locados na cabeceira do Jaucoara, é uma escarpa vertiginosa, coberta de mata e de blocos calcáreos em dispersão caótica, deixando entre si apenas um labirinto de estreitíssimos corredores, onde a marcha se fazia com a maior dificuldade, orientando-nos por gritos. Além disso, caiu um nevoeiro densíssimo e muito frio com intermitências de ventos e aguaceiros. O ponto de chegada estava pouco distante, mas sentiamos-nos amarrados às dificuldades do terreno.

Apesar de tudo, às 18 horas e 30 minutos fazia-se a última visada, a derradeira leitura no instrumento; e foi essa também a hora do nosso almoço. Comemos a farofa gelada com a satisfação de quem acaba de vencer uma batalha e dali marchámos para a Fazenda Coqueiro, onde chegámos com chuva e completa escuridão, guiados pelo solícito Sr. Darwin Correia da Costa, em cuja residência pernoitámos.

Estava findo o trabalho no campo; regularizada a contabilidade com o pessoal, o Sr. Darwin gentilmente proporcionou-me condução para a viagem de regresso até Poconé, donde, dois dias depois, viajei em um ônibus para Cuiabá.

16. AMOSTRAS DA PLANTA SILVESTRE DENOMINADA QUINA

Foram obtidas e enviadas a essa Diretoria algumas amostras das diversas variedades dessa planta, que existe em quantidade considerável em Mato-Grosso, onde goza da fama de constituir excelente remédio contra febres. O povo usa cozimento das cascas extraídas em uma parte qualquer do tronco. Não tiver oportunidade de constatar as apre-

goadas virtudes da planta. As amostras de que fiz remessa foram extraídas de acôrdo com as recomendações de um técnico do Jardim Botânico desta Capital, o qual esclareceu acharem-se as propriedades medicinais concentradas nas cascas das raízes.

No caso de resultar positiva a análise e se encontrar na quina de Mato-Grosso a cobiçada droga, achar-se-á aquele Estado na posse do que passará a ser o seu mais rendoso garimpo, considerando as verdadeiras florestas nativas de quina que se encontram em seu território, em árvores, arbustos e cipós.

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO ÚNICO

ASPECTO GERAL DA REGIÃO ONDE ESTÁ SITUADO O RIO JAUÇOARA E ARREDORES

Na região que tem, como centro de referència, o espaço compreendido entre os meridianos de 57° e 58° W Greenwich e paralelos de 15° e 16° S. na direção geral de S.E. de Cáceres e N. W. de Cuiabá, existe uma cadeia de montanhas à qual é atribuído o nome de Serra das Araras. Desenvolve-se à margem esquerda do Rio Paraguai, contorna e forma-lhe as cabeceiras, bem como as dos rios Cuiabá, Arinos e outros menores, tributários daqueles, continuando para o Norte.

Essa serra tem uma série de nomes locais: ARARAS, SETE QUEDAS, MANGABAL, CURUPIRA, TOMBADOR, etc. além de subdenominações ligadas à sua compartimentação, como sejam: Jaucoara, Cambaia, Jaucoarina, do Canal, Limboso, etc., referindo-me aqui somente à região que percorri.

Considerando um alinhamento LESTE-OESTE ou seja no sentido POCONÉ-BARRA DOS BUGRES, rumo geral do meu trabalho, posso resumir assim a fisionomia do terreno:

Nas proximidades de BARRACÃO, ponto inicial do levantamento em direção ao rio Jaucoara o terreno, plano, com características de pantanal, encosta-se ao paredão da serra e é banhado por um trecho do ribeirão Sangradourozinho; alteando-se no sentido do N.E., forma as cabeceiras dêsse ribeirão, a vertente da cabeceira do rio Jangada e outros divisores que se propagam até o massiço comandado pelo Morro Cortado. Essa porção de terreno nada tem de comum com o rio Jaucoara; é a parte baixa, planície da margem esquerda do rio Paraguai e que com êste confina a OESTE, como já referi. Junto ao sítio MONJOLO abre-se uma brecha no paredão, pela qual passa o caminho que penetra na

serra, cujo aspecto exterior é o de uma muralha contínua, vertical, de cêrca de 200 metros de altura em média, alguns de seus pontos mais elevados, atingindo a 500 metros. O caminho acomoda-se como pode, entre contrafortes empinadíssimos, blocos calcáreos e areníticos de todas as dimensões, difficilmente praticável a cavalo, obrigando o cavaleiro a aprear-se em muitos pontos e puxar a montada.

Dentro daquele labirinto encontra-se o sítio irônica-mente denominado CAMPINA, nas proximidades da ponta de um outro paredão, à direita, extremidade esta designada por PÃO D'AÇÚCAR. Tal paredão, paralelo a OESTE ao primeiro, limita com êste um planalto que se prolonga até o desfiladeiro assinalado pelo Morro das Araras, numa extensão de cêrca de 120 quilômetros.

Para a esquerda do sítio CAMPINA (considerando a orientação L.W. de minha marcha) os contrafortes amontoam-se caoticamente atrás do primeiro paredão que se prolonga a perder de vista para S.W.

Continuando pelas bocainas, transpõe o caminhamento uma escarpa e alcança um campo montuoso onde se dividem as águas que descem para o Sangradourozinho e as que vão ter ao ribeirão Flechinha, que é atravessado pouco depois. Sobee a encosta dêsse ribeirão e alcança um belo chapadão descampado, no qual se encontra a casa residencial da Fazenda Coqueiro, do Sr. Darwin Correia da Costa.

Essa planura, limitada a LESTE pelo paredão que termina no Pão d'Açúcar, apoia-se a Oeste na escarpa do segundo cordão da serra, ao Sul em um amontoado de contrafortes, muito próximos da casa, compreendendo o Morro do Potreiro, mais ao longe. Dêsse amontoado nasce o Córrego do Monjolo, tributário da margem direita do Flechinha (não há nenhuma relação com o sítio dêste nome, mencionado linhas atrás; os nomes designativos dos acidentes do terreno são por ali extravagantemente repetidos inúmeras vêzes, o que dá origem a freqüentes confusões).

A planura abre-se continuamente para N.E. e nessa direção a cêrca de 50 quilômetros nela se destaca o Morro do Córrego Fundo, massa isolada, com ramificações que se ligam aos contrafortes vizinhos do paredão de LESTE, nas

proximidades da cabeceira do Córrego ÁGUA LIMPA e seu afluente Sapezal, da margem esquerda.

A largura da planície varia de 12 a 25 quilômetros e a sua extensão é de cêrca de 120 quilômetros. Na região da cabeceira do Boi MORTO corre uma nervura que divide as águas do Jaucoara das do Ribeirão CHIQUEIRÃO.

A planura vai-se elevando, pouco a pouco, para modelar a garganta descendente, à direita, lado de *Leste*, onde se acha a Fazenda da ÁGUA DOCE, pertencente ao Sr. Valdemar Correia da Costa, junto ao ribeirão CHIQUEIRÃO e continua alteando-se à esquerda, lado de Oeste (margem esquerda do ribeirão Jaucoarina), para degenerar em abruptas escarpas, picos e platôs lá pela serra do CURUPIRA, ao N. e N.E. e cabeceira do Jaucoarina a N. W.

Transposto o córrego dos MACACOS (da margem esquerda para a direita) a planura divide-se em dois desfiladeiros devido à presença do MORRO DAS ARARAS já citado, de perfil cônico e escalada quase impossível, cuja altitude deve orçar por 550 metros. Vai descendo suavemente até morrer na planície cortada pelo rio CUIABÁ, pela qual passa a estrada que a IV/4.º Btl. Rdv. está construindo de CUIABÁ a ROSÁRIO-OESTE e também a que liga Cuiabá à Barra dos Bugres, pela Serra do Curupira.

Da Fazenda COQUEIRO ao já referido paredão de OESTE, há uma distância de 5 quilômetros dos quais os 3 últimos apresentam uma curiosa modelação resultante de profundas ravinas e cabeceiras contorcidas que tornam a marcha penosíssima. O terreno vai baixando cada vez mais sulcado e depois de pequena massa elevada em cuja extremidade N. nasce o córrego BURITI GRANDE, termina na encosta do cordão da serra, ao longo do qual um sulco mais profundo e contínuo é o leito do rio JAUCOARA.

As cabeceiras dêsse rio estão ali muito próximas, entre o citado cordão da serra e o paredão que começa no morro do Potreiro e se alonga para S. W., formando estreito e acidentadíssimo desfiladeiro, pelo qual desce o RIO DAS FLECHAS, cujas cabeceiras se entrelaçam com as do Jaucoara.

O espaço em que estão situadas essas duas cabeceiras, imprensado entre a serra e o morro, é um campo de cêrca de um quilômetro de largo, movimentado por pequenos re-

lêvos, onde afloram agressivos destroços de rochas calcáreas e areníticas. O morro do Potreiro apresenta dêsse lado um muro vertical e a encosta da serra, que lhe fica em frente, tem aspecto impressionantemente selvático, juncada de blocos destroçados e coberta de vegetação. No cume, abre-se para S.W. um esplendido planalto, em campo limpo, que se prolonga até a escarpa denominada SERRA DAS SETE QUEDAS que domina a planície do rio Paraguai para os lados de Cáceres.

Êsse planalto estreita-se na altura da cabeceira do Jaucoara, formando na vertente oposta as escarpas onde se acham as cabeceiras do ribeirão SALÔBRA GRANDE, prolongando-se em cordão do lado do Jaucoara e do outro lado forma um labirinto de contrafortes ao meio dos quais se encontra o sitio chamado QUILOMBO, nome êste devido ao fato de ali terem vivido homisiados, protegidos pela inacessibilidade do terreno, muitos cativos foragidos (informes obtidos no próprio local). No Quilombo abre-se a grande bocaina dos Três Ribeirões para o lado de *Oeste*. Os TRÊS RIBEIRÕES, dentro daquela acidentadíssima bocaina são apenas *um*, que apresenta um trecho aproximadamente de dois quilômetros de curso subterrâneo, embora mostre na superfície o leito sêco pelo qual se escoam as águas excedentes, coletadas durante a estação chuvosa. O terreno que se desenvolve a *Oeste*, fora da bocaina, é a planura que confina com o rio Paraguai.

Como já disse, o Rio Jaucoara vai seguindo paralelo ao cordão da serra, que limita a *Oeste* a planura em que fica a Fazenda Coqueiro; formando-se nela os afluentes da margem direita denominados COQUEIRO, PIÇARRA e BURITI GRANDE, além de outros no prolongamento do seu curso. O chão dessa planura é duro e sáfaro, formado por essa terra que tem a aparência de haver sofrido compressão artificial, chamada piçarra, cuja consistência varia do friável ao moleto.

A faixa marginal direita do rio é espantosamente sulcada, tornando a marcha quase impossível. A margem esquerda é a escarpa da serra, sulcadíssima também, não apresentando afluentes dignos de nota, a não ser o córrego da Cambaia, pequeno, mas de excelente água, nascida no

píncaro da escarpa, e algumas outras fontes menores, todas de água doce também. Da margem direita é freqüente a ocorrência de água salobra de certo ponto já citado para baixo.

E o cordão vai seguindo continuamente para N. E., sem solução de continuidade, só apresentando no sítio da CAMBAIA um ponto tido como praticável, onde passa um trilho quase vertical, absurdamente difícil de percorrer. Penosamente os abnegados bois de cargueiro escalam aquelas grimpas, conduzindo as suas cargas, não sendo poucos os que têm rolado pelo precipício. Os pedestres sobem fazendo altos para regularizar a respiração e os cavaleiros apeiam-se e puxam suas montadas, procedendo como os pedestres.

O PRIMEIRO BOQUEIRÃO

A uma distância de 90 quilômetros da Fazenda Coqueiro o cordão da serra, a cujo pé corre o rio, sofreu uma brusca depressão, quase um corte, após a qual retoma a altura anterior e prossegue no mesmo rumo precedente, até as escarpas da Serra do Curupira. Bem em frente a essa depressão e muito perto dela recebe o Jaucoara o seu principal afluente, o Jaucoarinha, pela margem direita, cuja água é doce e muito boa.

A disposição simétrica em relação à serra, que se observa entre o Jaucoara e o Jaucoarinha, é bastante interessante; pelo menos assim me pareceu: correm ambos em sentido diametralmente oposto, flanqueando o mesmo escarpado e a vista panorâmica não sugere a idéia de que sejam dois rios convergentes e sim apenas um que se desenvolve acompanhando a muralha.

A depressão é uma estreita brecha aberta no paredão tendo pontos em que a largura não excede a seis metros e paredes verticais da altura de setenta a cem metros, com as bases dentro do rio, parecendo ter sido aberta sob a violência de explosivos. Na parte central, no núcleo de rochas, duríssimas, de aspecto arenítico e coloração rósea, o rio forma um poço, cuja profundidade excede a vinte metros. Essa muralha compõe-se de três imensos blocos, dispostos paralelamente em sentido normal ao rio e com intervalos

de cêrca de trinta metros, cobertos de exuberante vegetação, formando impressionantes corredores, quase túneis alguns dêles, pois que os blocos, com altura de várias dezenas de metros, não são rigorosamente verticais e quase se tocam no ápice. Como a largura dêsses blocos pouco excede a vinte metros, fica-se a pensar na existência de gigantesca base que os torna solidários e na grande dureza da rocha, motivos talvez de não ter havido ainda um completo esboramento.

Para ver êsses pormenores que tão interessantes nos pareceram, é preciso atravessar o boqueirão pelo único meio possível além da natação: em canoa, como o atravessámos. Impressiona pela beleza do conjunto, de aspecto selvático, sugerindo mil hipóteses sôbre como se processou aquêle arrombamento de milhões de toneladas de pedra massiça. A jusante o leito do rio é uma desordem de blocos polidos pelo atrito das águas.

Essa passagem foi denominada BOQUEIRÃO CORONEL JAGUARIBE.”

VALE DA CAMARINHA

Paralelamente e por trás do cordão de serra que acabámos de atravessar, vê-se outro cordão mais alto no qual se destaca imponente platô, bem na frente do primeiro boqueirão, obrigando o rio a desviar-se para a direita. Êsse cordão tem o nome de SERRA DA CAMARINHA e prolonga-se desde uma légua para a direita, até o QUILOMBO, na bocaina dos TRÊS RIBEIRÕES, isto é, mais quatro léguas para a esquerda. A estreita faixa de terreno situada entre êsses cordões é o vale ou desfiladeiro da CAMARINHA e difere fundamentalmente da bocaina precedente. E' coberto de farta vegetação onde abundam madeiras de lei e o babaçu impera como senhor absoluto. E' muito pedregoso, mas as terras são férteis e aproveitadas para lavoura.

Seu comprimento regula pelo da serra do mesmo nome, cêrca de 30 quilômetros. Nesse vale existe muito mármore branco e raiado, dos quais trouxe algumas amostras. As rochas calcáreas aparecem em grandes massas enegrecidas e de formas bizarras, muito ásperas, por efeito do fogo e das chuvas.

A CAVERNA

O grande platô a que já me referi é a cúpola de uma caverna calcárea de tais dimensões que não tenho receio de afirmar seja uma das maiores do Brasil. E' a CASA DE PEDRA, segundo a designação dos moradores dos arredores e tem vários andares que se comunicam por planos inclinados ou degraus naturais, dispendo de uma ornamentação de encantadores e inesperados efeitos decorativos, como se ali houvessem trabalhado escultores geniais, mas que não passam, como é sabido, do trabalho milenar de gôtas d'água saturadas de cálcio.

Trouxe algumas amostras de estalagmites e estalactites brancos, de aspecto vítreo na fratura e de grande dureza. A pequena parte da caverna, que percorri à luz de lanterna elétrica e candêia de sebo, tem três pavimentos e pode abrigar umas três mil pessoas. A escuridão, o frio e o silêncio predominam naquele misterioso palácio subterrâneo. E' um local digno da visita de técnicos em geologia e arqueologia.

O SEGUNDO BOQUEIRÃO

No sentido N.E., a pouco mais de dois quilômetros do platô da caverna, o paredão deprime-se um pouco e apresenta uma espécie de garganta com cento e tantos metros de altura e uma base de 1.500 metros de largura. Nesse ponto o rio Jaucoara cortou-o violentamente, abrindo um canal de paredes verticais, cuja largura máxima é de 60 metros, atravancado por enormes blocos de pedra sob os quais a água se escoia tumultuosamente. E' um canal tortuoso no qual em diversos pontos o sol mal penetra. As saliências das rochas fendidas dos paredões do canal, afastando-se da verticalidade, aparecem ameaçadoramente penduradas sôbre o abismo e dão a impressão de estarem prestes a cair e pulverizar o visitante assombrado. O lajedo e os blocos polidos, lisos como vidro, não oferecem firmeza aos pés. Atravessar a serra, por dentro dêsse canal, fazendo o levantamento, foi um trabalho árduo, que nos consumiu todo um dia de riscos e esforços físicos mortificantes.

Passámos 12 horas seguidas a escalar blocos de pedra, a marinhar por fendas e saliências insignificantes, pendura-

dos a raízes e cipós, com um abismo sob os pés, conduzindo peças de instrumentos atadas ao corpo com as próprias roupas, utilizadas como cordas, vencendo a nado poços profundíssimos de águas revoltas, rebocando a nado jangadas improvisadas para transportar o material. Ali não se podem levar canoas comuns. À saída do canal, um poço de 150 metros de comprimento entre paredes verticais de grande altura só poude ser vencido a nado.

Mas estávamos gelados e anoitecia. Não dispúnhamos de embarcação, por não ter sido possível levá-la, devido ao atravancamento do boqueirão. Penosamente o porta-mira havia escalado na vertical 120 metros e descido outros tantos, a fim de instalar a mira para a última visada do canal. Feita esta, começámos a escalar a muralha com o instrumento, eu e mais dois camaradas. Quando chegámos ao alto da muralha, anoiteceu.

A descida foi algo milagroso, procurando passagem entre fendas, pontas de pedra e espinhos à borda do abismo ao fundo do qual rugia sinistramente o rio, tudo envolvido na cortina negra da noite. Quando terminámos a aventura da descida, eram 20 horas. Mas, se o nosso cansaço era grande, a satisfação era maior. Havíamos vencido o trecho considerado invencível por todos os conhecedores do local.

Era impossível, àquela hora, voltar pelo canal e o caminho para contornar a ponta da serra, obrigava a uma caminhada de três léguas. Marchámos para a frente por um trilho invisível, tropeçando e caindo, até alcançarmos, às 22 horas, no VÃO GRANDE, a casa de um morador, onde jantámos arroz e passámos o resto da noite frigidíssima à beira do fogo.

Não nos seria possível atravessar o canal conduzindo algo mais que os instrumentos de trabalho; nem redes, nem capotes, nem comida. Almoçámos às 7 horas e só às 22 nos foi dado saborear um pouco de arroz, graças à gentileza de uma senhora, que se levantou da rêde, socou o arroz no pilão e preparou-o na fogueira junto a qual nos aquecíamos. Um dos companheiros, que perdeu o contróle dos nervos, obrigando-nos a guindá-lo a braço em muitos pontos do boqueirão, era justamente o que mais orgulhoso se

mostrava pela proeza. Ao amanhecer de 7 de julho, regres-sámos ao ponto de partida, na entrada do boqueirão, dando à volta de três léguas por contrafortes e gargantas. Três léguas de caminhada para contra-marchar 1.500 metros (!); entretanto, menos fatigantes que trilhar de novo os precipícios do boqueirão.

Aos apreciadores do belo-horrível recomendamos essa travessia como boa prova para os músculos e os nervos. Ao majestoso canal natural, fruto do capricho absurdo dos elementos, denominei BOQUEIRÃO GENERAL RONDON, como homenagem modesta ao nosso maior sertanista, creador da *Geografia Malogrossense* e um dos mais ilustres filhos do grande Estado.

VALE DO VÃO GRANDE

O boqueirão de que acabámos de dar notícia, termina em um vale da largura média de um quilômetro, denominado VÃO GRANDE, onde se encontram diversos moradores, dos quais o mais adiantado é o Sr. Leopoldino José da Silva. O Vão Grande dispõe de pastagens, campos de cultura, matas e babassuais. A região é notável pela abundância de pássaros. Alonga-se desde as quebradas da serra do CURUPIRA até pouco além das confrontações do segundo boqueirão, fechando-se ao *Sul* por um aglomerado de contrafortes intransponíveis, que se desenvolvem até as imediações da bo-caina dos TRÊS RIBEIRÕES. A pequena lavoura é trabalhada nos exíguos vales e encostas dos contrafortes que se grupam para os lados de N.E., avizinhandose da Curupira. Nas margens do Jaucoara são feitos roçados em que a fertilidade do aluvião facilita o desenvolvimento do plantio de tabaco; vi ali muitas dessas plantas, cujas fôlhas atingiam a um metro de comprimento. Tais roçados são denomi-
nados *praias*.

O TERCEIRO BOQUEIRÃO

Vencendo um labirinto de contrafortes e lombadas pedregosas cobertas de vegetação, o Jaucoara vai-se aproximando sinuosamente do terceiro paredão, ou SERRA DO CANAL, no qual abre, com a mesma violência, uma estreita

passagem na rocha viva, produzindo inúmeros destroços, que juncam as margens e o leito, onde aparecem poços de grande profundidade e enorme entulhamento que força as águas a esguicharem ruidosa e velocissimamente pelos interstícios inferiores, como no escapamento de uma barragem re reprêsa.

Do lado de jusante é extraordinária a quantidade de peixes de todos os tamanhos e qualidades existentes na região. As muralhas laterais, fendidas e ásperas, parecem prestes a desabar. E, insinuando-se por fendas e nas grimpas, o complemento ornamental de sempre: a vegetação soberba, arrematando artisticamente o impressionante quadro.

Os moradores chamam a essa passagem “Canal do Inferno”, por acharem-na medonha e constituir uma temeridade tentar atravessá-la, tal como no BOQUEIRÃO GENERAL RONDON, embora não ofereça as mesmas dificuldades de travessia que êste apresenta.

Para aqueles moradores, acostumados a olhar indifferentemente a paisagem, sem que lhes despertem nenhum motivo de emoção, as particularidades incomuns apresentadas pelo terreno recebem, sem vacilação, o qualificativo de feio, medonho, horrível. Entretanto, êsse feio, medonho, horrível, é o que há de mais belo que o viajante possa encontrar naquelas paragens onde a engenhosidade dos urbanistas talvez jamais chegue a interferir no arbítrio da Natureza para alterar-lhe a fisionomia primitiva, segundo os figurinos impostos pela rotina predominante no momento.

Liguei a êsse boqueirão o acatado nome de outro illustre matogrossense, o Exmo. Sr. General Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra.

O VÃOZINHO

O espaço compreendido entre o morro do Canal e a serra do Limboso é um vale estreito (cêrca de 900 metros), que do lado *Sul* se estende até a PONTA DO MORRO (extremidade da serra do Limboso) e ao *Norte* avança até as encostas da serra do Curupira. Coberto de mata e babassuais, conta diversos moradores e tem um aspecto particular, devido à catadura ameaçadora das cristas das serras laterais,

nas quais o efeito erosivo das chuvas e ventos, deixa a descoberto, na desordem de blocos calcáreos que eriça, as encostas e ápices dos paredões, oferecendo à vista as mais estranhas configurações, modeladas na pedra enegrecida, mal disfarçada pela vegetação luxuriante. A pequena agricultura ali se desenvolve satisfatoriamente, não se avolumando a produção devido ao absurdo meio de transporte, o já repetidamente citado cargueiro bovino, subordinado, como venho dizendo, às dificuldades decorrentes da falta de vias de comunicação, em toda a parte resumidas a um trilho de poucos centímetros de largura, a serpentear loucamente por vales, serras, furnas, ravinas e gargantas.

O QUARTO E ÚLTIMO BOQUEIRÃO

Continuando o seu itinerário caprichoso entre contrafortes e matas, cascadeando nos inúmeros restos de cachoeiras, hoje reduzidos a modestos rápidos, o Jaucoara arremete contra a SERRA DO LIMBOSO, último obstáculo anteposto à sua penetração na planície do rio Paraguai.

O nome LIMBOSO parece viciadamente derivado de LIMO (limbo, como dizem os residentes locais) pela circunstâncias de se formarem, nas abundantíssimas pedras jacentes no rio, expêssas e intermináveis camadas de limo verde, de fibras longas, semelhantes às que se empregam em cordoalha, mas de pouca resistência. Essas camadas de limo tornam um verdadeiro suplício a marcha pelo leito do rio. A notável rapidez da corrente, aumentada na época das chuvas, com dificuldade consegue arrastar aquela espécie de vegetação e, se tal acontece, durante as cheias, a revivescência verifica-se imediatamente.

O abaixamento do perfil da serra denúncia o corte operado pelo rio, que ali forma um outro boqueirão, com idênticos esboroamentos de pedras, poços e destroços de dimensões enormes, entre os quais a água espuma e rugem.

À saída forma-se um imenso poço, flanqueado por duas imponentes massas rochosas avermelhadas, de aspecto arenítico e grande dureza.

Ainda uma vez a vegetação concorre, com o seu contingente ornamental, para completar mais um esplêndido

cenário. Tal como acontece no primeiro boqueirão, os monolitos refletem-se no espelho da água tranqüila, apenas agitada por grandes e saborosos peixes. Lembram pilares de imensa porta nos quais os capitéis foram destruídos, mas as bases se conservam rijas e aprumadas, desafiando a ação dos agentes demolidores. Homenageando o Exmo. Sr. Interventor Federal em Mato-Grosso, de cujo Estado é filho, dei a êsse boqueirão a denominação de: “INTERVENTOR JÚLIO MÜLLER”. Ao portal gigantesco, à saída do boqueirão, fim de uma travessia penosa e também de uma série de emoções fortes, que por tantas vezes puzeram à prova a nossa determinação, quiz ligar um nome que representasse para mim um motivo de estímulo para empreendimentos outros, dependentes de esforços ainda maiores. Dei-lhe por essas razões o nome de “PORTÃO DE NICE”.

Uma homenagem especial ficou perpetuada na serra rochosa do rio JAUCOARA, monumento natural, atração turística e talvez futuramente um dos mais belos Parques Nacionais: Ao conjunto dos quatro boqueirões foi dado o preclaro nome do Excelentíssimo Sr. Presidente da República, ficando assim denominado:

“BOQUEIRÃO PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS”

Depois do último baluarte vencido pelo rio Jaucoara, a serra do Limboso, o terreno vai baixando até confinar com a margem esquerda do rio Paraguai, sendo de quase nenhuma importância os pequenos relêvos que ali aparecem. Já naquela altura os terrenos adjacentes a êsse rio têm muitos pontos alagadiços e de fisionomia francamente pantanosa, não obstante as rugosidades das quais resultam alguns rápidos, que apresenta, nesse trecho, o curso fluvial, até Barra dos Bugres, ponto terminal do nosso trabalho.

ESTRADA PARA CÁCFRES

Atendendo a que a atual estrada de rodagem para Cáceres, via POCONÉ-FLECHAS, está como sempre esteve subordinada aos caprichos do tempo, alagando-se e ficando inter-

rompida durante grande parte do ano, além de ser forçada a acomodar-se ao terreno como o permita a vizinhança da serra, graças à circunstância de, no sentido técnico ser estrada só de nome, acho possível, para não dizer imprescindível, a construção de um ramal que poderá seguir os itinerários abaixo apontados, a escolher de acôrdo com o padrão que fôr adotado para a obra. Digo “ramal” porque a hipótese prevê a grande economia de aproveitar-se enorme trecho já concluído da estrada ora em construção pela IV/4.º Btl. Rdv., de *Cuiabá* para *Rosário*.

1.º Partindo da estrada da 4.ª Cia. do 4.º Batalhão Rodoviário, de um ponto próximo à serra do Curupira, transpor essa serra, penetrar no VÃOZINHO e seguir em direção à fralda da serra das Sete Quedas, deixando naturalmente à direita a PONTA DO MORRO. E' um traçado econômico, cuja única obra de vulto seria a ponte sôbre o rio Jaucoara, a qual, onde quer que se construa, precisa ter vasta seção de vasão e estrutura valente, devido ao volume e grande velocidade a que o rio atinge, durante a temporada das chuvas, arrastando árvores, arrancadas às margens. A lombada da Curupira não oferece grandes dificuldades para ser transposta, sendo já em parte percorrida pela estrada que vai de Cuiabá à Barra dos Bugres.

2.º Ainda pela serra do Curupira atingir o VÃO GRANDE, seguir por êle até alcançar a bocaina dos TRÊS RIBEIRÕES, com algum trabalho de vulto em terraplenagem nos contrafortes e na ligação à citada bocaina. Esta linha serviria à melhor zona agrícola do Jaucoara. Idêntica observação quanto à travessia do rio por meio de ponte.

3.º Mais uma vez pela Curupira, penetrar na CAMARINHA, avançar até o sítio QUILOMBO e sair pela bocaina dos Três Ribeirões. Além de apresentar as mesmas dificuldades quanto à transposição do Jaucoara, êste traçado estaria sujeito a um terreno mais movimentado e pedregoso.

4.º Da estrada da IV/4.º Btl. Rdv., mais ou menos no cruzamento com a que vai da vila de ALEGRETE, até juntar-se à de Cuiabá-Barra dos Bugres, ponto que aparece no meu levantamento; seguir por êste, entrar na bocaina da Fazenda ÁGUA DOCE por um dos desfiladeiros do morro das

Araras e continuar pela bocaina ou vale do ALTO-JAUCOARA, até atingir a Fazenda COQUEIRO. Dali contornar a cabeceira do Jaucoara, subir a encosta da serra, atravessar o planalto e descer pela serra das SETE QUEDAS. Êste traçado, apesar de exigir só uma ponte de certas dimensões no ribeirão CHIQUEIRÃO, parece seria o mais dispendioso devido ao grande trabalho de adaptação do terreno na subida e descida mencionadas, onde as rochas são abundantes e duríssimas e a cujo corte estaria inteiramente subordinado o desenvolvimento das rampas de acesso ao planalto.

Em 1940 o 1.º Tenente Bertoldo Paulo Derengowski ensaiou uma linha da Fazenda Coqueiro à serra das Sete Quedas e resolveu abandoná-la, parece que devido às dificuldades técnicas e econômicas apresentadas pelo terreno nas encostas do mencionado planalto. Essa linha, que aparece nos desenhos ilustrativos de seu relatório, foi substituída por outra que vai acompanhando a velha estrada de Poconé a Cáceres.

Além dessas causas de encarecimento, o terreno a percorrer desde a Fazenda Água Doce é imprestável para a agricultura e como existem poucos moradores disseminados no mesmo, seriam cêrca de 120 quilômetros de estrada sem proveito local. Note-se que, devido à disposição paralela dos cordões da serra, nenhuma dessas quatro linhas citadas serviria a dois vales ao mesmo tempo. Só as três primeiras teriam um ponto mais ou menos comum, a bocaina dos Três Ribeirões, dependendo ainda de fazerem-se as ligações necessárias. O último ficaria inteiramente isolado dos restantes na região serrana. Em tais condições, o traçado mais econômico é o do VÃOZINHO, sendo o mais útil o da CAMARINHA.

REPRÊSAS

A disposição dos vales intercalados na serra do Jaucoara, comunicando-se entre si a nível sòmente pelo escoadouro único que é o rio, através de estreitos canais ou boqueirões, sugere a idéia da construção fácil de imensas represas, capazes de fornecer energia elétrica para a movi-

mentação de vastíssimo parque industrial — repêras que mediriam, a primeira, da bocaina onde nasce o rio Jaucoara, a largura variável de 10 a 25 quilômetros e o comprimento de 100 quilômetros ou mais, conforme a altura da barragem necessária ao fechamento do 1.º boqueirão, cujo comprimento seria de *dez metros* no máximo; as três seguintes (Camarinha, Vão Grande e Vãozinho) seriam repêras com a largura média de um quilômetro por uns 30 a 40 quilômetros de comprimento, segundo a altura das respectivas barragens, das quais a maior não atingiria a *trinta* metros de comprimento (boqueirão GENERAL RONDON).

E' possível que prováveis fendilhamentos dos paredões naturais, os cordões da serra que separam entre si os citados vales, originassem perdas por infiltração, fenómeno de que o Jaucoara parece sofrer, provavelmente nas passagens dos boqueirões, embora não me fôsse dado commentação de vastíssimo parque industrial. Repêras que tatá-lo em nenhum ponto do rio. Os poucos e mediocremente caudalosos afluentes que o Jaucoara recebe, sempre contribuem para o aumento do seu volume, é claro, mas sente-se que o rio nunca representa a soma da tributação de seus formadores. As perdas, se ocorrem, devem fazer-se fracionariamente, em pequeníssimas quantidades, ou então, como já mencionei, por algum canal invisível, submerso nos boqueirões. A evaporação poderia também contribuir para a diminuição do volume das águas, já por si reduzido.

BASES AÉREAS

A interessante localização dos planaltos já indicados, protegidos por escarpas inacessíveis cujos pontos praticáveis são gargantas, ou melhor, brechas, onde uma dúzia de homens armados barraria a passagem a um exército, faz pensar que se se instalassem ali bases aéreas, estas gozariam de condições ideais de segurança e defesa terrestre. A própria planura onde está situada a Fazenda Coqueiro, apresentando as mesmas vantagens que os planaltos ba-

tida por ventos constantes e tendo horizonte largo, parece oferecer igualmente apreciáveis condições para campos de pouso. Um aviador civil que voou de Cuiabá a Cáceres por cima da serraria do Jaucoara ficou impressionado com o aspecto selvagem das encostas das serras e disse que teve luta com os ventos. Mas é preciso não perder de vista as condições de fragilidade do aparelho em que fêz o vôo, com um passageiro, um modestíssimo avião de treinamento primário do Aero-Club de Cuiabá, do qual o piloto era então o instrutor-chefe.

Das modernas e pontentíssimas máquinas de guerra, pode dizer-se que independem das condições atmosféricas para se desobrigarem de suas missões. Talvez um dia os nossos técnicos de aviação voltem a vista para a provável futura base aérea do Jaucoara.

SUBSOLO

Foi-me transmitido o boato da existência de hulha na região do Jaucoara, constando até que amostras foram obtidas desse minério. Indagando dos moradores radicados ali, não obtive nenhum esclarecimento a respeito. Por falta de recursos e tempo, não empreendi nenhuma pesquisa no sentido de colhêr elementos positivos. Mas a zona é suficientemente grande para ocultar, em algum ponto, surpresas de tão subida importância. O material que me mostraram em sua jazida natural, com informes de que alguns pesquisadores curiosos dêle extraíram amostras, é minério de ferro, negro-avermelhado, cujo excessivo pêso parece indicar taxa alta de metal. As amostras que colhi são do vale da CAMARINHA, junto ao meu alinhamento que vai do TORDILHO AO VÃO GRANDE, as quais infelizmente se perderam, mercê dos dificultosos meios de locomoção.

Outro minério de que me deram notícias, identifico-o como galena ou coisa parecida, a julgar conforme os característicos descritos pelos informantes, não sendo possível obter qualquer amostra do mesmo.

Garimpeiros têm percorrido a região, que parece lhes não impressionou o instinto da caça ao diamante.

PERCURSOS COMPREENDIDOS NOS TRABALHOS REALIZADOS — QUADRO
DAS DISTÂNCIAS MEDIDAS

DISCRIMINAÇÃO	PROCESSOS DE MEDIDA			TOTAL
	TAQUEOMETRO	PODOMETRO	PASSO	
Barracão-Monjolo-Almoço.....	23.225,00			
Monjolo-Cab. do Jaucoara.....	27.868,00			
Rio Jaucoara.....	158.739,00			
Ligação ao Salto do Agua Limpa.....	2.736,00			
Vão Grande-Alegrete.....	73.917,00			
Alegrete-Linha Telegr.....	3.666,00			
Rio Paraguai.....	20.630,00			
Rio dos Bugres.....	1.437,00			
Barra dos Bugres-Cabeceira do Rio Jaucoara	111.053,00			
Ligação para o boqueirão do Rib. Salobra Grande	3.700,00			
Ligação para a cab. do rib. Flechinha.....	2.243,00			429.245,00
RODOVIAS.....	Cuiabá-S. Vicente.....	92.000,00		
	S. Vicente-Rio da Casea.....	62.850,00		
	S. Vicente-Entrocamento para Poxorêu.....	16.525,00		
	Entrocamento de Poxorêu-Rondonópolis.....	144.925,00		
	Do entrocamento até Poxorêu Coxipó-Santo Antônio.....	33.738,00		
Zona do Rio Pari.....			346.370,00	346.370,00
SOMA: Kms.....	429.245,00	474.338,00	346.370,00	1249.953,00

Quilometragem global: Mil e duzentos e quarenta e nove quilômetros e novecentos e cinquenta e três metros.

DESPESAS

As despesas efetuadas com a realização de todo o trabalho: diárias e alimentação de trabalhadores, aquisição de material de acampamento, custeio de diversos transportes, ereção do Marco do Rio Jaucoara, etc., conforme balancete apresentado, montaram a Cr\$ 12.497,80 (*Doze mil e quatrocentos e noventa e sete cruzeiros e oitenta centavos*).

SERVIÇO DE CONCLUSÃO DA CARTA DE MATO-GROSSO

Instruções para o 2.º Tenente Luís Moreira de Paula, que segue para Mato-Grosso.

(Copiado do original).

Quatro objetivos devem ser atingidos nessa viagem:

I — Entrega dos documentos da prestação de contas à repartição competente do Estado. Interêsse pelo assunto junto às autoridades do Estado, no sentido de assegurar-se de que ficou bem apreendida, pelas autoridades motogrossenses, a lisura com que se faz o emprêgo dos dinheiros confiados a êste Serviço, já quanto aos fins almejados, já quanto ao método empregado na justificação da despesa. Qualquer exigência administrativa necessária à boa ordem da contabilidade do Estado, deve ser atendida.

II — Examinar, no terreno, os limites do município de Livramento, caracterizando a posição dos pontos principais dêsse limite, de maneira a assegurar uma razoável representação do mesmo na Carta do Estado.

III — Examinar no terreno o traçado da estrada de rodagem que liga Cuiabá a Rondonópolis, de maneira a assegurar a sua boa representação na Carta do Estado.

IV — Colheita (direta ou por mateiros bem entendidos) das três espécies de quina existentes na Chapada: a vermelha, a parda e a amarela. E' mister colhêr flor (se houver), fôlha e caule — para exame de características botânicas.

DETALHES

Quanto ao item I — Uma carta do Diretor dêste Serviço ao Interventor Federal, esclarecerá a situação do ser-

viço. O Tenente Moreira é, neste caso, o emissário vigilante da dignidade coletiva do Serviço.

Quanto ao item II — São pontos essenciais a fixar, mediante levantamentos amarrados a pontos já fixados na Carta:

A — nos limites entre Livramento e Santo Antônio:

a) Morrete da Pedra Branca;

b) as diversas baías ou lagoas que servem de limites, das quais deve ser tomado um croquis, assinalando-se as dimensões dos dois principais diâmetros, um longitudinal e outro transversal. (E' mister apurar se essas lagoas ou baías são permanentes. E' necessário ligar êsses pontos por um levantamento regular expedito).

c) a foz do rio Aguaçu no Cocais e a dêste no Cuiabá. Assegurar-se se o Cocais entra no Cuiabá unido ao Formigueiro ou isoladamente. (A escalada do ponto mais alto do Morrinho — junto à cidade de Santo Antônio — permitiria fazer um croquis panorâmico dos macissos e do rio e facilitará a irradiação, para amarrar os outros morros, como também o rio, a êsse ponto).

B — Com o Município de Cuiabá:

a) Levantar o trecho do Cuiabá entre a foz do Cocais e a do Formigueiro (no caso em que entrem separadamente no Cuiabá);

b) assegurar qual a nascente principal do Formigueiro no caminho de Cuiabá a Cáceres, pelo divisor sul do Parí. O Formigueiro deve contraverter com o Sapateiro, que entra no Teixeira e êste é afluente do Parí. A linha desde a foz do Formigueiro até a foz do Teixeira, no Parí, deve ser percorrida, se isto fôr viável, prolongando-se pela margem esquerda do Parí com irradiações que permitam alcançar a cabeceira mais meridional do Esmeril;

c) amarrar a Cabeceira do Cachoeirinha e a foz do ribeirão Coxo (no Jangada) pelo processo mais viável, a ponto ou pontos figurados na carta.

C — Com o Município de Rosário:

a) Determinar topograficamente a posição da cabeceira principal do Jangada. E' provável que essa cabeceira

fique no caminho de Cuiabá a Cáceres, pelo divisor da margem direita do Pari;

b) idem, a do Jaucoara. (Esta deve contraverter, segundo as informações, com o Córrego da Passagem ou da Palmeira, córrego êsse, que passa no sítio dêste nome, na estrada de Cáceres a Rosário. E' mister saber se há aí um só córrego ou dois e colocar a cabeceira contravertente em posição aproximadamente exata em relação à cabeceira do Jaucoara).

D — Com o Município de Cáceres:

Além da cabeceira do Jaucoara que também é ponto de limites com o Município de Cáceres, é mister determinar a posição da cabeceira do Almôço e a sua foz no rio Sangrador.

E — Com o Município de Poconé:

a) Caracterizar o curso do rio Sangrador Grande;

b) caracterizar a nascente principal do rio Bento Gomes;

c) caracterizar o curso da corixa Landi da Formosa e o da Corixa Landisal. Examinar se êsses acidentes permitem a materialização da linha de limites entre Livramento e Poconé e se há outros meios naturais ou mais claros de definir êsses limites.

QUANTO AO ITEM III

— Fazer o levantamento expedito ou semi-expedito, se possível, da estrada de rodagem Cuiabá-Rondonópolis no trecho entre o passo do Aricá (assinalando o ponto em que até depois do rio Oíbo, quando a estrada tendo-se entra a estrada tendo-se entrasado de novo na linha telegráfica, sado de novo na linha telegráfica — ramal sul — a abandona, em procura do rio Poguba-Xorêu.

QUANTO AO ITEM IV

— E' mister, logo que chegue a Cuiabá, consultar os entendidos, e enviar emissário direto à Chapada (ou por-

tador com recomendação para moradores idôneos daquela região) que possam colher amostras de caule, fôlha, flor e fruto das três variedades de quina, cada uma acondicionada separadamente.

INDICAÇÕES GERAIS

Tomar todos os informes que puder sôbre a direção e extensão dos rios (os Três Ribeirões, por exemplo, o Pinheiro, cuja cabeceira principal talvez seja o rio Buriti Grande, etc.). Obter informes sôbre os afluentes da margem esquerda do Pará.

Os levantamentos visando a amarração de acidentes importantes devem partir de pontos bem definidos nas cartas dêste Serviço, tais como: passagem, da linha telegráfica (dar o número do poste e procurar o primeiro acidente figurado à direita ou à esquerda); cruzamento de estradas ou passos de rios nas mesmas ou ainda confluências de rios bem definidas, etc. Igualmente: os levantamentos que vão ter a estradas conhecidas, devem terminar junto a acidentes que estejam figurados na carta. Visando-se de sítios elevados vários pontos bem definidos na carta, a posição da elevação ficará bem definida no desenho. O emprêgo de ângulos verticais permitirá a determinação de altitudes relativas.

Para a determinação da altitude por leituras barométricas convém observar o seguinte:

O aneróide deve ser aferido, tomando-se a leitura natural do instrumento igual à leitura do Barômetro de Fortin, reduzida a zero.

Para correção da onda semi-diurna nas leituras barométricas, é mister construir um gráfico das leituras, de hora em hora, feitas em um mesmo lugar, desde 6 até 21 horas.

Os pontos mais influentes na curva barométrica são o 1.º mínimo (que se processa entre 4 e 6 horas) e o 1.º máximo, que se processa entre 9 e 11 horas. O 2.º mínimo (entre 19 e 21) e é também mais fraco que o primeiro. entre 19 e 21) e é também mais fraco que o primeiro.

A média barométrica (média do gráfico acima descrito) é mais que suficiente para corrigir os excessos ou deficiências apresentados pelas leituras durante o dia.

Na dificuldade de fazer observações consecutivas, pode-se efetuar as que são essenciais.

Assim as observações de $6\frac{1}{2}$ horas como as de $12\frac{3}{4}$ são as que mais se aproximam da média geral.

As observações de 7 horas, as de 14 e as de 21 horas fornecem a fórmula geral da média:

$$X = \frac{7h + 14h + 2 \times 21h}{4}$$

As observações exatas do 1.º máximo (entre 7 e 11) e do 2.º mínimo (entre 16 e 18) permitem tirar igualmente uma boa média. E' mister, neste caso, observar o barômetro nas proximidades da hora de colimação, fazendo observações de 15 em 15 minutos, até ter a certeza de haver colhido o valor no momento em que a curva do instrumento muda de sentido (de ascendente para descendente ou vice-versa). E' inútil procurar diferenças entre pontos cuja altitude difira de menos de 10 metros.

Ter em consideração que os dados que vão ser colhidos se destinam à Carta de Mato-Grosso e que por isto há pressa na realização do serviço e pressa na comunicação dos resultados. Usar o telégrafo, quando fôr mister.

Q. G. do E., na Capital Federal, 12 de novembro de 1941,

Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos,

Cel. Diretor

ANOTAÇÕES RÁPIDAS SÓBRE AS CONDIÇÕES EM QUE
VIVE O POVO RADICADO ENTRE CUIABÁ, POCONÉ,
ROSÁRIO-OESTE E BARRA DOS BUGRES

ADVERTÊNCIA

Dizer a verdade não raro causa desagrado, por maior que seja o esforço empregado no intuito de atenuar o choque advindo da exposição de ocorrências quaisquer, se estas não podem eventualmente converter-se em lisonja.

Os artificios de expressão para disfarçar o realismo dos acontecimentos, a fim de não prejudicar a beleza da frase nem ferir possíveis melindres, desfiguram tanto a verdade, que esta acaba irreconhecível. Quem intenta apresentá-la sem ter o cuidado de a vestir de trapos vistosos, passa em geral por maldizente, caluniador, enfim, expõe-se a toda a inexgotável escala de *desqualificativos* aplicáveis em tais circunstâncias.

Apesar de todos êstes *perigos*, não me amedronta o julgamento ocasionalmente impôsto a estas notas, resultantes do testemunho pessoal e informações espontâneas, recebidas de homens simples e por isso mesmo isentos da suspeição de se darem ao luxo civilizado da invencionice...

O objetivo aqui é apenas um: *informar*.

Antes de tudo é preciso ser lembrado: Não me era necessário recorrer à imaginação nem a assuntos aparentemente estranhos ao meu serviço com vistas à simulação de haver trabalhado muito, em primeiro lugar porque nunca tive empenho em fazer cartaz, e em segundo, porque só na parte relacionada com a missão própria dita há material de sobra, utilizável como prova de que, para me desobrigar, foi preciso no mínimo esquecer a existência da palavra *comodismo*.

A idéia predominante foi a seguinte: no meu encargo de funcionário pago pelos cofres públicos a fim de percorrer e obter anotações sôbre uma região de característicos oficialmente pouco conhecidos, seria inepto fechar olhos e ouvidos a pormenores equivalentes e, alguns dêles, até superiores em importância ao objetivo restrito de minha tarefa, pelo simples motivo de não terem sido êsses pormenores especificados em adendo ou complemento àquela incumbência.

Referem-se estas notas, como já foi dito, a observações diretas e notícias fornecidas pelos moradores da região, figuras centrais de tudo quanto aqui se menciona.

E' inevitável, em muitos casos, a emissão do ponto de vista pessoal; parece-me até necessária, não só com o fito de obstar que uma deliberada aridez descrita aborreça e desinteresse ao leitor, mas ainda a fim de exprimir a modalidade inicial da reação operada no observador perante cousas que lhe são novas, ou constatadas pessoalmente pela primeira vez.

ZONA BAIXA: RIO PARÍ (*Margem esquerda*) — RIO SANGRA-DOURO GRANDE — CÔRREGO DO ALMOÇO — SÍTIO MONJOLO — VILA PASSAGEM DA CONCEIÇÃO.

ZONA ALTA: SERRANIA DO JAUCOARA — BAIXO-JAUCOARA ATÉ BARRA DOS BUGRES.

USOS E COSTUMES

Aspectos físicos da Zona Baixa

Uma idéia geral da fisionomia desse terreno já foi dada em página anterior destas notas. A grande superfície que tem por limites os rios PARÍ e SANGRA-DOURO GRANDE, SANGRA-DOUROZINHO e o PAREDÃO DA SERRA DAS ARARAS é geralmente baixa, com característicos de pantanal e apresenta somente as massas elevadas da pequena cadeia que culmina no morro CORTADO.

O PAREDÃO DA SERRA representa o início de outra faixa, cujo aspecto é completamente diferente, uma região violentamente acidentada, com trechos de planalto, profundas

bocainas, platôs de escarpas verticais, desfiladeiros intransponíveis, onde há quase permanente falta de água, secando-se as fontes no período agudo da estiagem. As bocainas e desfiladeiros são contudo cobertos de vegetação alta e as pastagens não são más, prejudicadas entretanto pela ausência de água em abundância, sofrendo o gado ainda o flagelo do ataque sistemático das onças, que encontram condições ideais de desenvolvimento e segurança nos inúmeros socavões e furnas das serras, além de presa fácil oferecida pela abudantíssima caça silvestre.

O combate permanente a essas feras obriga a formação de expedições, que levam cães amestrados, os quais em geral são as primeiras vítimas do traçoeiro felino. Em outro local demorei-me bastante na descrição daquelas serranias.

Para não estar pormenorizando em demasia, nas notas que se seguem, sempre que fôr necessário citarei o local da observação ou o em que me foi prestada a informação, visto que não há distinções essenciais nos hábitos e rotinas.

POPULAÇÃO

A população disseminada naquelas terras é pouco densa e consta de alguns fazendeiros possuidores de maiores ou menores recursos, diversos sitiantes e uma série de moradores avultos, que não são sitiantes, nem agregados, nem colonos e vivem mais ou menos entregues a si mesmos, trabalhando para uns ou outros, sem obrigações ou compromissos, mudando de casa ou de lugar quando bem lhes parece e fazendo suas roças onde melhor entendem, desde que a terra lhes agrade. Em geral procuram o apoio dos “mais fortes” (expressão local, que designa os possuidores de mais recursos) dos quais se valem em seus contínuos apertos. Esses “mais fortes” exercem uma espécie de controle sobre aqueles semi-nômades, dando-lhes trabalho e assistência, de acôrdo com o mérito de cada um.

ALFABETIZAÇÃO

A percentagem de analfabetos é simplesmente alarmante. Não há cousa mais difícil que encontrar-se quem

saiba ler e escrever pelo menos o próprio nome. Contudo vi abnegados soletrantes, rodeados da meninada, que os chamavam respeitosa-mente: “professò” e lhe davam aulas particulares, por conta dos responsáveis pelas crianças, sendo que muitas destas viajavam quilômetros sòzinhas a fim de ir à “aula”.

VÍCIOS DE LINGUAGEM

Consequência lógica do que fica dito acima, não seria exagêro dizer que por ali existe um dialeto particular. Um velho sitiante perguntou-me se eu era “aqui mêmo di nossa terra”, porque eu falava “diferente”. E, como em conversa fôssem citados outros Estados do País, êle indagou se as terras mencionadas ficavam “aqui no nosso mundo”. O fato de *falar diferente* supponho que esteja relacionado com certos vícios de linguagem correntes por lá, além do timbre meio cantado e deturpações comuns à linguagem do povo, para não falar nas curiosas construções em que são empregados têrmos que só êles entendem.

Um “pormão” é um abcesso, cousa que eu não sabia. Um dos vícios mais comuns é o de introduzir *grupos consonantais sonoros*, em certas palavras, dando-lhes uma estranha sensação auditiva: dg, tx, dj, etc.).

Nomes como chefe, peixe, feijão, cachorro maxixe, queijo, gente, chuva, jeito, são pronunciados *txefe*, *pêtze*, *feidjão*, *catchorro*, *matxitxe*, *quedjo*, *djente*, *txuva*, *dijeito*, etc. O mais interessante é que até estrangeiros de origem contraem tais vícios de pronúncia, como ouvi de uma senhora síria em Rosário-Oeste e a um rapaz francês “attaché” a um convento em Livramento onde está treinando para padre; não sei se por terem-se deixado absorver pelo meio ou por transigência fingida com êste, procurando tornarem-se simpáticos.

É possível que a causa principal dessas particularidades resida na ausência de contacto com elementos estranhos, afeitos a outros costumes. De lá ninguém sai para adquirir hábitos novos. Ninguém vai para lá, levando costumes diferentes.

Empregam, entretanto, às locuções “pai grande” e “mãe grande” quando se referem ao avô e à avó. Quem teria

levado para lá êsse afrancesamento? Cancei-me de ouvir “cerceado” no sentido de *quase decepado*.

O TIPO HUMANO

Na maioria, parece que são moradores muito antigos daquelas terras, divididas e redivididas na sucessão da posse, ou pelo menos, da “ocupação”, quer fixa, quer volante, como já se disse. A falta de corrente adventícia concorre para um resultado curioso, embora fatal: são quase todos aparentados entre si. Uns 50% são portadores de bócio, em muitos casos duplo e triplo, havendo meninos de oito anos ou menos já com o pescoço deformado pelo início do papo.

Encontram-se muitos retardados mentais e aleijados de nascença; o raquitismo e certa supuração crônica dos olhos são generalizados entre as crianças, atingindo essa moléstia da vista também aos adultos, nos quais provoca a queda dos pêlos protetores dos olhos, de que resulta um aspecto repulsivo de pálpebras sanguinolentas e congestionadas; talvez até a cegueira, de que existem casos. Os exemplares geralmente aceitos como tipo de beleza humana são raríssimos. Há por lá o costume de aparar os cantos dos dentes incisivos, resultando dessa original concepção de embelezamento uma dentadura que lembra a dos felinos.

Fisicamente os tipos não excedem à estatura média e embora resistentes, não são vigorosos. A desconfiança natural que geralmente nutrem contra os estranhos, a ponto de se esconderem à aproximação dêstes, transfôrma-se em ótima camaradagem e hospitalidade depois de certificarem-se de suas boas intenções. Há bons trabalhadores, merecedores de confiança e ali encontrei camaradas que colaboraram com prazer no trabalho e tornaram-se meus amigos.

Existe sempre em cada núcleo um cidadão que exerce uma modalidade de autoridade patriarcal e cujos conselhos e ordens são acatados sem discussão. Essa pessoa é um precioso elemento de ordem, um colaborador gratuito e solícito que as autoridades têm naquelas paragens remotas.

ALIMENTAÇÃO

A alimentação popular consta de arroz cozido, que a grande maioria prefere sem sal, feijão, abóbora, alguma farinha de milho preparada pelo processo de fermentação e farinha de mandioca, sendo mais preferido o uso direto desta raiz.

Isto não quer dizer que êsses ingredientes sejam sempre usados em conjunto. A carne é cara e por esta razão usada parcimoniosamente; o peixe, nas vizinhanças dos rios piscosos, que são todos, não é consumido com a largueza que se poderia imaginar e nos pontos mais afastados o seu consumo é nulo. Há muita caça; pacas, veados, cutias, porcos selvagens, tatus, antas, capivaras, patos, marrecos, mutuns, perdizes, codornas, pombos, etc., mas pouca gente faz caçadas, talvez devido ao elevadíssimo preço da munição. Mesmo as pescarias são preferencialmente feitas a flecha, à moda dos índios, costume êsse muito generalizado.

Ninguém ou quase ninguém usa café, que é sempre caro e difícil de obter, mas o consumo do guaraná em bastões, ralado e infuso o pó em água fria com ou sem açúcar, é um costume que se aproxima do ritual.

O mate é inteiramente ignorado e o leite e seus derivados têm o mínimo de consumo. Quase todos criam porcos, mas é curiosa a escassez permanente de carne e de toucinho. As frutas não são cultivadas a não ser a banana da terra que em grande parte é consumida verde, assada, cozida ou guisada. As outras variedades de bananas são pouco apreciadas e não se encontram com abundância. As laranjas são muito apreciadas, mas pouca gente se dá ao trabalho de plantá-las. Com o hábito da periódica mudança de morada e abandono sucessivo dos tratos da terra desmatados para plantio, as taperas e capoeiras crescem de número ininterruptamente. E as laranjeiras por acaso existentes nessas taperas e capoeiras são visitadas sempre que frutificam; mas como ninguém cuida delas, afastando galhos daninhos, cipós, parasitas e insetos, acabam sempre definhando e morrendo. Nessas capoeiras e mesmo nas roças vi quantidades enormes de mamoeiros carregadíssimos de excelentes produtos, dos quais só os passáros se serviam; os moradores não apreciam muito essa fruta.

Cousas interessantes verificam-se entre alguns moradores com respeito à maneira de servir as refeições. Quando a servem à mesa, os pratos, que são já trazidos da cozinha abastecidos dos ingredientes constantes do cardápio, são colocados em tórno de um monte de farinha despejada na mesa (quando há farinha).

Cada um tira farinha à vontade, às colheradas. O mais comum é estender um couro no chão, dentro do rancho e pôr-lhe em cima os pratos e as panelas; os interessados acocoram-se em volta para comer e a canzoada, cheia de apetite, vai girando em tórno a farejar e a coçar-se.

A grande maioria não conhece o pão; desconhece o moinho de fubá, ficando assim privada dos mais numerosos recursos alimentícios fornecidos pelo milho. O consumo de aguardente, apesar dos preços extorsivos, é enorme. Em alguns pontos existem tascas (vendas) nas quais sistematicamente não se encontram cigarros, fósforos, querosene, sabão, biscoitos, sal, toucinho, carne, etc., mas não falta nunca aguardente de sete ou oito marcas diferentes.

Honra seja feita a alguns “leaders” dos moradores, cuja mesa é apresentada de acôrdo com a sua dignidade pessoal, por saberem viver em um confôrto compatível com a latitude.

HABITAÇÕES

Alguns fazendeiros têm casas residenciais com relativo confôrto, mas o povo geralmente vive em ranchos de construção primitiva, com um ou dois compartimentos, raramente barreados, cujo piso é deixado no mesmo nível do terreno circundante. Dessa prática inexplicável resulta que as enxurradas atravessem livremente por dentro dos ranchos, bem como os ventos e o frio, mercê do sistema de paredes. Não há naquela pseudo-habitação nenhuma cousa que sugira a mais rudimentar idéia de confôrto. No rancho, há sempre, na taipa que faz as vezes de parede, um quadradinho barreado, protegido com cuidado: é o lugar onde ficam os santos. O fogão é improvisado por três pedaços de pedra ou cupim, no chão, dentro ou fora do rancho, e as panelas quase sempre são de barro. A água para con-

sumo é carregada em pesadíssimos potes de barro, algumas vezes de três quilômetros de distância.

O banho só e tomado nas fontes naturais e o uso de sabão é luxo. E' raro ver-se uma planta, uma árvore junto ao rancho, bem como uma construção auxiliar. Outras vezes encontram-se ranchos barreados e apenas com uma porta em cada extremidade, por causa dos mosquitos; como é comum êsses insetos aparecerem ao crepúsculo, logo que o sol se deite é fechado o rancho. Com uma candêia de sêbo ou azeite de peixe a arder no interior, não é difficil avaliar o grau de pureza e o *sabor odorífero* do ar que se respira ali dentro.

VESTUÁRIO

O preço proibitivo dos tecidos impõe o consumo do que há de mais ordinário no gênero *tecidos*. Tal cousa não significa que os produtos de tecelagem por aqui classificados como inferiores ou *baratos* sejam vendidos a baixo preço naquelas paragens. Custam pelo menos o dôbro. Os tecidos de lã são praticamente desconhecidos.

Certo ancião, apalpando o meu cobertor de lã, teve a seguinte expressão: "Parece feito de cabelo de gente". Um cobertor ordinaríssimo custa o preço de excelente similar nesta Capital. A solução, que nada soluciona por ser apenas paliativa, é recorrerem à fogueira, acesa junto à rêde, de que às vezes resulta um desastre, pois vi criaturas aleijadas das mãos por terem caído no fogo durante o sono.

Quando faz muito frio, pouco dormem durante a noite. São forçados a se levantarem e ir para junto da fogueira, visto que lhes faltam cama, colchão, cobertor, capote, roupas. Se com o frio vem uma chuva de vento e apaga-se o fogo...

O calçado é artigo sem consumo. As mulheres, nas festas, aparecem no máximo de chinelos, o que já representa um super-luxo, atendendo-se aos preços. Os hábitos comuns de higiene são quase desconhecidos. Pouco uso se faz do pente e houve quem me perguntasse, ao ver uma escôva de dentes: "Que que é êste?" (Esta forma de perguntar é correntemente empregada em lugar de: "o que é isso?").

Felizmente, para aqueles homens, não há por lá nenhum trabalho organizado, ou, pelo menos, com aparência disto. Se houvesse, a produção seria irrisória, em consequência das condições de alimentação e de repouso, de que acabo de dar ligeira mostra, além de outros fatores.

As atividades que se processam por lá, resumem-se ao necessário para manter um padrão de vida como se vai tentando descrever. E, para tanto, na realidade, ninguém precisa ter preocupação com trabalho.

USO DA RÊDE

Sistemáticamente é usada a rêde em substituição à cama. Mesmo os doentes, por mais grave que seja o seu estado, conșervam-se na rêde, assim como as crianças.

Quando alguém morre, não se faz caixão para o sepultamento; o corpo é transportado à campa na própria rêde em que viveu; depois de enterrado, a rêde volta para casa. Os cemitérios são improvisados em pleno campo e raramente cercados. Naquelas paragens que distam muitas dezenas de quilômetros dos centros povoados, a solução a dar ao problema, o remate a dar à extravagância de morrer, é sepultar o paciente nas proximidades do local onde passou a vida e, em certos casos, no local onde desistiu de continuá-la.

Pelos sertões não é raro encontrarem-se cruzes que assinalam sepulturas eventuais, ou simplesmente votivas. Quando morre um morador dos arredores duma dessas cruzes e ainda não existe um cemitério à distância conveniente, é êle sepultado ao pé da cruz mais próxima.

Com o tempo vão-se-lhe juntando outros companheiros e assim se formam as necrópoles rústicas que o viajante de quando em quando depara à margem dos caminhos. Sepulturas anônimas, de gente que viveu ignorada e depois de baixar à terra nem sempre tem a assinalar a sua última morada, a cruz tôsa de madeira, a qual ali, naquela muda e minúscula sociedade perdida para sempre na brecha, distingue os mais afortunados, possuidores de um amigo, beneficiários da piedade comovente e sincera do sertanejo simples e bom.

O LAMBARI

Esse saboroso peixinho que vive em qualquer água por pequena que seja e por isso mesmo existe em toda a parte, tem entre os moradores da zona baixa um extraordinário consumo. Na época apropriada há uma verdadeira safra de lambaris, chegando os moradores mais distanciados dos pontos onde há peixe em abundância a montar acampamento junto àqueles pontos por dias seguidos, a fim de procederem ao preparo do azeite de lambari.

Para isso dão-lhe cêrcos com cestos e peneiras (“apás”) e cozinham-no em tachos. A gordura é recolhida em latas, potes, garrafas, etc., cada um armazenando a quantidade que lhe parece bastar até a safra seguinte. Essa gordura, branca, quase sem cheiro quando ainda fresca, é usada à guisa de banha ou toucinho na preparação da comida, em candêias de iluminação e como lubrificante. A lampada popular é uma reedição da secular candêia de barro. É um simples pires de barro, com pequena saliência em forma de calha ou bico, na qual se apoia a ponta acesa da mecha de algodão em rama, ficando o resto desta mergulhada no azeite dentro do pires. O petróleo é artigo de alto luxo e só os “mais fortés” podem gozar-lhe os benefícios.

COMÉRCIO

O comércio rudimentar que se exerce por ali é em resumo o comércio primitivo da troca de produto por produto. O preço é feito pelo comerciante, que paga e cobra quanto quer. E como em geral o comerciante é um cidadão “importante”, as suas decisões são inapeláveis. Mantimentos pelas de animais domésticos ou selvagens e ainda o resultado de ínfima “faiscação”, trocam-se pelas mercadorias necessitadas, tais como panos, guaraná, sal, fumo, aguardente, ferramentas, etc., de acôrdo com taxas que fariam corar ao mais descarado intrujão. O sal estava sendo vendido na vila de Alegrete a Cr\$ 2,50 e o querosene a Cr\$ 10,00 o litro. Houve quem fizesse correr o boato de que havia sido “afundado pela guerra” um navio que vinha trazendo todo o guaraná que abasteceria Mato-Grosso.

Foi o bastante para que o guaraná subisse a Cr\$ 150,00 por quilograma, mesmo em Cuiabá.

Um machado que aqui custa Cr\$ 15,00 lá era vendido até por Cr\$ 50,00. *Em compensação*, um cargueiro de feijão por exemplo (mais ou menos 100 litros) transportado penosamente pelo morador em três dias de viagem em cargueiro de boi, trocava-se por um pauzinho de 150 gramas de guaraná, algumas garrafas de “pinga” e quase nada mais.

Nas cercanias do sítio denominado Tambor, próximo à cabeceira do rio Jangada, havia uma pequena faiscação de ouro de aluvião. O produto obtido, umas poucas gramas, era trocado diariamente na vendinha próxima por artigos de primeira necessidade. A pesagem do metal fazia-se, como vi, por dentro do balcão, a alguns metros de distância do vendedor, em uma geringonça parecida com balança de mão; e como essa operação ocorria à noite, à luz de uma lamparina, parece-me um tanto arriscado jurar pela exatidão da pesagem, que entretanto poderia estar certíssima.

INDÚSTRIA PASTORIL

A técnica pecuária em geral é a estabelecida pela lei do menor esforço. Os animais cumprem as predisposições da natureza e esta encarrega-se do resto. Cria-se algum gado vacum, poucos equinos, suínos e galináceos. Os quadrúpedes têm sido periodicamente devastados pela peste (raiva bovina) que atinge até os porcos, cabras e ovelhas. Indaguei de um criador o motivo a que atribuía a propagação e repetição do mal, ao que êle me respondeu: “Isso é castigo”. Talvez êle houvesse acertado com a verdadeira causa, sem o querer, é um duro castigo, pelo descaso em aplicar, nas épocas prescritas, as vacinas anti-rábicas, preparadas pelo eficiente pòsto do *Serviço de Profilaxia da Raiva Bovina do Ministério da Agricultura* que diligentemente funciona em Cuiabá. Além de não acreditarem, muitos daqueles pequenos criadores, na vacina, nem no efeito benéfico do isolamento do gado doente, ninguém os compele a executar, queiram ou não, essas medidas salvadoras. Possivelmente à falta de uma lei apropriada a essa ação com-

pulsória. Mas o bom-senso é uma lei tão forte... O resultado da ação negativa desses recalcitrantes é o despovoamento dos campos, com o conseqüente empobrecimento progressivo duma população já pobre.

Perguntei a outro criador o que era feito do gado que caía atacado de peste e morria no campo. Interessava-me saber se era queimado, enterrado ou abandonado aos prazeres gastronômicos dos urubus e outros apreciadores de semelhante iguaria. E êle respondeu-me: "*Alguns sarga e come, ôtros dexa pros aribus*". E assim fiquei sabendo, por informação de Antônio Alves, morador do sítio Faval, junto ao morro Cortado, que há por lá quem coma carne de rezes mortas de peste; é possível que êle próprio o faça, para ressarcir uma parte do prejuízo advindo do "castigo". E como fiz duas refeições em sua casa, onde pernoitei, é também possível que já tenha pago por adiantamento o que agora estou dizendo aqui.

Poucos fazendeiros procuram melhorar seus rebanhos adquirindo reprodutores e quando o fazem preferem sempre o zebu ou similar. O gado primitivo local é uma espécie de caracu, mirrado, chifres longos, finos e recurvados, apresentando um aspecto de raquitismo progressivo. As vacas são péssimas leiteiras, mas isso não tem ali grande importância, pelo que já foi dito a respeito do consumo do leite e derivados, o que tanto pode ser causa como efeito. Os bois são amestrados para cangalha e mais raramente para tração. O morador em geral possui um ou dois bois de cangalha, que é o meio de transporte quase único empregado por lá, sendo mesmo o único na serrania.

As carretas ou carroças, privilégio de fazendeiros, não são por isso mesmo acessíveis a todos. As carretas não têm aros de ferro nas rodas e como os caminhos naqueles terrenos pedregosos não se prestam para rolamento desses veículos, as carretas aparecem grotescamente com as rodas quase quadradas.

Muita gente não concebe meio de transporte mais rápido e de maior capacidade que a carreta de boi. Para dar idéia da capacidade de um vagão ferroviário de carga e da velocidade de um trem, fui forçado a reduzir toneladas a "carretadas" e quilômetros a léguas.

RELÍQUIAS

Muita gente ali ignora o que seja uma fotografia. Não se vêm retratos de pessoas da família. O popularíssimo retrato do Exmo. Sr. Presidente *Getúlio Vargas*, só o vi em uma fazenda, no cartão da folhinha. Mas para compensar essa lacuna, não existe palhoça, por mais miserável que seja, que não tenha o já mencionado retângulo de barro na parede, ao qual estão suspensas diversas estampas de santos e ao pé da mesa com um caixote servindo de oratório, entupido da maior variedade possível de effigies de outros santos, cujos nomes e milagres o morador sabe de cór, bem como as datas que lhes correspondem. E' que essas datas assinalam uma festa aqui ou acolá e, sobretudo, um dia santo de guarda.

SUPERSTIÇÕES, ETC.

Vimos há pouco um morador afirmar que a peste do gado vinha por castigo. Vamos agora ver o que mais existe a este respeito.

Tudo quanto acontece ou deixa de acontecer por ali é tomado como castigo: peste da criação, sêcas, enchentes, incêndio no campo e nas roças, mordeduras de cobra, eclipses, brigas, doenças, trovoadas, assassínios, estrêlas cadentes, calor, morte natural, frio, cometas, tudo fica simplificado e suficientemente explicado com a inclusão no infinito rol dos castigos. Segundo os "avisos, decretos, portarias, conselhos e ensinamentos" verbais ministrados pelos *agentes autorizados*, tudo leva a crer que aquela gente admite a existência de um tribunal divino com a função especial de inventar castigos para puni-la. Seria assim a vítima da mais onerosa tributação imposta pelas divindades, ou, o que dá na mesma, um povo escolhido às avessas.

Também, não é para menos: seus pecados lhe são enumerados e embora expostos com todo o seu horror, aquele povo não se emenda, não se arrepende e não se penitencia... Alguns casais vivem em comum, sem se casarem, não se confessam, não batizam os filhos... Não se preparam convenientemente para essas cerimônias, arranjando di-

nheiro seja lá como fôr, fazendo doces, engordando leitões e frangos para banquetear o preposto divino, que no fim do semestre irá fazer a safra de almas, montado em seu cavalo e expedindo ordens para o povo interromper o trabalho e dirigir-se ao ponto de reunião escolhido (geralmente onde haja boa casa) a fim de recebê-lo... Muitos são indisciplinados e não cumprem as ordens que recebem... Como não haver castigos?

E assim vai o preposto, de grei em grei, salvando e consertando almas aos magotes, ameaçando aos relapsos com tremendos castigos, comendo bons jantares que nada lhe custam e entupindo de dinheiro as algibeiras da sotaina. Apesar dos pesares, parece que as mulheres de mais de 25 anos e os homens gozam de certa simpatia divina, pois que a sua confissão não os retém na sala fechada por mais de 2 ou 3 minutos...

Quando por lá passei fui informado (no sítio Cambaia) dessas futilidades e ainda de outras como por exemplo: a população havia sido avisada de que os preços de batizados e casamentos, que eram de Cr\$ 5,00 e Cr\$ 10,00 respectivamente, iam passar a Cr\$ 10,00 e Cr\$ 20,00 em consequência de haver o govêrno aumentado os impostos...

Pensando bem, aquela *miscelânea humana* de nada tem que se queixar. É uma *excelsa honra* para ela a circunstância de ser visitada periódicamente por um *legítimo ariano* (made in Germany) que além disso, tem, por fôrça do ofício, relações diretas com o céu...

Os agentes do govêrno legal (dizem os moradores), por lá aparecem somente para prender e cobrar. É uma viagem longa, sem confôrto; mas, já que a fazem por algum motivo, poderiam fazê-la mais vêzes, mesmo inventando motivos, como por exemplo: estudando, instruindo e até mesmo intrometendo-se com o estado sanitário, agricultura, pecuária, vias de comunicação, preços de compra e venda e tantas outras cousas interessantes e divertidas... Talvez com isso fizessem uma modalidade de concorrência do *ariano enviado do céu*, subtraindo-lhe até uma parcela de *autoridade*... Mas a dificuldade está em que, possivelmente, se vissem coagidos a explicar àquela gente muita

cousa estranha e desnecessária à vida eterna, como por exemplo o nome do país onde vive, o que é o govêrno, qual a sua função, etc., e seria insuportável massada explicar tudo isto, depois de uma caminhada mortificante, subindo e descendo serras...

Certamente uma dosagem equitativa de cousas celestes e terrenas daria resultados mais úteis e práticos àquela população. Por que a conservação do pariato em que é abandonada? Como as cousas abandonadas pertencem a quem as recolhe, não admira haver quem aproveite as vantagens desse abandono. Um consôlo, ainda que precário, seria êsse aproveitamento fazer-se por elementos nacionais, especializados na técnica de arrebanhar ovelhas para o aprisco celeste, mas aquela região é *zona de influência estrangeira*, o que melancolicamente confirma o aforismo — “Ninguém é profeta em sua terra”.

Ainda bem que não surgiu por lá um aventureiro deliberado a reeditar a epopéia de Canudos.

MEDICAMENTOS E CURANDEIROS

Além de algumas preparações farmacêuticas vendidas pela tabela local nas tais *vendas*, há o uso de benzeduras, emplastros e infusos de produtos da flora e fâuna, usados empiricamente segundo os conhecimentos próprios ou de oitiva de cada um.

Os curandeiros e *raizeiros* têm sempre grande clientela. Instalou-se em uma fazenda, no Aricá, cêrca de 30 quilômetros de Cuiabá, um curandeiro de nome Pedro de tal, vulgo “Pedrinho”. Sua fama propagou-se, figurando entre sua clientela pessoas de representação da capital do Estado. Não só dos arredores, mas até de Campo Grande, a quase mil quilômetros de distância, concorriam pacientes ao rancho do Pedrinho, havendo casos de pessoas que diziam ter restabelecido a saúde depois de longo tempo e muito dinheiro perdidos com os médicos. Como não posso assumir a responsabilidade pelo que não testemunhei (responsabilidade do relato, já se vê) aqui vai uma façanha do Pedrinho tal como me foi narrada: As autoridades sanitárias de Cuiabá ao terem notícias dos prodígios que êle

vinha realizando, resolveram observar de perto a sua “técnica” e liquidar com a farça, se fôsse o caso. Mas, não só acabaram consentindo em suas atividades, como chegaram até a ser embrulhadas pelo “vidente”. Tomando um carro, alguns médicos dirigiram-se ao Aricá, onde encontraram o “iluminado” no afã de atender à clientela, que era grande. Teriam que esperar a vez e assim o fizeram, pachorrentamente, pois que não se deixaram identificar. O motorista que os conduziu encontrou meios de ser ouvido pelo embusteiro, pouco depois da chegada e pediu-lhe remédio para um mal que o afligia: morfêia. E’ de supor que o motorista estivesse ciente de seu próprio estado. Quando os médicos puderam falar com o Pedrinho e verificaram os processos de cura que empregava e que era um tipo de sertanejo simples, de aparência e procedimento simplesmente vulgares, inofensivos, não encontraram motivos bastante fortes para cercear-lhe a ação. Aí o misticador lhes disse à queima-roupa: — “Estou admirado de que os senhores tragam em seu carro um motorista morfético e não tenham dado por isso” — Os médicos ignoravam o expediente do motorista para dizer ao Pedrinho o mal de que sofria; e como a sua aparência de saúde normal não denunciava a verdade, acabaram acreditando na “sobrenaturalidade” do Pedrinho, depois de examinarem o motorista com resultado positivo. Aí fica a história, tal como me foi contada.

FESTAS

Há uma série de datas que são festejadas, correspondentes a êsse ou aquele santo. A festa consiste no seguinte:

Determinado morador faz promessa de festejar tal santo e para isso economiza durante o ano todo, reforçando as economias com esmolos, quando aquelas são escassas. Na época da festa compra um boi, se já não o tem, faz doces, bolos, compra foguetes, enfeita o santo e adquire a maior quantidade possível de aguardente. Constroem um caramanchão de palmas, em frente ao rancho, mata o boi (que nenhuma culpa tem); os convites já foram feitos, de preferência aos cantadores e tocadores, que serão os animadores da festa. Chega o grande dia. Numa sala repleta,

onde é raro haver meios de alguém sentar-se; começam a cantar em louvor ao santo, ao dono da casa, e a determinadas pessoas presentes.

São cantigas quase infantis, em que a rima, a métrica, e a gramática são tratadas da maneira mais injuriosa possível. A música não passa de cinco ou seis compassos alejados, repetidos monótonamente, ao som de tóscas violas feitas a canivete e encordoadas a fios preparados com tripas de diversos animais como a ema, o tatu, etc.; e também do “ganzá”, que consta de um ou dois tubos de taquara de 40 a 50 centímetros de comprimento, atados com embira nas extremidades, ligados paralelamente e serrilhados no sentido transversal. Um pau esfregado sobre a serrilha faz o “instrumento” produzir ruído semelhante ao do reco-reco do carnaval carioca.

As violas são tangidas infantilmente, ding-zing-ding-zing-zing, sem a menor tentativa de articulação melódica. De principio, ou seja durante o dia, os cantadores reúnem-se ante o altar improvisado, cantando e tocando em uma espécie de porfia, onde a superioridade está na quantidade de *modas* que cada um cante e no maior tempo que possa impor seu repertório. Os “azes” só cantam músicas próprias. Mas, tudo é profundamente enfadonho, entorpecente.

À noite realiza-se a reza, ponto culminante da festa. Diante do “altar”, o chão é forrado de couros ou esteiras e as mulheres ali se ajoelham, acocoram-se ou sentam-se para rezar.

O capelão (é este o título que dão ao mestre rezador) e dois ou três ajudantes postam-se de joelhos diante da mesa que serve de altar e então começa a reza. A certo trecho vem a inevitável ladainha, cantada em um arremêdo de latim, a cousa mais engraçada que se possa imaginar. O estropeamento da superaristocrática língua é tão extraordinário que certamente o santo a quem a prece é dirigida precisará de um intérprete especializado em criminologia glotológica para poder entendê-la... Desde o início da festa as mulheres conservam-se separadas, em outro compartimento do rancho. Aparecem na sala durante a reza e retiram-se ao findar esta. A terminação da reza varia das 21 às 23 horas, conforme a hora em que começa, pois sua

duração é aproximadamente de 90 minutos. São então dados vivas ao santo festejado e ao festeiro enquanto estruagem os foguetes.

Desde cedo o cálice de aguardente vem dando repetidos passeios entre os convivas. Não é raro haver pequenas interrupções nos festejos, para moderar a liberalidade de certo conviva interessado em *gratificar* a outro com algumas bofetadas.

Depois dos vivas e *foguetórios*, começa o *cururu*. Consiste essa dança (se tal título merece) no desfile de cantadores e tocadores, em fila indiana, formando um círculo, que se movimenta na sala, cantando e tocando em frente ao santo, sem parar um só instante, durante todo o resto da noite. Os disputantes mais resistentes conservam-se horas a fio naquele giro sem fim e os que se cansam vão sendo substituídos por outros que por sua vez cederão lugar aos primeiros, que voltarão logo estejam descansados. E o torneio vai-se prolongando indefinidamente, emendado muitas vezes noites e dias seguidos e no qual só os homens tomam parte, conservando-se as mulheres à distância.

Lá fora, no terreiro, forma-se ao mesmo tempo ou não, o siriri, tipo de brinquedo de roda, que aparentemente lembra êsse inocente folguedo infantil. Homens e mulheres formam pares e giram em círculos, no claro-escuro resultante da imperfeita iluminação da fogueira, ao som duma orquestra composta de viola, ganzá e garganta. Rodam até cansar e, como no *cururu*, descansam e retornam à carga.

Os apóstolos citadinos da liberdade, igualdade e fraternidade teriam muito que aprender em uma reunião daquelas. Já disse que em um dos compartimentos do rancho ficam separadas as mulheres; naturalmente ficam-lhes reunidas as crianças. E' bastante, portanto, pertencer ao sexo feminino para ter ingresso ali, seja velha, moça, menina, casada, solteira ou lá o que fôr... À medida que a noite avança, cresce a animação. Passada a vigésima quarta hora, sob os vapores do álcool, o calor das danças e causas outras; pouco difíceis de deduzir, começa uma reconstitui-

ção estilizada das lendas mitológicas, que narram as travessuras dos fâunos e ninfas sacrificando-se em oferendas a Venus, à sombra das árvores, à beira de lindas fontes cascateantes, sob as vistas complacentes de outros fâunos e ninfas, que sorridentes cantam, tocam e dançam...

Ao amanhecer é servido um churrasco e algumas horas depois o almôço. A festa pode findar após o almôço ou prolongar-se por dois ou três dias, durante os quais ninguém pensa em trabalhar.

E' comum pessoas viajarem quatro a cinco léguas a pé para tomar parte numa daquelas festas. Levam, os mais elegantes ou previdentes, roupas e rêdes dentro de um saco atado ao pescoço e pendurado às costas (o saco de mala, como o denominam).

Tais viagens são feitas até por mulheres, a pé ou a cavalo, carregando crianças, ao sol ou à noite, por campos, serras, matas e brejos, em caminhos intransitáveis. Os sertanejos têm grande entusiasmo por essas reuniões, talvez por constituírem único divertimento, pois que vivem isolados, dispersos em vasta área, sem intercomunicações, sem nenhum elo social.

Afirmam os que se dizem entendidos em folclore, que êsses costumes têm grande valor como fonte de estudo de subtilezas ligadas à tradição do homem e da terra etc., etc. Como quase tudo é possível, pode bem ser que tenham razão. E' só saber onde começa a rotina e termina a tradição, ou vice-versa, se houver o que distinguir entre uma e outra.

Tanto quanto penso poder entender dessas cousas transcendententes, privilégio de doutos vedado a leigos voluntários como eu, não consigo vislumbrar qualquer traço de importância geral ou utilidade prática (a não ser a recreativa local), naquela modalidade de jornal falado, que timbra em registrar acontecimentos ocorridos onde geralmente nada acontece. Se aquela boa gente soubesse ler, se folheasse um jornal, um livro ou tivesse a fortuna de ouvir o rádio, arriscar-me-ia a garantir que não teria a menor preocupação em cantar nas festas o fato de ter a vaca do *Mané* que-

brado o chifre há dez anos passados; que a carreta do *Djuaquim* quebrou o eixo e entornou o *fedjão*, ou que a filha do *Djuão* obsequiou-o com um neto achado não se sabe onde, etc., etc.

Digo isto porque observei o que se passa na fazenda do Sr. Darwin Corrêa da Costa, homem prático, moderno e realizador, que laça bois e caça a onça durante o dia e ao anoitecer liga o seu rádio de bateria sêca para seus trabalhadores ouvirem. Ali há trabalho, conforto, fartura, nem se fala em organizar cururus e siriris, embora o pessoal freqüente essas reuniões, às quais é atraído por algumas razões um tanto alheias à tradição oral...

TRATAMENTO DA TERRA

Como já foi assinalado, a aquisição de ferramentas para o trabalho agrícola ou de carpintaria é por lá um sério problema, visto depender do comércio local, havendo por isso grande falta delas. Em conseqüência, o sistema generalizado de preparar a terra para plantio é a roçada e o fogo, à falta de recursos técnicos e econômicos para êsse fim, valendo-se o morador do processo que se lhe afigura mais rápido e barato. Existem posses antiquíssimas, que nunca foram demarcadas convenientemente e por isso não levantadas em planta. Há também terras devolutas, que são uma espécie de “terra de ninguém”, na qual todos mandam e delas usufruem, sem nenhuma responsabilidade.

Umás e outras são tratadas pelos mesmos processos: pouco ferro e muito fogo. De ordinário, para limpeza de um hectare, por exemplo, há queimadas de muitos quilômetros quadrados. O fogo salta os aceiros e alastra-se sem limites, ninguém se importando com isto. A roça é plantada e colhida. No ano seguinte ou no máximo dois anos depois, o terreno cultivado está coberto de vegetação meúda, viçosa e variada, que sucede ao desaparecimento da mata virgem: é a chamada capoeira, trabalhosíssima para limpar. E' mais fácil preparar outro roçado em terreno virgem. O primeiro é abandonado e o novo, com a ajuda do fogo, fica logo pronto. No ano seguinte repete-se a ope-

ração. E como todos procedem assim, as terras cultivadas, bem como as matas-virgens, terão ali uma duração fácil de estimar.

Há lugares onde se encontram árvores enormes com um cipóal de raízes em cima da terra ou das lajes. E' claro que raízes não se desenvolvem assim. Aquilo é obra do fogo repetido todos os anos.

Enquanto a terra, desnudada pelo fogo, espera que a vegetação germine, as enxurradas das primeiras chuvas vão-na gastando e carregando os detritos para as grotas e margens dos cursos d'água, ponto onde há sempre fertilidade e mato alto, sendo preferidos para o plantio das roças. Mas com o método de tratamento, vão também ficando devastados.

Queixam-se muitos moradores que de ano para ano as fontes naturais vão desaparecendo sem que saibam a causa, "só podendo ser castigo".

Respondi-lhes que o castigo era-lhes impôsto por êles próprios, destruindo as matas e campos pelo fogo e, em consequência, as águas e a terra. Acharam muito certa e muito interessante a explicação. Mas continuam a tocar fogo em tudo. E' mais fácil e mais barato.

AS ROÇAS

Há entre muitos moradores o costume de fazer as roças a uma, duas e três léguas distantes do ponto onde residem, por causa dos porcos, explicando que estragam as plantações. Mas com êsse expediente não conseguem evitar a devastação causada pelos veados e capivaras, antas e pacas, cujo "imposto" costuma a exceder de 50% da colheita. Fazem armadilhas com fôssos ou espingardas, montam guarda durante a noite e mesmo assim são continuamente burlados pelos sagazes animais.

E' digno de nota que ninguém se lembre de cercar e prender os porcos, ali onde a madeira nada custa. São pouco comuns os roçados protegidos por cêrcas e, quando estas existem, são feitas por um processo demoradíssimo

que consta de um alinhamento de forquilhas sucessivas implantadas em obliquo, às quais se apoiam 3 ou 4 estacas justapostas também obliquamente. E' a cêrca sistema "espinha de peixe", como a denominam e cuja duração depende da qualidade da madeira empregada; seja esta boa ou má, é sempre excelente prêsa para o fogo, que não a poupa, mercê da ausência de cuidados preventivos.

Assim com as lavouras tão distantes, andam até seis léguas por dia para tratá-las, perdendo todo o tempo nesse vai-vem, quando não preferem erigir um abrigo tòsco na própria roça e ali passarem a semana ou a quinzena. Colhido o mantimento, é armazenado ali mesmo na roça. Para casa vai um pouco, transportado às costas, a pé ou no cargueiro de Eoi. Consumido êsse pouco, voltam à roça para buscar outro pouco. Se resolvem vender uma parte da colheita (caso geral), os cargueiros de boi são lotados na roça. E segue o comboio, às vezes com 15 ou 20 cargueiros e quase outros tantos locadores, pois que geralmente cada um, dois ou no máximo três cargueiros pertencem a um morador, reunindo-se diversos dêles para viajarem juntos, ajudando-se mutuamente nos pousos, disparadas e pequenos incidentes da marcha.

Essas viagens, conforme a distância, demoram até 12 dias, ida e volta.

Há quem fique sem comer, como testemunhei pessoalmente, porque o mantimento (milho, arroz, feijão, bananas, abóboras) está na roça. Algumas vezes o mantimento é roubado e passam então a vigiá-lo à noite. Se o ladrão aparece, é afugentado a tiros. Outras, é o fogo que o destróe. Tudo por causa dos porcos, que por sua vez nem sempre são tratados devidamente e vivem a "cavar a vida" com o focinho, no campo, com o esqueleto a furar a pele.

Um fazendeiro manifestou-se de maneira sombria, ao referir-se a muitos daqueles moradores, dizendo: "Não sei como essa gente pode viver, passando dias sem comer: quando obtém algum mantimento, come-o todo de uma vez e se se apanha em casa alheia em que haja fartura, come de tudo, o mais que pode, a ponto de adoecer: vive como selvagem domesticado".

GARIMPOS DIAMANTÍFEROS

Casos de desorganização por *falta* e por *excesso*.

Nesses garimpos verificam-se casos de desorganização *por falta*, nas seguintes condições: um garimpeiro, sem recursos, vai trabalhar de “meia-praça” com alguém que possa fornecer-lhe meios de subsistência, isto é, arranja um financiador, a quem pagará com o produto do trabalho o fornecimento, além de uma quota de sua parte líquida na apuração dos resultados. Até mulheres da vida fácil têm trabalhadores como “meias-praças”. O garimpeiro cava de 12 a 18 horas por dia, amontoando cascalho durante semanas, meses até. Depois dá início à lavagem do cascalho. Não tem sorte. Não encontra pedra. Fica endividado até a alma. Continua trabalhando até que consegue alguma coisa. Coragem não lhe falta. Sua resistência moral não conhece limites. E quando a sorte o protege, no acerto de contas nada lhe sobra, porque além de ser honesto, como é sempre o garimpeiro, e nada querer ficar a dever, era o fornecedor quem lhe debitava o que queria pelo preço que bem entendia. Entretanto, aquelas mesmas pedras que, vendidas, mal deram para pagar a dívida de quem as encontrou, são vendidas pelo dôbro, o triplo ou mais do que o que foi pago ao mísero pesquisador. O intermediário fica rico. É esse o caso comum: a falta de amparo ao produtor.

Vejamos agora o caso de desorganização *por excesso*: o garimpeiro lava o seu cascalho e apura certa quantidade de produto comerciável. Não está empenhado a nenhum fornecedor e tem apenas algumas dívidas normais para quem trabalha em indústria extrativa. Faz a venda de suas pedras e apura Cr\$ 25.000,00. Dois dias depois, já tendo pago uns Cr\$ 6.000,00 que devia, não lhe restam vinte centavos dos Cr\$ 19.000,00 líquidos. Todo esse dinheiro foi esbanjado no jôgo (a lepra dos garimpeiros); na bebida pedida às dúzias de garrafas aos inúmeros botequins sempre infalíveis ali; na satisfação dos caprichos calculados das velhaquíssimas aventureiras, que se reúnem às dezenas em todos os garimpos, arruinando a bolsa e a saúde daqueles trabalhadores-sonhadores. Raríssimo é o garimpeiro que aproveita as oportunidades felizes para acumular alguns recur-

sos com que desenvolver a atividade a que se dedica ou qualquer outra para que tenha aptidão.

Tal maneira de proceder pareceu-me um excesso de liberdade no emprêgo do produto do trabalho, se malbaratar o dinheiro *é empregá-lo* em alguma cousa.

POAIEIROS

Uma outra variante de garimpo é a extração da *Ipeca*, *Ipecacuanha* ou *Poaia* (poalha, como diz o campônio).

Na época das águas milhares de pessoas deixam suas casas, algumas levando família, marcham para as matas da poaia, “saco de mala” às costas, no afã de embrenharem-se nas selvas onde abunda a valiosa raiz. Organizam-se em grupos e partem, vencendo dezenas de léguas a pé. Êsses grupos têm sempre um “patrão”, o financiador de suas despesas e que lhes faz um “fornecimento” ou seja certa porção de gêneros alimentícios, ferramentas e algum dinheiro, ficando tudo debitado individualmente a cada um dos componentes do grupo, responsável por sua parte do total.

Objetos pessoais, panelás, armas, víveres, saraquás, etc. formam uma respeitável carga, que é conduzida às costas ou em cargueiros de boi, pelas trilhas incertas, através de serras e matas. O saraquá é uma variante da cavadeira de ferro de cerca de 0m25 de comprimento, estreita, na forma de meia canaleta, que se usa na extração da poaia, com um cabo de madeira que lembra o da foice.

O poaieiro vai sempre para a mata, mas o patrão invariavelmente fica em casa ou na cidade. Entre ambos foi celebrado um acôrdo verbal.

A safra será paga ao poaieiro por exemplo a Cr\$ 30 ou 40 por quilograma. Nessa base, ainda que não seja muito vultosa, dará para custear as despesas do fornecimento e sobrar qualquer cousa. Mas o que acontece geralmente é o trabalhador dar-se por feliz de voltar vivo e são e não ficar a dever ao patrão que, no acerto de contas lhe diz que a mercadoria baixou de preço, que não lhe pode pagar nem a metade do combinado, e pronto. Se o poaieiro adoece de febre palustre, como é comum; se é mordido pela

terrível sururucu, a mortífera cobra do poaial, cousa que é raro não ocorrer; se é hostilizado pelo índio, caso frequente; se morre em consequência de qualquer dêsses imprevistos, fato repetido, isso é lá com êle. Essa história de direitos do trabalhador é luxo de cidade grande, é assunto com que os jornalistas enchem espaços vazios, à falta de matéria paga; é passatempo de locutor de rádio, quando não tem mercadoria para anunciar.

Em todo o caso, o mal de muitos consola a todos. Por lá, a situação do trabalhador rural, quanto às modernas conquistas sociais, é semelhante à do poaieiro.

Nem todos os patrões, contudo, fazem as vezes de mata-borrão do suor do poaieiro, assim como nem todo poaieiro cumpre honradamente o que combina com o patrão. Ambos, porém, são exceções, embora de sinais contrários, à regra geral. Barra dos Bugres, a pequena vila à margem direita do rio Paraguai, está situada em plena zona das matas poaieiras. Passa grande parte do ano como que em repouso. Mas quando chega a época da extração da ipeca, o seu movimento é enorme. Por ali transitam diariamente dezenas de poaieiros, para fazerem sortimento e seguirem para as matas. Ali residem muitos fornecedores e compradores de poáia, sendo quase todos comerciantes. A antiga e acreditada família *Ourives*, cujos numerosos membros são quase todos dedicados ao comércio, e outras, reúnem considerável "stock" de ipeca. Naquela vila tive oportunidade de conhecer o principal comprador daquele produto, o comerciante Sr. *Alfredo José da Silva*, um exemplo de respeito pelos direitos do trabalhador, um modêlo de lisura em suas transações com os poaieiros e com todos em geral, em cujo meio goza de verdadeira veneração. Sua honradez lhe confere credenciais para exercer o encargo tácito de conselheiro até das próprias autoridades locais. E' como se fôsse um burgo-mestre honorário, por aclamação.

Parece que têm sido feitas, por interessados imediatos, algumas tentativas no sentido de racionalizar a cultura da ipeca, mas, ao que se diz, a planta é refratária aos processos científicos de cultura, não se deixando domesticar.

Deve ter faltado ciência nos métodos empregados, não sendo também de admirar que tenha havido ciência de

mais. O fato provado é que ninguém ainda conseguiu colher poáia a não ser da que nasce naturalmente pelas matas, segundo informam os entendidos no assunto.

Todavia, raízes que chegam a valer até Cr\$ 120,00 o quilograma, justificariam o custeio de experiências sérias para obter a sua domesticidade. Ignoro se existe algum interesse oficial a respeito da cobiçada planta, além do que se refere ao fisco e à proibição de moradores se fixarem nas matas poaíferas.

FIM

CONCLUSÃO

Findo aqui as anotações colhidas durante a apressada execução dos trabalhos que me levaram àquelas paragens distantes e tão ricas de interêsse de toda a ordem. Notas que, por desprentenciosas, ficaram sendo notas mesmo, por não me parecerem suficientemente *eruditas* para merecerem o severo nome de *Relatório*.

Ainda porque, no que escrevi, procurei deixar aqui ou ali o vestígio de um característico que considero indispensável em toda e qualquer circunstância, especialmente nesse gênero de atividade em que chego até a empenhar-me por transmiti-lo a quem trabalhe comigo: o bom humor; e essa intransigência é incompatível com a rigidez protocolar de um *Relatório*.

A parte seguinte, calcada ainda na mesma viagem, tem uma feição, digamos, turística, por não se deter, em certos pormenores mais relacionados com o serviço e, em contra-posição, expandir-se em outros que me pareceram de maior interêsse recreativo, sem entretanto enveredar pela fantasia, recurso inútil, dada a enormidade das belezas naturais daqueles sítios, onde qualquer observador mediocrementemente hábil encontrará matéria para produzir uma obra prima e colocar as minhas pobres notas em um chinelo.

JAUCOARA e JAU-COARA são duas maneiras diferentes de grafar o nome do interessante rio. A primeira obedece à lei do menor esforço. A segunda tem fundamentos *genealógicos* mais complicados e é a que deve naturalmente prevalecer, por ter sido estudada e estabelecida para figurar na Carta de Mato-Grosso.

Capital Federal — Julho — 1943.

LUIZ MOREIRA DE PAULA,
2.º Ten.

TERCEIRA PARTE

RUMO AO OESTE

VIAGEM AO SERTÃO DO ESTADO DE MATO-GROSSO

Muito simples na aparência, o lema que nos serve de epigrafe (êle nada tem de invenção nossa, conhecido como é o brilhante nome do seu ilustre criador e por já empregado como título em publicações de autoria destacada), é a síntese do maior programa de desenvolvimento econômico proposto aos brasileiros que não sintam necessidade de pedir desculpas a ninguém por terem nascido neste país. Aos outros, que não passam de meros *acidentes geográficos ambulantes* e para os quais é um grande transtôrno o Brasil ser no Brasil, não interessa o programa, que é simplesmente a ocupação desta terra. Dizemos programa de desenvolvimento *econômico* por ser o fator *economia* o motor de toda a atividade humana.

Neste momento histórico sem precedentes, quando se combate o quinta-colunismo e os *quisilings* afloram com a exuberância de cogumelos, é até alarmante falar em ocupação do território brasileiro. Mas, é evidente, o nosso país precisa e deve ser ocupado, sem demora, não se lhe deixando nem um centímetro quadrado fora da ação do dominador. Ocupado por poderoso exército, aparelhado com os mais eficientes e mortíferos engenhos de guerra, em combate contra a improdutividade! Um exército sob a direção de técnicos brasileiros, formado por legiões de trabalhadores brasileiros; a se empenhar na maior ofensiva de todos os tempos contra os campos não cultivados, despovoados de criação; contra as inesgotáveis jazidas de minérios ainda inexploradas e florestas virgens, cujas variedades não sejam totalmente aproveitadas; hão de esperar durante muitos anos o aperfeiçoamento ainda não atingido pela técnica industrial e o desenvolvimento das redes rodoviárias e ferroviárias, bem como os meios de transporte fluviais e marítimos.

O SERTÃO

E' tão verdadeira e urgente a necessidade dessa occupação, que o Exmo. Sr. Presidente Getúlio Vargas lançou o desafio à nossa capacidade de trabalho, instituindo o lema: RUMO AO OESTE.

Muito se tem falado e escrito a respeito dos sertões brasileiros, cada qual usando maior ou menor dose de fantasia ou seguindo honestamente a bitola exata. Há obras escritas por personalidades que de fato percorreram aquelas regiões, donde se conclue que o sertão brasileiro sempre existiu e ainda existe.

Daí, uma outra conclusão se impõe: o Brasil não é só o *terreno de marinha* ao longo do qual há alguns séculos vivemos a nos *estrangeirar*.

Do preconceito, se não idéia fixa, de que só tem valor o que aparece nos cartazes da publicidade (coisa mais ou menos fácil, conforme os meios e as circunstâncias), resulta considerar-se inglório, desprezível mesmo, o esforço másculo dos que, sem alarde, se dispõem a enfrentar o *desconfôrto* e os *perigos* do interior, no propósito honesto de produzir algo especificamente útil.

Felizmente êste julgamento não detem nem impressiona aos trabalhadores por índole, visto partir de pseudo-juizes, que no consenso dos bem intencionados não passam de lamentáveis réus. Simples, embora pestilenta fermentação mental dos já apontados *acidentes geográficos ambulantes*.

CHEGAR, VER E VENCER

Por que, então, só agora — *Rumo ao Oeste?* (*) — Se o progresso dêste país dependia da applicação duma fórmula tão simples, é espantoso que se tardasse tanto em applicá-la. Talvez por falta de atenção no manuseio da bússola: um *ligeiro* engano de 180 graus fazia com que se fôsse procurar

(*) A fls. 22 das nótulas biográficas do livro: "Rondon — Uma Relíquia da Pátria", o autor desta obra lembra que o grande sertanista, 20 anos antes, proclamara a mesma fórmula, por outras palavras: "Rumo ao Sertão"... "Em busca do Ooeste... etc." — Nota da Secretaria do C. N. P. I.

mar em fora, por empréstimo ou cópia, aquilo que só nós poderemos crear: brasilidade, pelo conhecimento do Brasil.

O Presidente *Vargas* observou que o velho hábito de complicar as cousas simples não deu bom resultado. Resolveu então mostrar a simplicidade do que se julgava complicado, provando que, com seus próprios meios, desvendando-se a si próprio, o Brasil acharia, como achou, o ro-feiro certo. E toda a oratória que se devia desencadear em tôrno do estudo comparativo das maneiras de servir e des-servir ao Brasil, foi condensada em três palavras, que lem-bram o laconismo do comando militar: RUMO AO OESTE:

PAN-AMERICANISMO

Pairavam no ar as incógnitas do problema, invisíveis e amorfas. Todos sentiam-nas ou fingiam sentir, mas não havia como esboçar-lhes o contôrno. Só o Presidente *Vargas* conseguiu plasmá-las quando enunciou não ser ao longo da costa, mas no interior do país que devemos implantar os alicerces da nossa economia, do nosso trabalho e civilização.

Independente do sentido legitimamente brasileiro que o belo programa encerra, há a considerar, além de outras razões de suma relevância, duas outras que merecem ser colocadas no mesmo plano: fraternidade e estímulo, em relação às nações vizinhas, nossas amigas. Fraternidade — porque, desenvolvendo as nossas indústrias, fixando os centros de produção e melhorando as vias de comunicação, ampliando-as, no interior do país — e dali fronteiras além — levaremos todos êsses elementos de progresso para mais perto de nossos vizinhos, facilitando-lhes assim o intercâmbio conosco. Estímulo — considerando que êsses nossos vizinhos têm, de certo modo, análogo problema a encarar, isto é, canalizar do litoral para o interior a energia que se esmera e adormece nos retoques duma civilização costeira.

A verdadeira essência da questão não é facilmente apreensível quando se vive nas grandes cidades, onde o artificialismo mesclado de comodismo toma foros de realidade. Seria de desejar que todos os interessados no soerguimento nacional fizessem uma viagem pelo interior do país, para analisar com algum conhecimento próprio o al-

cance do lema difundido pelo nosso grande Presidente. Dêse modo se veria o que é preciso construir; estudar-se-ia como ajudar a construir e — o que é mais importante — ver-se-ia o que está construído e em construção.

E' tal a fé, o entusiasmo e patriotismo com que o homem do campo observa e sente as realizações do govêrno e busca meios de colaborar na grande obra, que o homem da cidade acabaria convencendo-se de que já tarda em se tornar homem do campo também. Esta observação superficial fizemo-la de passagem para a realização de modesto trabalho topográfico, cuja execução nos levou além da vetusta Cuiabá, ao centro de Mato-Grosso, donde regressámos em fins de outubro último.

Das proximidades de Campo-Grande, a moderna e progressista cidade sul-matogrossense, a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil lança um ramal através de belos campos, na direção da cidade lindeira de Ponta Porã, donde proseguirá no território da pátria do grande General Estigarribia.

Régia contribuição brasileira para o bem daquele estimado vizinho, o Paraguai. Em Aquidauana a engenharia militar iniciou a moderna rodovia, já concluída, que vai a Bela-Vista e Pôrto-Murtinho, sobrepujando terrenos pantanosos e periódicamente inundados. Vimos o imenso pantanal do rio Paraguai, humilhado, reduzido a zero, pela majestosa ponte de concreto armado erigida em Pôrto Esperança e que em breve ligará, sôbre trilhos brasileiros, a mesma Estrada de Ferro Noroeste ao coração da nossa valente vizinha — a Bolívia. Ouvimos o apito da locomotiva brasileira que de Corumbá avançava para Santa Cruz de la Sierra, levando ao amigo boliviano a moderna mensagem de cooperação e progresso. Admirámos as formidáveis obras do Arsenal de Ladário. E sôbre o pantanal incomensurável, dominando-o ainda uma vez, asas metálicas de aviões, reduziram a um dia de esplêndida viagem os milhares de quilômetros que nos separam da cidade de

CUIABÁ

Lá, apesar da distância, ou talvez por isso, sente-se igualmente o despertar do Brasil. Se Cuiabá é antiga, mais

antigo ainda é o rio que lhe dá o nome. Tendo-se desenvolvido em ambas as margens do rio, achava-se dividida e essa divisão dificultava-lhe a vida.

Uma ponte que ligasse as duas partes da cidade: eis a quase eterna aspiração de Cuiabá, que por assim dizer, sofria uma necessidade mais remota que ela própria. Várias vezes centenária, só agora, depois do advento do Estado Nacional, aquela necessidade foi suprida: fêz-se a ponte monumental, em concreto armado.

Edifícios destinados à alta administração, policlínica, maternidade, moderníssimo sistema de purificação da água, hotel, cinema e diversas outras obras acabadas ou em vias de conclusão, atestam a pressa com que a histórica Cuiabá procura acompanhar a marcha vitoriosa de todo o Brasil.

RODOVIAS

Na ponte aqui mencionada, começa a esplêndida rodovia, que um punhado de moços idealistas da Engenharia Militar está construindo, com sólidas obras darte estandarizadas, a qual medirá algumas centenas de quilômetros atravessando sertões virgens, terras auríferas e florestas de seringais em plena e rendosíssima exploração, e, nessa audaciosa arrancada RUMO AO OESTE, talvez só se detenha nas praias do Pacífico.

Por aquela mesma ponte não demorará a passar a grandiosa RODOVIA PAN-AMERICANA, que partindo desta Capital, já se move em busca do OESTE, ultrapassando-o (pan-americanamente) numa demonstração convincente do espírito de cooperação internacional, predominante em todos os atos do moderno governo brasileiro.

PIONEIRO

Há já alguns anos, ilustre patricio nosso se esforça por enriquecer o grande Estado de Mato-Grosso e o Brasil com uma carta geográfica que mostre claramente ao brasileiro, no que se refere àquele Estado, a grande tarefa que lhe toca na realização do programa: RUMO AO OESTE. E note-se que essa carta é apenas um pormenor da atividade onimoda dêsse nosso patricio exemplar: O General Rondon.

A SERRANIA

Em busca de pequenos elementos complementares daquele alentado trabalho, seguimos para Mato-Grosso. Cobia-nos, no limitado âmbito de nossas atribuições, colher dados técnicos de algumas vias de comunicação recém-abertas e eliminar dúvidas sôbre o curso de um rio inexplorado e a fisionomia do terreno por êle banhado. Concluída na circunvizinhança de Cuiabá a primeira etapa do nosso trabalho, encetámos a segunda. Transportámo-nos para o centro do massiço de serras que começa nos pantanais do rio Paraguai, na altura da cidade de Cáceres, avança pela margem esquerda desse rio, forma-lhe as cabeceiras, alcança as cidades de Rosário e Diamantino e continua. Essa serrania tem o nome geral de Serra das Araras, mas apresenta uma longa série de nomes regionais.

Seu aspecto geral foge aos moldes ordinários das serras do litoral. Não é freqüente o perfil que estamos acostumados a ver nas cadêias de montanhas do Paraná, São Paulo, Minas-Gerais, Distrito Federal, Rio de Janeiro, etc.

Pelo menos, no trecho que ficámos conhecendo, é raro ver-se um pico, um grande monte. Em altitude pouco se sobrelevam. São geralmente *platôs*, de cimo plano e flancos em escarpa violenta, formando extensos paredões, onde as gargantas ou brechas acessíveis à marcha são difíceis de encontrar. Só há um meio de transpô-las: a pé. Os caminhos em geral só se prestam para cavaleiro ou cargueiro, mas de tal aspereza que nas escarpas não é possível percorrê-los montado.

Não raro, um dos lados do paredão, em vez de formar escarpa, segue plano, horizontal, ficando a encosta oposta transformada em um degrau. A muralha então aparece como se fôsse o muro de arrimo dum planalto. Outras vêzes as encostas são inclinadas fortemente ou mesmo verticais e o cimo é plano, com escassa vegetação. E ainda outras, os montes se apresentam com mais duas encostas inclinadíssimas, sendo o ápice uma espécie de gume.

Os paredões são sempre despidos de vegetação, quando se apresentam verticais, e a rocha é quase invariavelmente arenítica, de coloração vermelha.

Não são freqüentes formações semelhantes nas rochas calcáreas, as quais aparecem repetidamente em estado de esfacelamento, em fragmentos cortantes, sendo que as maiores massas dessas rochas vimo-las nos lugares denominados Camarinha e Vãozinho, dos quais voltaremos a falar.

Êsses cordões de serras quase sempre são alinhados em reta e formam desfiladeiros mais ou menos largos dispostos paralelamente. Nestas condições, marchando pelo desfiladeiro vêm-se sempre duas muralhas. Quando uma dessas muralhas é anteparo dum planalto, seguindo-se através dela, perdem-se de vista as serras e só se vê planície.

Por diversas vezes notámos um pormenor que nos pareceu interessante: estávamos no alto de um cordão muito extenso e a grande reta que a seqüência das cabeças formava, deu-nos a impressão de nos acharmos no centro da convexidade dum arco vertical, visto que as suas extremidades iam baixando igualmente até desaparecerem no horizonte. Dias depois encontrámo-nos de novo sobre o mesmo cordão, mas num dos pontos que da primeira vez nos pareceu estar mais baixo que aquele onde estivéramos. Mas agora, era aquele primeiro ponto que se mostrava em nível inferior. Em outros cordões de serras observámos o mesmo fenômeno.

A região da qual estamos tentando esboçar êste ligeiro perfil e onde começaríamos o nosso trabalho, situa-se entre os meridianos W. Gr. de 57° e 58° e os paralelos S. de 15° e 16°. A serra apresenta quatro cordões. O primeiro e o penúltimo dêsses cordões formam, em parte, os muros de arrimo de dois belos planaltos de cêrca de vinte e quatro quilômetros de largura. Atendendo ao sentido Leste-Oeste de nossa marcha, o primeiro planalto começa na altura das cabeceiras do rio Sangradourozinho e termina nas escarpas onde têm origem as nascentes do ribeirão dos Macacos, pertencente à bacia do rio Cuiabá. O segundo planalto apoia-se a S.O. nos contrafortes denominados Serra das Sete Quedas, para os lados de Cáceres e vem morrer nos “aparados” e contrafortes que modelam as cabeceiras do rio Salôbra Grande, ao N., limitando-se a L. com o cordão ao pé do qual correm, em sentido oposto, os rios.— Flechas e Jaucoara.

O RIO JAUCOARA

Era precisamente o rio Jaucoara o objeto de nosso trabalho.

Como dissemos, êste rio tem origem no flanco do segundo cordão da Serra, junto ao qual corre inicialmente em rumo sensivelmente N.E.

O rio Jaucoara contraverte com o rio das Flechas; as cabeceiras de ambos se entrelaçam, separadas por pequenas elevações e rugosidades de um terreno duríssimo, coberto de fragmentos de pedras areníticas. O local é campo revestido de capim ásperó, numa garganta de cêrca de um quilômetro de largura, tendo a L. o morro do Potreiro (extremidade dum cordão de serra que separa o Alto-Flechas de seu tributário Flechinha) e a O. o já mencionado segundo cordão.

Fica, pois, a cabeceira do Jaucoara situada no município de Cáceres, na fazenda denominada Coqueiro, cêrca de duzentos metros acima do nível do mar. Essa fazenda pertence ao Sr. Darwin Corrêa da Costa, trabalhador incansável, servido por um espirito moderno. E' o limite S.O. da maior bocaina ou vale onde o Jaucoara desenvolve mais de metade do seu curso; a largura dêsse vale está entre 15 e 25 quilômetros, ou melhor, varia entre êsses números, ora mais ora menos, devido à presença dos contrafortes irregularmente distribuídos das duas longas cadêias que a limitam. A cadêia de L. interrompe-se junto ao morro das Araras, onde o caminho passa em suave declive para a baixada do rio Cuiabá (mais ou menos 120 quilômetros da fazenda Coqueiro). A cadêia de O. prolonga-se na direção de Rosário-Oeste, tomando alguns dos já referidos nomes regionais: Curupira, Tombador, etc.

Depois do trabalho preparatório indispensável à fiel localização da principal cabeceira do rio Jaucoara, iniciamos o levantamento prôpriamente dito. (Êsse trabalho preparatório consistiu no levantamento regular de um alinhamento que teve início na linha telegráfica construída pelo Exmo. Sr. General Rondon, de Poconé a Cáceres, no ponto dantes nomeado Barracão, hoje fazenda Sangradourozinho, junto à margem direita do ribeirão dêste nome).

Por ser muito áspero o terreno marginal do rio Jaucoara, sulcado de ravinas profundas, blocos de pedra de todas as dimensões, não raro coberto de matas e espinheirais, resolvemos lançar o eixo do levantamento no próprio leito do rio. Curva por curva, seguimo-lo até o fim, continuando pelo rio Paraguai até a vila de Barra dos Bugres, que fica a 17 quilômetros abaixo da foz do rio Jaucoara. Situada na margem direita do rio Paraguai, essa vila é o centro de convergência da produção de milhares de brasileiros, que mourejam periódicamente na safra dos opulentos poiais circunvizinhos.

Trabalhando a pé enxuto, ou com água até a cintura, ou ainda em canoas, o nosso taqueômetro sempre estacionou em terreno firme. Era trabalho destinado a figurar na Carta do General Rondon, logo, devia ser feito *rondonicamente*, isto é, o melhor possível. Cada nova dificuldade que se apresenta é estímulo para a nossa pequena turma, resolvida a levar a bom termo aquela ínfima contribuição para mais amplo conhecimento do interior brasileiro; resolvida a seguir, na medida de suas forças ou mesmo além destas, o RUMO AO OESTE.

Não vamos recapitular as dificuldades vencidas, coisa natural em tais lugares; dificuldades que abrangem o transporte, as comunicações, braço trabalhador, recursos técnicos, médicos, de alimentação, etc. São justamente tais dificuldades que fornecem os elementos para a classificação dessas paragens. Considerávamo-nos entes privilegiados por sermos os primeiros a percorrer, em missão oficial, aquele selvático amontoado de escarpas, vales, serros, gargantas e bocainas quase inacessíveis, povoados de mil onças traçoceiras, milhões de pássaros tão belos e variados que um ornitologista pensaria estar sonhando, se percorresse tal região. Colônias imensas de insetos fosforescentes, que emitem uma luz contínua (não intermitente como os vagalumes) ofereciam-nos a visão noturna duma grande cidade iluminada, contemplada do alto, de muito longe.

Avançando sempre ao pé da encosta, o Jaucoara ia-nos mostrando, como num calidoscópio, admirável seqüência de paisagens e pormenores curiosos. Aqui, uma corredeira, onde os peixes fazem competição de velocidade com

a água; ali, praias literalmente cobertas de borboletas de todas as cores e tamanhos, sempre buliçosas; acolá, poços tranqüilos onde a água parece dormir; por toda a parte, barrancas, de cujas árvores frondosas pendem, aos milhares, os engenhosos ninhos da japuira, de olhos azues, plumagem preta e amarela e perninhas róseas; na sua linguagem festiva, parece conversar com o viajante, ralhar-lhe, por intrrometer-se no seu reinado.

Várias particularidades destacam êsse pássaro: grande facilidade em aprender a falar e a arremedar as vozes dos outros animais, mesmo dos quadrúpedes; precaução em construir seu ninho (no feitio dum sinal de interrogação às avessas, com entrada pela parte mais fina) nos galhos do chamado “novato”, árvore que abriga, em galerias internas, uma terrível formiga que ataca a tudo quanto encoste na hospedeira, ou em qualquer outro galho onde exista casa do não menos terrível maribondo “apiacá”. E como (não se sabe por que) nem a formiga nem a vêspera incomodam a japuira. Tem ela defesa gratuita e permanente para o seu ninho e assegurada alimentação abundante, pois devora gostosamente o maribondo. Teoria um tanto obscura, embora bastante aproximada dos costumes humanos, em matéria de agradecimento...

O SALTO DO ÁGUA LIMPA

Entre outros tributários recebe o Jaucoara à margem direita o ribeirão Água Limpa, dotado de lindo salto, o qual foi batizado com o nome da primeira dama matogrossense — D. Maria Müller. Mais abaixo reune-se-lhe o principal afluente e homônimo, o Jaucoarina, que lhe vem ao encontro em rumo diametralmente oposto e banhando a mesma encosta.

O PRIMEIRO BOQUEIRÃO DO JAUCOARA

Parece que o rio deseja intentar um golpe de mão contra a serra, tantas vezes roça-lhe o flanco e se afasta. Sentindo-se fraco, marca encontro com o Jaucoarina: um reforço notável. Feita a junção, o Jaucoara volve à esquerda e investe violentamente contra a serra, abrindo uma pas-

sagem espetacular de escassos metros de largura e muitas dezenas de altura. E' o primeiro boqueirão da série de quatro que vamos atravessar com admiração crescente.

Esta passagem é um quadro empolgante. Parece uma brecha feita a dinamite. Espera-se ver um salto prodigioso do rio, mas o que se encontra, bem no núcleo central da serra, é um poço, quase um lago, de grande profundidade. No cimo da rocha talhada a pique, o verde tropical da mata opulenta. E na água cristalina, foge, brinca, luta, toda uma fauna ictiológica, desde o gracioso e inofensivo lambari até o agigantado e temeroso jaú.

A CAVERNA DO CAMARINHA

Transposto este magnífico acidente (em canoa, pois que os paredões são verticais e intransponíveis por terra), o leito do rio mostra inconcebível esfacelamento de pedras, como se o canal resultasse de monstruosa explosão. Esclamamos no vale, no desfiladeiro da Camarinha, coberto por densa floresta de madeiras de lei e palmeirais de babaçu. O espectador, mal refeito da surpresa, da estupefação motivada pela primeira mostra daquela arquitetura alucinante, já defronta outro paredão, maior, mais elevado. E' o morro da Camarinha, onde se encontra imensa caverna calcárea, capaz de abrigar três mil pessoas. Escuríssima, visitámo-la à luz de lanternas, candêias e archotes. Sua beleza, seus indescritíveis arranjos ornamentais, resultantes do trabalho milenar de gôtas d'água carregadas de cálcio, fazem-nos lembrar os palácios encantados descritos nos contos das Mil e Uma Noites. E' possível que os nossos arqueólogos ainda venham a escrever interessante capítulo como resultado das pesquisas que futuramente façam ali.

O SEGUNDO BOQUEIRÃO

O Jaucoara não deixa suspeitar premeditação, quando se desvia do morro da Camarinha e vai costeando o flanco oposto do mesmo cordão anterior.

À certa distância volta-se sôbre si mesmo, em rumo rigorosamente oposto; avança uma centena de metros e do-

brando de novo à direita, fere a fundo a Serra da Camarinha. Custa-se a crer que aqueles cinco ou seis metros cúbicos de água tivessem podido cavar um monstruoso canal de mais 100 metros de altura, com 12 a 60 metros de largo e 1.500 metros de comprimento, no paredão eterno de rochas ciclópicas. Um canal medonhamente belo, esmagadoramente majestoso.

Blocos imensos, destacados do massiço, tornam quase impossível a travessia, sumindo-se as águas nas fendas e interstícios para reaparecer *espumejante*.

Poços fundíssimos, rápidos fulminantes, pequenos saltos, fazem um barulho enervante, de ensurdecer. As paredes verticais ou ameaçadoramente pendidas para dentro, parecem desmoronar sôbre a cabeça do visitante; efeito de ilusão visual, se uma nuvem fugidia desliza no céu arrasada pelo vento.

Uma florzinha silvestre, agarrada ao limo úmido da escarpa, tal a criança que se apega às vestes maternas, balouçava cândidamente, como que sorrindo da nossa aventura. Outras, aos milhares, imitavam-lhe a expressão.

Parece impossível continuar. Falta firmeza nos pés, em falso contacto com aqueles blocos polidos até o brilho. Falta apoio nas muralhas verticais. E' preciso escalar por saliências de cinco centímetros, fendas ínfimas, raízes do diâmetro de um dedo, cipós que lembram barbantes. E' preciso nadar desta escarpa para aquele pedrouço. E o aparelho? Está desmontado; cada homem ata ao corpo, com as roupas, que já despiu, a parte que lhe toca transportar. Na nova estação o aparelho é montado. E de novo desmontado. Agora é uma jangada que se improvisa com destroços de madeira despedaçada pela fúria das águas e que será rebocada a nado, por meio de um cipó prêso aos dentes. E o trabalho prossegue para o Poente. Somos soldados. A turma é composta de civis, mas todo civil é um soldado do Brasil. Estamos atendendo à voz do Chefe que comandou — RUMO AO OESTE! Avante, pois.

Aproxima-se a noite. O frio petrifica os músculos e ainda temos que atravessar a nado este grande poço. Mais um esforço e está vencido o grande boqueirão. Doze horas de luta contínua. A nossa caderneta regista: Dia 6 de julho

de 1942. Segundo boqueirão: 1.500 metros de comprimento. Dezenovê horas.

Achamo-nos agora no Vão Grande. Comemos saboroso arroz que nos forneceu um dos moradores, às 22 horas e passámos o resto da noite ao pé do fogo.

Na travessia dêsse boqueirão só nos foi possível transportar o material de trabalho e, para regressar ao ponto de partida, foi-nos preciso caminhar vinte quilômetros, contornando a ponta da serra.

O TERCEIRO BOQUEIRÃO

Calmamente, como a criatura mais inocente dêste mundo, o Jaucoara, arrebatador de montanhas, vai-se acomodando entre contrafortes, talvez ruminando novas proesas. Depois duma longa série de voltas, como que procurando ganhar tempo e desviar a atenção, investe contra o terceiro paredão, a serra ou morro do Canal.

Escusado é dizer que essa muralha rochosa é por sua vez levada de vencida. Desagregar blocos de centenas de toneladas, cavar poços negros de grande profundidade no âmago das serras, mergulhar sob os destroços e reaparecer de novo, é o esporte favorito do Jaucoara.

Seja por capricho ou acaso, o rio prepara em cada boqueirão cenários especiais, cujos atrativos fazem com que o visitante se afaste dêles penalizado. E' que talvez a êsse visitante jamais aconteça encontrar em outras regiões algum lugar de tão impressionante beleza. Umhas poucas centenas de milhares de metros cúbicos de pedras arrebatadas loucamente, aquela vegetação disposta de modo inesperado nas saliências e anfratuosidades da penedia e a água irisada à luz do sol, fazem dêsse boqueirão qualquer cousa que se torna indelével em nossa lembrança.

Como que arrependido de tanta violência, o rio forma um novo poço, espécie de prêmio de consolação aos cardumes de peixes de toda a qualidade, que lutam para atravessar o boqueirão. Baldada tentativa: bem ao centro dêste amontoam-se blocos sobre blocos, sob os quais se comprimem tumultuosamente as águas.

Esse poço marca o limite até onde podem vir os peixes de “águas acima”, na sua deliciosa vagabundagem. Logo abaixo do estrangulamento, um poço maior foi preparado parece que com o intuito de não desgostar à *peixarada* amante do turismo, que periódicamente excursiona do rio Paraguai ao Jaucoara e, ao chegar naquele ponto, não pode continuar. Ali assistimos a interessantes manobras de grandes flotilhas de pacus, dourados, piraputaingas e outros representantes da classe, mais ou menos importantes.

Todos se divertiam, devorando-se cordialmente uns aos outros. Os pobres lambaris, fracos, pequenos, plebeus (por instinto de conservação, talvez por pressentir ou por saberem de *ciência própria* que seriam os primeiros a ser devorados) acolhiam-se nas margens, nos lugares rasos. Incapazes de atacar mais que a pequenos insetos, alegravam-se com as migalhas que lhes atiravamos ao fazermos a nossa primitiva e frugal refeição.

PRODUÇÃO

Continuando a sua rota, que desde o primeiro boqueirão pendeu para o Norte, tendendo para Oeste, o Jaucoara passa a formar com freqüência lindos poços e corredeiras no estreito vale denominado Vãozinho, luxuosamente vestido de esplêndida vegetação. Desde a Camarinha às margens fertilíssimas do Jaucoara são aproveitadas para cultura de cereais e do tabaco. Vimos fôlhas desta planta com um metro de comprimento. As bananas, mandiocas, arroz, milho e feijão, que constituem a fonte de renda e o recurso de alimentação naqueles lugares, têm nas matas que adornam o Jaucoara o ambiente necessário ao seu perfeito desenvolvimento.

O produto dessa pequena agricultura escôa-se para a Barra dos Bugres e Cáceres, saindo também para Rosário-Oeste, Alegrete, Brotas, as três últimas localidades ribeirinhas do rio Cuiabá e chega até a cidade dêste nome. Mas, quanta dificuldade para transportar pequenas quantidades! Terreno violentamente movimentado e erçado de pedras, não dispõe a região de estradas carroçáveis. Os caminhos são de uma espereza desanimadora. São apenas

trilhos de um palmo de largura, tortuosos, subindo e descendo, esgueirando-se entre matações de pedras, por baixo de troncos de todas as dimensões, abatidos pelo tempo, pelo raio ou pelo vento. Atravessam córregos e ravinas, pendurando-se nas encostas íngremes, numa ginástica diabólica.

O BOI DE CANGALHA

Nestas condições, só um meio de transporte pode ser utilizado: o cargueiro. E, como os muares são caros, o campônio, o excelente campônio das brenhas jaucoarenses, usa o cargueiro de boi, transporte ultra-primitivo, mas que prestou sempre relevantes serviços e ainda prestará, quem sabe por quanto tempo!

O boi de cargueiro carrega até oito arrobas (para usar a linguagem métrica local), quando é um animal forte e de porte desenvolvido. Não há muitos com esta capacidade de carga. O boi de cargueiro tem a sua originalidade ou personalidade, se quizerem. Não tem pressa. Faz em média quatro quilômetros por hora. Às vezes zanga-se, dispara ou corvoeia e atira fora a carga. Se tem fome, sai do caminho e vai pastar. Se acha que a carga é demasiada, deita-se. E quando está cansado esconde-se no mato, pouco se incomodando com a ordem que o encarregado do levantamento do rio Jaucoara ou quem quer que seja tenha dado ao arrieiro para partir às tantas horas a fim de chegar em tempo oportuno a certo ponto.

Às vezes passávamos o dia à espera do almoço, que não aparecia; ou anoitecíamos no pouso escolhido ou achado por acaso, sem que os cargueiros aparecessem com as nossas rêdes, o jantar e o resto da bagagem. Quando surgia o arrieiro, informava: “O *Bem Cedo*, o *Fidalgo* ou ainda o *Pé de Chumbo* amoitou no mato e só de tarde o encontrei”. (*Bem Cedo*, *Fidalgo* e *Pé de Chumbo*, eram respeitáveis bois de cangalha). Apegado à terra — e neste ponto digno de ser imitado por tanta gente — o boi não gosta de afastar-se dos lugares de sua querência. Como não há cercas nem pastos fechados naquela latitude, é preciso amarrá-lo ou peá-lo para que não fuja. Tivemos o caso de evasão dum boi, que arrebentou a pêia e viajou dezoito

léguas para regressar à querência. Atravessou serras e furnas, com risco de ser devorado pelas onças, mas voltou ao seu antigo pasto.

Os transtornos que os pachorrentos bois nos causavam são conhecidos de todos quantos têm tido ocasião de usar êsse meio de transporte. Mas, em tal terreno e em paragens tais, êles constituem elemento precioso.

Um dia, que desejamos não esteja longe, quando aquelas serranias estiverem cortadas de modernas vias de comunicação, será dever de gratidão erigir-se ali um monumento ao boi de cangalha.

O QUARTO BOQUEIRÃO

Mas, voltemos ao rio Jaucoara. Ainda uma vez encontrá-mo-lo submisso à desordem da topografia local, coleando dócilmente entre empinados contrafortes em que as arestas dilacerantes e agressivas dos afloramentos de rochas calcáreas emprestam à paisagem um aspecto ameaçadoramente selvático.

O disfarce verde e florido das matas e plameirais não consegue atenuar, ocultar a fisionomia sinistra daqueles penhascos, negros, sulcados e rendilhados de excrescências, que lembram garras crispadas de monstros fabulosos. Parecem pilhas de destroços amontoados a esmo, as escarpas inacessíveis apresentando saliências bizarras umas, hediondas outras, todas sugerindo à imaginação excitada figuras diabólicas a praticar um alpinismo infernal. São as maiores formações calcáreas que vimos em todo o nosso itinerário. Completando o quadro, lá no fundo do estreito vale, o Jaucoara forma espelhos onde se refletem as montanhas caóticas. E, mansamente, vai deslizando.

Não consegue enganar-nos, porém. Aquela suavidade estudada oculta, sem dúvida, uma intenção maldosa. Ali, à frente, está a Serra do Limboso. Não se vê por onde possa o rio esgueirar-se sem molestá-la. A bacia fecha-se lá para os lados da serra do Curupira, os paredões vão aos poucos estrangulando o vale até fechá-lo de todo. Será esta curva um flanqueamento? Não! E' um bote de serpente. O rio

encurva-se, retorçe-se e agride a serra, que é cortada com a mesma sem-cerimônia, com a mesma brutalidade que as outras.

Do que foi o altaneiro paredão do Limboso, não se sabe há quantos anos! Resta naquele ponto uma escadaria de destroços, que serve de margens ao rio. Blocos desmedidos, submersos onde foi pedra massiça e hoje é o rio, mal emergem, como naufragos, conservando penosamente as beças fora d'água...

Poços, verdes de profundidade, pedras polidas e corróidas e sempre a vegetação exuberante, completam o quadro magnífico que constitue êsse boqueirão.

PORTÃO DE NICE

A saída, dir-se-ia atendendo a um luxo de arquitetura, dois imensos monolitos róseos, um de cada lado, emergem de um grande poço. Límpido, imóvel, liso como um espelho, o poço reflete as duas colossais massas rochosas, estáticas como sentinelas na posição de sentido, duplicando-lhes a majestade.

Pela simetria das imagens, que se projetam contra o céu e se repetem em sentido inverso na superfície líquida, tem-se a impressão de que os monolitos estão suspensão no espaço. A êsses dois gigantescos blocos que lembram colunas de imensa porta, demos o nome do PORTÃO DE NICE, por uma razão que não vamos mencionar, mas, tão forte que nos levaria a enfrentar e vencer a todos os boqueirões existentes no mundo!

CREPÚSCULO

E depois de crear cenários maravilhosos, paisagens cuja grandeza esmaga, reduz a proporções ínfimas o emocionado visitante, o Jaucoara vai correndo, cheio de mansidão, quase escondido no anonimato e se perde para sempre nas águas volumosas do rio Paraguai. Lembra um herói, que se recolhe modestamente após os louros da vitória, com a consciente tranquilidade do dever cumprido.

NAVEGAÇÃO

Referimo-nos ao uso de canoas no nosso trabalho. Pode assim parecer que se trata de um rio navegável, mas isto não é verdade. O rio Jaucoara na segunda metade do seu curso de cento e setenta quilômetros é uma seqüência de poços, corredeiras e baixios que se sucedem a intervalos maiores ou menores. O uso de canoas é cansativo pela necessidade freqüente de arrastá-las onde não há profundidade bastante. Mas, por causa dos poços não pudemos dispensá-las. Se a nossa ligeira bagagem não dispensava o trabalho de descargas e arrastamento, pior será com embarcações lotadas de qualquer carga, por pequenas que sejam. E' verdade que o percorremos na estação sêca, mas, ainda que durante as águas o seu volume seja grande e o é de fato, não há possibilidade de navegar devido à violência da corrente. Com sérias dificuldades, alguns moradores navegam, de longe em longe, no trecho final, de Rosilho ao rio Paraguai, seja na estiagem, por carência de água, ou por excesso de velocidade da corrente na estação chuvosa.

TRECHO DO RIO PARAGUAI

Idêntica observação cabe ao rio Paraguai no que se refere à estação sêca, no trecho Cáceres-Barra dos Bugres e acima dessa vila. O serviço de lanchas entre aquelas localidades só se faz mais ou menos regularmente na época das águas. Durante a sêca interrompe-se por completo.

Um trecho do rio Paraguai tem aspecto particularmente interessante: é um estirão de 2.000 metros de comprimento, em linha reta, ao pé dum morro de piçarra vermelha e que, por efeito da erosão cujo agente é o rio, forma uma baranca vertical com a altura mínima de seis metros. A margem oposta (a esquerda) é baixa e coberta pela vegetação denominada *sarã*: a largura média do estirão é de 60 metros e a profundidade varia de 0^m,1 a 0^m,8 na altura em que se achava o rio, quando o medimos.

Conhecido êsse trecho como Estirão do Jaú, demos-lhe um nome mais sugestivo e que melhor aproveita à beleza do cenário.

A uma praça sitiada ou um setor da linha de frente onde o inimigo faça pressão, conforme o grau de importância do ponto atacado, o alto comando determina a remessa dos reforços necessários à sua manutenção.

Este pensamento corriqueiro ocorreu-nos quando ainda nos achávamos em contacto com a população que vive nas serranias do Jaucoara. Ocorreu-nos: por que, não o sabemos. Talvez pela impressão indireta, se se pode assim dizer, de nos acharmos numa linha de frente onde sobrasse em bravura o que faltaria em petrechos bélicos e reforços humanos para que a tropa da testa não recuasse, e ainda conseguisse avançar, na peleja contra o inimigo. Talvez, sem o querer, estivéssemos comparando aqueles nossos bravos patrícios a uma vanguarda ou pôsto de vigilância, empenhado numa batalha desigual contra os inimigos da civilização e do progresso...

Inimigos disfarçados na falta de ferramentas e instrumentos de trabalho, mesmo os mais rudimentares; falta de assistência técnica de qualquer espécie; falta de sementes, reprodutores, crédito, fiscalização de preços para compra e venda, estradas, meios de transporte, assistência médica, dosagem na religiosidade, elementos sadios e estranhos ao meio (com vistas à eugenia) e de alfabetização!

Vimo-los lutando contra êsses inimigos, numericamente superiores. Lutavam com o valor que dá a certeza de que a causa é sagrada e os reforços não tardam. A MARCHA PARA O OESTE representa, para aqueles bravos, os desejados reforços, sem os quais sucumbirão.

Mostrámos a um sertanejo o retrato do Presidente Vargas e perguntámo-lhe se conhecia aquela personagem, Com a calma tradicional êle pegou no retrato, olhou-o bem e respondeu nessa linguagem pitoresca que todos já têm ouvido: "*Num conhêço não sinhô, mais a mode que representa sê um grande home*".

Com prazer rendemos homenagem à acuidade de espirito daquele nosso bom patrício e explicámos-lhe que o retrato era de alguém dedicado, de corpo e alma, ao bem-

-estar do povo brasileiro e que a marcha RUMO AO OESTE era a assistência fraterna de todos os patriotas sinceros, a êle, caipira, analfabeto, sem sapatos nem cobertor, perdido nas brenhas sertanejas, cem por cento apegado à terra pela qual dá a vida e por isso mesmo merecedor do carinho e amparo do grande homem cujo retrato lhe fôra mostrado.

MENINO-SOLDADO

Algumas crianças brincavam perto de nós e ouviam a nossa conversa. Uma delas apanha pequeno retalho de papel que havíamos pôsto fora; era uma fôlha de revista, velha e rôta. Na gravura aparecia um grupo de soldados perfilados. Sempre a velha história: quem não sabe ler, vê as figuras. O menino ficou a observar os soldados; depois reuniu os outros garotos e colocou-os em forma, tal como vira na revista. Mas não sabia o que fazer com êles. Foi pena que estivéssemos de partida e não houvesse tempo para darmos àquele pequeno e provável futuro-general, a primeira lição de comando, que êle parecia tanto desejar conhecer.

Cigarras aos milhares saturavam o ar com o seu zunido monótono. Perdizes e jaós, siriemas e juritis cantavam ao longe, despedindo-se do dia. O sol tangenciava o paredão da serra, cuja sombra se estendia até nós. Entardecia.

VISÃO

Do nosso pouso viam-se, ao longe, atenuadas pela distância e a perspectiva, os recortes das serras no trecho dos boqueirões. Quase esquecíamos a aspereza escondida nos meandros daquelas furnas. Os raios oblíquos do sol banhavam uma paisagem, cujo aspecto sugeria a idéia de que um pintor louco espalhara a êsmo tintas de todas as cores pelos montes, vales e matas. Com os olhos da imaginação íamos vendo aterros, viadutos, cortes, pontilhões, enfim, todo o aparato duma grande estrada encaixada nos flancos virgens daquelas serras.

ROTEIRO

O conjunto de boqueirões do rio Jaucoara justificaria, só por si, uma viagem aos apreciadores dos grandes espetáculos da Natureza. Desde que o visitante se despeça do avião em Cuiabá e do automóvel em Poconé, ou melhor, em Barra dos Bugres e se disponha a andar a cavalo, a pé, em canoa, a nado; dormir ao ar livre e praticar um pouco de alpinismo, não é impossível visitá-lo. Podemos garantir por experiência própria que, viajar assim, aventurosamente, satisfaz a vaidade e tonifica o organismo.

HOMENAGEM

Ao fascinante grupo de acidentes, que constituiria elemento ornamental de primeira ordem para a Rodovia Panamericana, demos o eminente nome do incentivador da MARCHA PARA O OESTE:

BOQUEIRÃO GETÚLIO VARGAS

Separadamente, cada um dos boqueirões ostenta a inscrição do nome recebido em batismo:

Boqueirão General Eurico Dutra,
Boqueirão General Rondon,
Boqueirão Interventor Júlio Müller e
Boqueirão Coronel Jaguaribe.

O estirão do rio Paraguai ao qual já nos referimos, recebeu o nome:

Estirão General Raimundo Sampaio.

CONCLUINDO

O Jaucoara é um símbolo e um exemplo. Rio pequeno, agiganta-se quando um obstáculo se lhe opõe à marcha. Por que? Por ser o seu curso tendente para o Oeste.

A tudo êle vence para mostrar que à palavra de ordem: RUMO AO OESTE, nenhum óbice é bastante forte para se con-

siderar invencível e que êste lema não é um simples arranjo de palavras: está milernamente gravado na rocha, insculpido pela Natureza na própria terra do continente brasileiro.

Mostra ao homem desta terra, o que lhe cumpre fazer: vencer todos os tropeços, mudo e pertinaz como êsse rio e, com a tranqüilidade de consciência de quem cumpre o DEVER — seguir. seguir sempre

RUMO AO OESTE.

Rio — Novembro de 1943.

FOTOGRAVURAS



Rio Paraguai — Pôrto de Ladário



Rio Paraguai — Pôrto de Ladário



Rio Paraguai — Pôrto de Corumbá



Rio Paraguai — Usina Conceição



Rio Cuiabá — Fazenda São João



Rio Cuiabá — Usina Itaipé



Rio Cuiabá — Saladeiro São Miguel



Rio Cuiabá — Usina das Flechas



Rio Cuiabá — Usina Tamandaré



Usina Tamandaré e morro de Santo Antônio



Lancha "Rio Tequari"



Ponte do Rio Cuiabá durante a enchente de 1942



Vista de Cuiabá



Cena típica em rua de Cuiabá



1 — Interventor Julio Müller 2 — Maj. Godofredo Leite Cmt. da guarnição de Cuiabá 3 — Cap. Luiz de Paula Pessoa Cmt. da IV/4.º Btl. Rdv. — Lançamento de pedra fundamental da Ponte Conde d'Eu, no Rio Parí. 1942



Estrada de Poxoréu



Desarrilamento do vagão da E. F. N. O. B. no qual viajavam os meus aparelhos



Em Poconé — Partida para o sítio Japão, rumo ao Jaucoara



No sítio do Lobo — “Rebaixados” do auto para a carroça, vamos prosseguindo
rumo ao Jaucoara



Mata do rio Sangradourozinho — Picada da Linha Telegráfica — Os 3 mueres
mal podem arrastar a carroça, presos à argila negra do lamaçal em que se
transformou a “estrada” Poconé-Cáceres



"Antigamente" usávamos carroça. Agora é cargueiro de boi que entra no "rigor da moda". Fazenda Sangradourozinho, no antigo Barracão. Partida para Monjolo



A "Casa Grande" do sítio Monjolo. O Ponciano (de pé) e o velho Bueno, que já não andava muito "bueno", por estar surdo e quase cego



Partindo do Monjolo para o sítio Campina, na serra



No alto do parecão do "Pão d'Açúcar". Veem-se cabeços da serra a perder de vista no horizonte, para o lado de Rosário-Oeste



Na fazenda Coqueiro: (1) O Sr. Darwin Corrêa da Costa entre seus filhos,
peões e o professor primário particular (2)



O Sr. Darwin Corrêa da Costa. Ao fundo o "Pão d'Açúcar"



Fazenda Coqueiro — Arraçoamento da ericção ao amanhecer



Fotografia tomada no momento em que era terminado o levantamento da cabeceira do rio Jaucoara no próprio local



Cabeceira do Jaucoara — Pedra oscilante



Operando dentro do rio Jaucoara



Filões verticais de pedra, no leito do rio, parecem ruínas de trabalho humano.
Rio Jaucoara



Dentro da paisagem agreste, o trabalho prossegue. As onças rondam por perto, mas a vigilância está alerta



Este belo detalhe do Jaucoara fica submerso nas enchentes. Vê-se assinalado o ponto onde atinge a cheia, no qual está trepado um homem



Salto "D. Maria Müller" — Ribeirão Agua Limpa — Afluente da margem direita do Jaucoara. As lages superpostas parecem de arranjo artificial



Rio Jaucoara — Arrastando a canoa nas pedras do salto. Manobra penosa que custa suor



Rio Jaucoara — Todo o rio está contido naquele estrangulamento e precipita-se no tanque de pedra



Rio Jaucoara — Boqueirão Cel. Jaguaribe



Rio Jaucoara — Boqueirão Cel. Jaguaribe — Efeito de luz



Rio Jaucoara — Boqueirão Cel. Jaguaribe — O começo do poço



O primeiro paredão, dentro do 1.º Boqueirão (Cel. Jaguaribe), fende-se longitudinalmente. Os intervalos que são dois, cerca de 30 metros, são cobertos de vegetação luxuriante. A seta indica o sentido da correnteza do rio



Boqueirão Cel. Jaguaribe



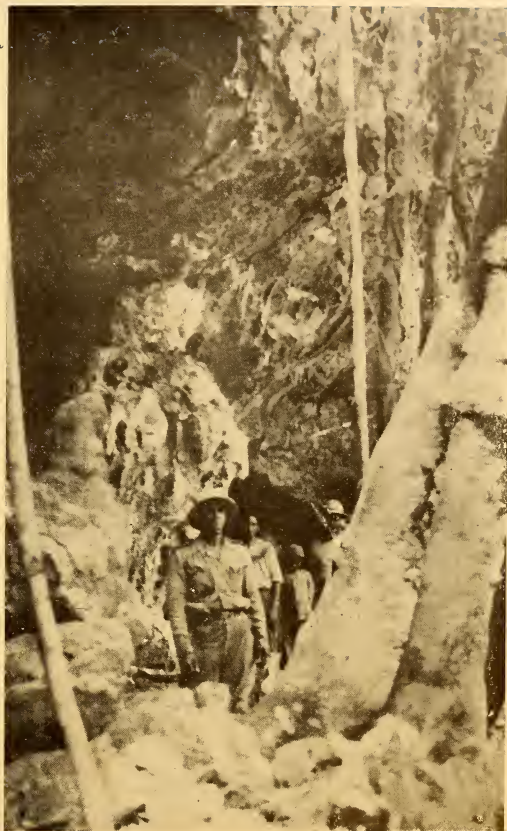
O explorador apreciando a paisagem



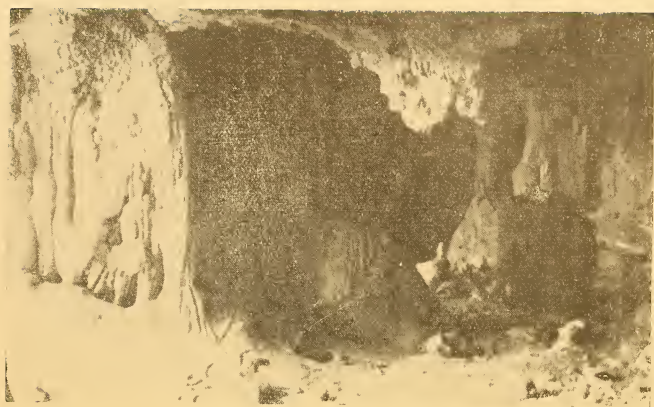
Boqueirão Cel. Jaguaribe visto de jusante



Rio Jaucoara — Vale da Camarinha — Ao fundo o morro da Camarinha



Entrada da caverna calcárea do morro da Camarinha — Esta caverna pode abrigar 3.000 pessoas



Interior da caverna — 1.º salão



Vale da Camarinha — Ao fundo a depressão onde fica o 1.º boqueirão do Rio Jaucoara



Acampamento no Tordilho — O frio, abaixo de zero, obrigou a colocação de cobertura na barraca



Cavidade natural nas pedras do Jaucoara — Variam de 0,01 a 5^m
de diâmetro



Rio Jaucoara — Lages inclinadas na entrada do 2.º boqueirão



Entrada do boqueirão General Rondon (2.º boqueirão)



Boqueirão General Rondon — Os blocos atravancam o leito, obrigando a água a passar por tuneis



Boqueirão General Rondon



Boqueirão General Rondon



Boqueirão General Rondon — Vê-se a jangada improvisada para passagem dos instrumentos no poço, a nado



Boqueirão General Ronóon — Saída, no Vale do Vão Grande



Boqueirão General Eurico Dutra
(3.º boqueirão)



Boqueirão General Eurico Dutra
(3.º boqueirão)



Boqueirão General Eurico Dutra



Boqueirão General Eurico Dutra



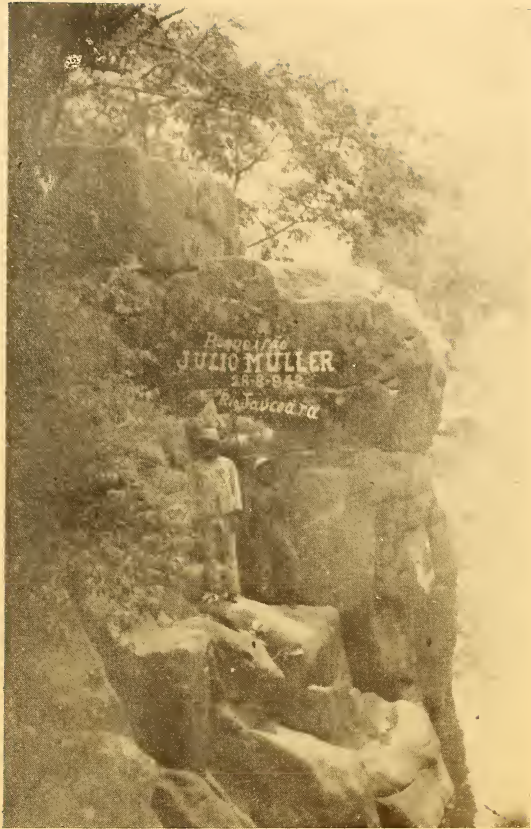
Boqueirão General Eurico Dutra



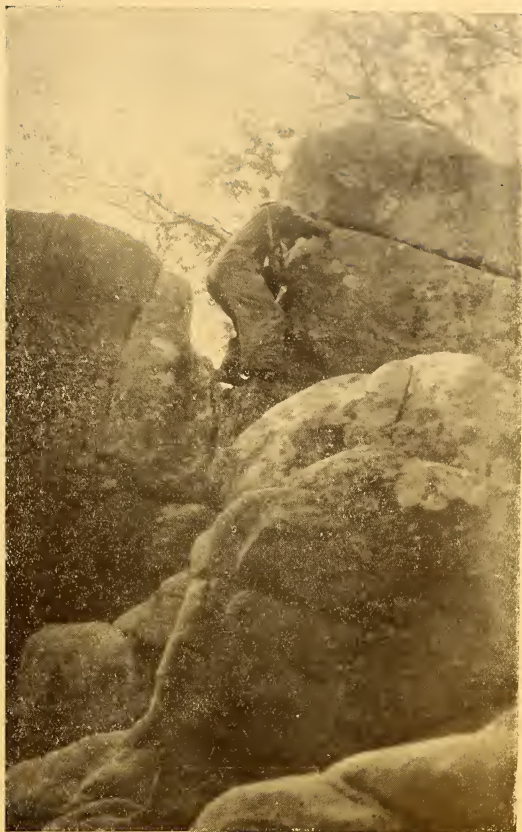
Vista de jusante — Vãozinho



Boqueirão Interventor Julio Müller



4.º boqueirão



Boqueirão Interventor Julio Müller — Ginástica repetida centenas de vèzes por dia na passagem dos boqueirões

Biblioteca do Ministério da Fazenda

488 - 54

918.1

P324

Paula, Luiz Moreira de

AUTOR

Levantamento do rio Jaucuara e
de outros trechos do estado

Este livro deve ser devolvido na última
data carimbada

488-54

Paula, L. M. de

